

REM

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Leonilde Ludovina Abreu Faria

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

outubro | 2021

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Leonilde Ludovina Abreu Faria

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ORIENTAÇÃO
Guida Reis Rodrigues Mendes



Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Leonilde Ludovina Abreu Faria

**Relatório de Estágio para Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Orientação: Professora Doutora Guida Reis Rodrigues Mendes

Funchal e UMa, outubro de 2021

*Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.*

(Saint-Exupéry, 2016)

Agradecimentos

Desde pequena que brincava às “professoras” e dizia que um dia ia tornar-me numa. Adorava estar com crianças e ler-lhes livros e, cada vez mais, essa paixão foi crescendo, por isso decidi que queria que essa fosse a minha profissão, queria puder “tocar” o coração de cada criança através da educação/ensino. Hoje, estou aqui a conquistar algo que sempre sonhei e, como tal, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram nesta caminhada e que ampararam todas as minhas quedas.

Em primeiro lugar, aos meus pais por todo o amor e apoio incondicional que me dão e por nunca desistirem de mim. São a minha maior força e inspiração. Não existem palavras que descrevam o amor que sinto por vocês e a sorte que tenho em vos ter comigo.

À tia Inês, minha segunda mãe, que esteve sempre ao meu lado, viveu as minhas dificuldades e conquistas como se fossem as dela, relembrando-me diariamente do que sou capaz, obrigada por todo o amor e carinho. À minha família, pelo incentivo e apoio, o meu muito obrigada.

Ao Riccardo por me demonstrar que a vida pode ser leve e bonita e que nós é que somos responsáveis pela construção da nossa própria felicidade. Obrigada por me fazeres sorrir e por todas as aventuras que vivemos.

À Sofia por todas as palavras sábias e por todo o apoio, és uma luz na minha vida. Por nos momentos mais difíceis dançares comigo ao som de uma música qualquer e por todas as loucuras juntas. Sabes que te adoro.

À Laura por todos os dias acalmar o meu coração, por me ouvir, por toda a paciência, apoio e amor. As amizades mais belas são as que surgem quando menos esperamos, obrigada por tudo, és tão importante e sabes disso.

À Sofia, à Luísa e à Leonor por tornarem a minha infância feliz e por serem as minhas “alunas” nas brincadeiras diárias. Apoiaram-me sempre neste meu sonho. Adoro-vos muito.

Ao Diogo e à Daniella por todo o apoio e força e, ainda, por terem me ajudado nos momentos mais difíceis, o meu sincero obrigada.

A todas as crianças com quem tive o privilégio de contactar, obrigada por todas as aprendizagens, por todo o amor, carinho e por me permitirem ser o que sou hoje.

À minha orientadora científica, Doutora Guida Mendes, o meu sincero obrigado por toda a sabedoria, por todo o apoio, flexibilidade e compreensão.

Às minhas orientadoras de estágio Doutora Maria José Camacho e Glória Gonçalves, obrigada pela partilha de conhecimentos e apoio.

À educadora e professora cooperantes: Fátima e Paula, obrigada por todos os ensinamentos e por todos os conselhos.

Aos docentes que me acompanharam ao longo do meu percurso académico, obrigada pela partilha de conhecimentos.

À Sara, à Raquel e à Elodie por toda a compreensão e companheirismo, o meu obrigada.

A todos os que fizeram parte deste percurso direta e indiretamente, o meu muito obrigada.

A minha profunda gratidão a todos vós, sem vocês esta conquista não seria possível.

Resumo

O presente relatório de estágio é composto por duas partes fundamentais: um enquadramento teórico e metodológico que tem por objetivo a compreensão, a análise e o aprimoramento de saberes sobre toda a ação educativa desenvolvida e uma parte pedagógica na qual estão compreendidas as diferentes práticas pedagógicas realizadas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. A prática pedagógica I ocorreu no Jardim-Escola João de Deus na sala do Bibe Amarelo II; a prática pedagógica II foi desenvolvida na vertente do Ensino Remoto de Emergência na turma do 1.º B; e a prática pedagógica III na turma do 2.º B, sendo que as práticas pedagógicas II e III foram realizadas na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão.

Um docente deve ser um investigador na sua ação educativa e deve refletir sobre as aprendizagens dos seus alunos diariamente. Então, com o intuito de realizar uma intervenção educativa que fosse significativa para os alunos e que fosse ao encontro das suas necessidades e interesses individuais e coletivos apliquei ao longo de todas as minhas práticas pedagógicas a metodologia de investigação-ação.

Neste sentido, na prática pedagógica I foi realizado um projeto que contempla estratégias específicas para responder à seguinte problemática: *“Como é que as crianças da sala do Bibe Amarelo II podem desenvolver a consciência fonológica?”*. Na prática pedagógica II, dado a pandemia atual denominada COVID-19 o estágio foi adaptado para o Ensino Remoto de Emergência, no qual a estratégia adotada para poder desenvolver conhecimentos e participar na aprendizagem dos alunos foi a vídeo-aula. Na prática pedagógica III, realizei um projeto de investigação-ação e incorporei nas minhas planificações pedagógicas, estratégias que pudessem responder à seguinte questão: *“Como é que os alunos do 2.º ano da turma B, podem desenvolver competências de cidadania e de convivência?”*.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Prática Pedagógica; Investigação-Ação; Consciência Fonológica; Cidadania e Convivência.

Abstract

The present internship report is composed by two fundamental parts: a theoretical and methodological framework that aims to understand, analyze and improve knowledge about the entire educational action developed and a pedagogical part in which the different pedagogical practices carried out are comprised in Pre-School and 1st Cycle of Basic Education. The pedagogical practice I took place at Jardim-Escola João de Deus in the room of Bibe Amarelo II; the pedagogical practice II was developed in the context of Remote Emergency Teaching in the 1st B class; and the pedagogical practice III in the 2nd B, both pedagogical practices II and III were carried out at 1st Cycle Basic School with Pre-School of São Roque – Edifício do Galeão.

A teacher must be an investigator in their educational action and must reflect on their student's learning on a daily basis. So, in order to carry out an educational intervention that would be meaningful to the students and that would accomplish their individual and collective needs and interests, I applied the research-action methodology throughout all my pedagogical practices.

In this sense, in pedagogical practice I, a project was carried out that contemplates specific strategies to respond to the following issue: *“How can the children in Bibe Amarelo II room develop phonological awareness?”*. In pedagogical practice II, given the current pandemic called COVID-19, the internship was adapted for Remote Emergency teaching, in which the strategy adopted to develop knowledge and participate in student learning was the video-class. In pedagogical practice III, I carried out an action-research project and incorporated strategies in my pedagogical plan that could answer the following question: *“How can 2nd year students in class B develop citizenship and coexistence skills?”*.

Key-words: Pre-School Education; 1st Cycle of Basic Education; Pedagogical Practices; Research-Action; Citizenship and Coexistence.

Sumário

Agradecimentos	III
Resumo	V
Abstract	VI
Índice de Tabelas	XIII
Índice de Conteúdos do CD- Rom	XV
Siglas e Acrónimos	XVII
Introdução	1
Parte I: Enquadramento Teórico e Metodológico	4
Capítulo 1 – A Educação/Ensino no Século XXI	5
1.1. O Perfil do Educador de Infância e do Professor do Primeiro Ciclo do Ensino Básico	6
1.2. A Importância da Organização e Gestão Curricular	13
Capítulo 2 - Educação de Infância	17
2.1 Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	19
2.2 Modelos Pedagógicos na Educação Pré-Escolar	21
2.2.1. O Modelo High/Scope na Educação Pré-Escolar	21
2.2.2. O Movimento da Escola Moderna na Educação Pré-Escolar	22
2.2.3. Modelo Reggio Emília	23
2.2.4. O Modelo João de Deus	24
Capítulo 3 - Ensino Básico	26
3.1. O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória	27
3.2. Abordagem Experimental das Ciências	30
Capítulo 4 – Metodologia	33
4.1. Metodologia da Investigação-Ação	33
4.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados Utilizados	34

4.2.1. Observação participante.....	34
4.2.2. Diários de bordo	35
4.2.3. Reflexão das atividades.....	36
4.2.4. Registo fotográfico.....	36
4.3. Método de análise de dados.....	37
Capítulo 5 - Ensino e Aprendizagem Remota de Emergência.....	38
5.1. Ensino à Distância.....	38
Parte II: Prática Pedagógica.....	40
Capítulo 6 - Prática Pedagógica I – Contexto de Educação Pré-Escolar	42
6.1. Caracterização do Contexto Envolvente.....	42
6.1.2. A Importância do Meio Envolvente na Vida da Criança	43
6.1.3. Potencialidades do Meio Envolvente do Jardim Escola João de Deus	45
6.2. Caracterização do Jardim-Escola João de Deus	49
6.3. Caracterização da Sala Bibe Amarelo II	51
6.3.1. Rotina Diária da Sala.....	52
6.4. Caracterização do Grupo de Crianças.....	53
6.5. Projeto de Investigação-Ação	54
6.5.1. Enquadramento do Problema.....	54
6.5.2. Questão de Investigação–Ação.....	55
6.5.3. Consciência Fonológica	56
6.5.4. A Importância da Consciência Fonológica	57
6.5.5. Estratégias para Desenvolver a Consciência Fonológica	58
6.5.6. Fases do Projeto	59
6.5.7. Estratégias de Ação Pedagógica	59
6.5.8. Momentos de Aprendizagem	60
A - “Vem aí o Pão-por-Deus”	60

B - “Ser amigo é...”	61
C – “Vamos descobrir os sentidos”	62
D - “A cor Red”	62
E – “A Rena Rodolfo”	64
F - “O nosso teatro de fantoches”	68
6.6. Intervenção com a Comunidade	69
6.7. - Reflexão Final da Prática Pedagógica	71
Capítulo 7 - Prática Pedagógica II - Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico - 1.º ano de escolaridade.....	75
7.1. Caracterização do Meio Envoltente.....	75
7.1.1. Potencialidades do Meio Envoltente da Escola EB1/PE do Galeão .	76
7.2. Caracterização da Escola	78
7.3. Caracterização da Sala	79
7.4. Caracterização da Turma – 1.º ano de escolaridade	82
7.5. Estratégias de Ação Pedagógica	83
7.6. Momentos de Aprendizagem	84
A – “Experiência Feijão”.....	84
B – “Como nasceram as Zebras”	85
C – “Centro de Descobertas e Experiências”	86
7.7. Reflexão sobre o Estágio de Ensino Remoto de Emergência	89
Capítulo 8 - Prática Pedagógica III - Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico - 2.º ano de escolaridade.....	91
8.1. Caracterização da Turma – 2.º ano de escolaridade	91
8.2. Projeto de Investigação-Ação.....	92
8.2.1. Enquadramento do Problema.....	92
8.2.2. Questão de Investigação–Ação.....	93
8.3.3. Cidadania e Convivência	93
8.4.4. Fases do Projeto	95

8.4.5. Estratégias de Ação Pedagógica	96
8.4.6. Momentos de Aprendizagem	98
A – “Quanto vale a amizade?”	98
B – “As formas de Natal”	99
C – “Postal de Natal”	103
D - Atividade Experimental: “Porque é que é importante lavar as mãos com sabão?”	103
8.4.7. Reflexão Final.....	106
Considerações Finais	109
Referências	113
Apêndices.....	122

Índice de Figuras

- Figura 1 - *Supermercado Continente* (p. 46)
- Figura 2 - *Parque denominado: Mata da Nazaré* (p. 47)
- Figura 3 - *Campo Desportivo da Nazaré* (p. 47)
- Figura 4 - *Regimento de Guarnição, n.º 3 (RG3)* (p. 48)
- Figura 5 - *Planta da Sala do Bibe Amarelo II* (p. 51)
- Figura 6 - *Rotina da Sala do Bibe Amarelo II* (p. 53)
- Figura 7- *Cestos do Pão-por-Deus utilizados na caça ao tesouro* (p. 61)
- Figura 8 - *Fantoches do Leão e do Rato* (p. 62)
- Figura 9 – *Fantoches do Lobo Mau e do Pai Natal* (p. 63)
- Figura 10 – *Crianças a realizar a divisão silábica com os círculos de papel Eva* (p. 63)
- Figura 11 – *Rena feita pelas crianças com materiais recicláveis* (p. 67)
- Figura 12 – *Crianças a dramatizar a Rena com o fantoches de pé* (p. 67)
- Figura 13 – *Jogo da Consciência Fonológica* (p. 68)
- Figura 14 – *Fantoches da peça de teatro* (p.68)
- Figura 15 e 16 – *Árvore de Natal – Projeto com a Comunidade* (p. 70)
- Figura 17 – *Mercado da Penteada* (p. 77)
- Figura 18 – *Arquivo e Biblioteca da Madeira* (p. 77)
- Figura 19 – *Planta da Sala de Aula do 1.º ano de escolaridade (Pré-Pandemia COVID-19)* (p. 81)
- Figura 20 – *Planta da Sala de Aula do 1.º ano de escolaridade (Pandemia COVID-19)* (p. 82)
- Figura 21 – *Vídeo-aula: “Experiência do Feijão”* (p. 85)
- Figura 22 – *Vídeo-aula: “Como nasceram as Zebras”* (p. 86)
- Figura 23 – *Vídeo Aula: “Centro de Descobertas e Experiências”* (p. 88)

Figura 24 – *Corações da “Árvore dos Afetos” elaborados pelos alunos (p. 101)*

Figura 25 – *As formas de Natal elaboradas pelos alunos (p. 101)*

Figura 26 – *A nossa “Árvore dos Afetos” (p. 102)*

Figura 27 – *Pompom oferecido aos alunos (p. 103)*

Figura 28 – *Diagrama V de Gowin (p. 104)*

Figura 29 – *Alunos a concretizar a experiência (p.105)*

Figura 30 – *Desenhos da experiência realizados pelos alunos (p.105)*

Índice de Tabelas

Tabela 1 – *Análise Comparativa entre o Perfil Específico dos Educadores de Infância e o Perfil Específico dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (p. 8)*

Tabela 2 – *Análise das Áreas de Competências do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (p. 29)*

Índice de Conteúdos do CD- Rom

Pasta A – Relatório de Estágio de Mestrado

- Relatório de Estágio de Mestrado em *Word*
- Relatório de Estágio de Mestrado em PDF

Pasta B – Prática Pedagógica na Educação Pré-Escolar

- Apêndice I - Planificações Semanais
- Apêndice II - Diários de Bordo

Pasta C – Prática Pedagógica no 1.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ensino Remoto de Emergência)

- Apêndice I - Planificações Semanais
- Apêndice II - Diários de Bordo
- Apêndice III – Mapas de Atividades
- Apêndice IV – *Links* de acesso às vídeo-aulas

Pasta D – Prática Pedagógica no 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico

- Apêndice I - Planificações Semanais
- Apêndice II - Diários de Bordo

Siglas e Acrónimos

EI - Educação de Infância

EPE - Educação Pré-Escolar

IA – Investigação-Ação

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PASEO - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PE – Projeto Educativo

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

Introdução

O presente relatório de estágio espelha tudo aquilo que foi vivenciado no decorrer das práticas pedagógicas realizadas na Educação Pré-Escolar (EPE) e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), sendo estas Prática Pedagógica I (PP I), Prática Pedagógica II (PPII) e Prática Pedagógica III (PP III). O relatório - desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico - pretende analisar e refletir sobre a ação pedagógica realizada neste 2.º Ciclo articulando, para tal, a componente teórica metodológica com a componente prática. Sendo importante referir que todas as práticas pedagógicas (PP I, PP II; PP III) realizadas permitiram-me crescer quer como pessoa, quer como futura docente.

Desta forma, este relatório de estágio é composto por duas partes. A primeira, diz respeito ao Enquadramento Teórico Metodológico e está estruturada em seis capítulos distintos. No primeiro capítulo aborda-se a Educação/Ensino no Século XXI e o modo como se desenvolve no mundo atual, baseando-se sobretudo na era digital com a presença de documentos estruturantes como o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), a Autonomia e Flexibilidade Curricular e as Aprendizagens Essenciais, bem como o Perfil do Educador de Infância e do Professor do 1.º CEB, quer a nível do desempenho geral, quer a nível do respetivo desempenho profissional específico, sendo referidas as diferenças e semelhanças e, por fim, a importância da organização e gestão curricular que, tendo como suporte a legislação, demonstra de que forma é que o currículo deve estar organizado e como os docentes devem atuar para promoverem aprendizagens significativas a todas/os as/os crianças/alunos, respeitando as suas características individuais. No segundo capítulo, aborda-se a Educação de Infância (EI), no sentido de relevar a sua importância e os seus objetivos principais para, posteriormente, referir os modelos pedagógicos para a EPE mais adotados em Portugal, sendo estes: o modelo High/Scope; o Movimento da Escola Moderna; o modelo Reggio Emilia e, por fim, o modelo João de Deus que é o modelo implementado no estabelecimento de educação onde realizei a minha PPI. No capítulo três, é abordado o Ensino do 1.º Ciclo da Educação Básica, de acordo com os seus objetivos e importância na vida dos alunos, bem como o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, no qual são mencionados as áreas de competências a desenvolver, os seus objetivos, a forma como este normativo está

organizado e, por fim, a abordagem experimental das ciências, dada a sua importância no currículo e pela panóplia de experiências de aprendizagem que proporciona às crianças/alunos. No capítulo quatro, aborda-se a metodologia de ação pedagógica que foi utilizada, sendo esta a Investigação-Ação (IA) e todas as suas componentes associadas, a saber: as técnicas e instrumentos de recolha de dados; a observação participante; os diários de bordo; as reflexões das atividades e, por fim, o registo fotográfico. O capítulo cinco, recai sobre o Ensino Remoto de Emergência, permitindo clarificar os pressupostos, os objetivos e as formas de aplicar este Ensino a Distância (E@D), visto que este foi uma realidade presente na minha PP II.

A segunda parte diz respeito ao Enquadramento das Práticas Pedagógicas, estando estruturada em três capítulos distintos. No capítulo seis, destaca-se a valência da EPE no que concerne à caracterização do contexto envolvente, e sua importância na vida da criança, caracterização do Jardim-Escola João de Deus, caracterização da sala do Bibe Amarelo II e sua Rotina Diária, caracterização das crianças. Descreve-se, ainda, o projeto de IA com referência à consciência fonológica e importância da mesma e, por fim, as fases do projeto, as estratégias de ação pedagógica que foram utilizadas ao longo da PP I, os momentos de aprendizagem concretizados, aprofundando-se um deles para melhor compreensão da minha ação pedagógica em contexto de estágio, a intervenção com a comunidade educativa e a reflexão final sobre a prática em questão. No capítulo sete, destaca-se a prática no 1.º CEB composta por: caracterização do meio envolvente e potencialidades do mesmo com exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas a caracterização da escola da sala e da turma do 1.º B. Foca-se as estratégias utilizadas ao longo da PP II de acordo com o Ensino Remoto de Emergência mediante o E@D, os momentos de aprendizagem desenvolvidos fazendo referência, mais aprofundada, a um deles e, por fim, a reflexão final sobre a PP II. No capítulo oito, continua-se com o 1.º CEB, na PP III que ocorreu na mesma escola e na mesma sala da PP anterior, no qual são referenciadas a caracterização da turma do 2.º B, o projeto de IA, composto pelo enquadramento metodológico, questão de IA sobre Cidadania e Convivência, as fases do projeto e as estratégias de ação pedagógica que foram aplicadas, de acordo com a problemática em questão. Finalmente abordam-se os momentos de aprendizagem, dando realce a um deles, e a reflexão final da PP III.

Termina-se este relatório com as considerações finais, nas quais faço uma reflexão crítica sobre tudo aquilo que vivenciei e aprendi ao longo deste percurso académico que foi, sem dúvida, um enorme contributo para a minha formação como futura docente.

Acresce ainda as referências bibliográficas utilizadas para fundamentar cientificamente o relatório sobre a minha prática pedagógica.

Para além de tudo o que foi explanado, o relatório contém ainda um índice de figuras, um índice de quadros e um índice de conteúdos de CD-ROOM, no qual estão organizadas as planificações e os diários de bordo de todas as práticas pedagógicas realizadas em contexto de estágio, bem como os mapas de atividades e os *links* das vídeo-aulas relativas ao Ensino Remoto de Emergência e, ainda, o relatório em formato *Word* e *PDF*.

Em suma, o presente relatório apresenta uma panóplia de atividades realizadas e de conhecimentos adquiridos ao longo do meu percurso em contexto de estágio, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que contribuíram indubitavelmente para a minha formação pessoal e profissional. Desenvolvi inúmeros conhecimentos através da concretização do mesmo, bem como uma atitude de investigador que analisa, reflete e investiga sobre a sua ação pedagógica com o intuito de proporcionar uma educação/ensino de qualidade às crianças/ alunos.

Parte I: Enquadramento Teórico e Metodológico

Capítulo 1 – A Educação/Ensino no Século XXI

A humanidade está em constante evolução e conseqüentemente também o nosso mundo vai sofrendo alterações. Todos nós somos uma constante mudança, em função disso, a educação/ensino têm igualmente de acompanhar essas mudanças e de se adequar às realidades da atualidade, num mundo onde as tecnologias se priorizam. A forma de educar na altura dos nossos avós ou pais, era totalmente distinta da forma como nós fomos educados e igualmente da forma como os nossos filhos e netos serão educados.

Assim sendo, desde os primórdios da humanidade que a história da aprendizagem e do ensino evoluiu fazendo parte inerente dos humanos, por essa mesma razão é crucial a transmissão das artes, dos ofícios e dos valores sociais, religiosos e culturais às gerações seguintes (Azcue, 2012). No que diz respeito aos conhecimentos essenciais e na avaliação do seu caráter, Viegas (2018), afirma que:

Esse corpo de conhecimentos é sobretudo de caráter instrumental: saber ler, que constitui a porta de entrada num mundo infinitamente mais vasto; saber escrever, que dá acesso à comunicação não presencial; saber calcular, que fornece as bases para o desenvolvimento do pensamento matemático e para a resolução de problemas práticos. (p. 417)

Este conjunto de conhecimentos detém igualmente um caráter de aprendizagem formal, no que concerne ao âmbito cultural que possui características e linguagens específicas e fornece as bases para a exploração do meio próximo (tradições, história e características económicas, sociais e físicas), bem como para a expressão e aproveitamento das linguagens artísticas (Viegas, 2018).

O nosso mundo está em constante conexão, por isso as crianças/os alunos carecem de formação para puderem partilhar e organizar, precisam de criar projetos, de partilhar ideias com os outros, de trabalhar em equipa e receber apreciações. Os distintos meios tecnológicos e as diversas fontes de informação fazem parte, muitas vezes e cada vez mais, do dia a dia das crianças e dos jovens, portanto é imperativo que estes as saibam utilizar com o objetivo de construir e adquirir conhecimento, sendo capazes de selecionar, criticar e entender. Para isso, o docente deve integrar na sua prática pedagógica esses meios tecnológicos, estando tecnicamente preparado (Azcue, 2012).

Com as mudanças atuais no nosso mundo, também o nosso sistema de Educação/Ensino em Portugal vai sofrendo alterações. Houve a atualização das OCEPE de 1997 para as OCEPE de 2016, nas quais se verificam algumas diferenças e atualmente

o currículo comporta a adoção da Autonomia e Flexibilidade Curricular. A Autonomia e Flexibilidade Curricular permite que os docentes adotem as estratégias e o programa às suas necessidades e às necessidades dos seus alunos. Por essa mesma razão, Cosme (2018) afirma que os docentes e os estabelecimentos de ensino têm de deter uma autonomia que lhes permita “(...) assumir decisões curriculares e pedagógicas capazes de suscitar um projeto de formação significativo e empoderador, o núcleo da ação pedagógica passa a ser relação entre os alunos e aquele património cultural” (p. 10). Porém, com a atualidade não foi apenas as OCEPE que sofreram alterações e o currículo, mas também as Metas Curriculares do 1.º CEB que deixaram de ser adotadas e foram criadas as Aprendizagens Essenciais que têm por objetivo uma aprendizagem adaptada à atualidade e o PASEO que visa preparar o jovem para o mundo atual. Segundo Cosme (2018), a escola é um local de sociabilização cultural imprescindível na sociedade atual e no mundo, por esse motivo os docentes são responsáveis por garantir que isto se efetive. Com a atualização de todos os documentos do currículo, os docentes têm o papel de garantir que tais aprendizagens se efetivem e que os alunos se desenvolvam como é esperado. Todos os docentes devem estar cientes das atualizações e da legislação e devem estar sempre a aprender e a adaptar as suas aprendizagens à atualidade.

Resumidamente, é importante que como docentes acompanhem as mudanças do mundo e estejamos em constante formação, providenciando às crianças/aos alunos aprendizagens ricas e diversificadas que lhes permitam adquirir competências para a atualidade e para o futuro.

1.1.O Perfil do Educador de Infância e do Professor do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Este ponto tem como objetivo abordar o que está contemplado na legislação sobre o Perfil do Educador de Infância e do Professor do 1.º CEB, observando as diversas componentes que este acarreta e também o Papel do Educador de Infância e do Professor do 1.º CEB, a fim de compreender as diferenças nos seus papéis, as características que devem possuir e de que forma devem agir na sua atividade profissional.

Nesse sentido, é importante analisar o Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1.º CEB, bem como os seus papéis enquanto profissionais de educação para que eu possa como futura profissional destas áreas

compreender aquilo que é necessário realizar e as formas corretas de agir. Com efeito, é fundamental que o Educador de Infância e o Professor do 1.º CEB conheçam a legislação e estejam predispostos a dar o melhor de si e a aprender sempre mais, para que posteriormente isso se possa refletir positivamente nos seus desempenhos profissionais e, conseqüentemente, na aprendizagem das crianças/dos alunos.

Então, como forma de iniciar esta abordagem, não poderia deixar de referir Johann Goethe que afirma: “Só é possível ensinar uma criança a amar, amando-a”¹. Na minha opinião, esta frase espelha bem aquilo que deve estar na base de ser docente independentemente do nível de ensino no qual este exerce as suas funções. Jamais poderemos educar, ensinar ou transmitir aquilo que não temos, e para que as aprendizagens possam ser significativas e as crianças/os alunos se possam desenvolver cognitivamente e emocionalmente, da melhor forma possível, é essencial que tenhamos amor e respeito por elas. A nível do Perfil de Desempenho dos Educadores de Infância e do Professores do 1.º CEB, de acordo com a legislação em Portugal, Marchão (2012) refere o seguinte:

Em Portugal, o perfil de desempenho dos educadores e dos professores foi determinado pelo Governo nos termos instituídos pelo n.º 2 do artigo 31.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, através do Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto e do Decreto-Lei 241/2001 também de 30 de Agosto. (p. 99)

De facto, estes Decretos-Leis vieram definir o Perfil Geral do Desempenho dos Professores do Ensino Básico e Secundário e dos Educadores de Infância, clarificando os perfis específicos dos Professores do 1.º Ciclo e dos Educadores de Infância (Marchão, 2012).

Com o intuito de compreendermos melhor a clarificação e as diferenças entre os perfis específicos dos Professores do 1.º CEB e dos Educadores de Infância observemos a Tabela 1, onde está presente a análise comparativa que Loureiro (2013) elaborou acerca do Perfil Específico do Educador e do Professor do 1.º CEB, na qual estão claramente evidenciadas as suas especificidades e ao observar verificamos que uma completa a outra, existindo, por isso, uma continuidade no perfil de desempenho do nível da EI para o nível do 1.º CEB.

¹ Retirado de: <https://www.pensador.com/frase/MTA1MDM/>

Tabela 1

Análise Comparativa entre o Perfil Específico dos Educadores de Infância e o Perfil Específico dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Categories	Perfil específico dos educadores de infância	Perfil específico dos professores do 1.º ciclo do Ensino Básico
I - Perfil	Aprovado em diploma próprio, tem por base a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem do presente perfil. A formação do educador capacita para o desenvolvimento de outras funções educativas, nomeadamente no quadro da educação das crianças com idade inferior a 3 anos.	O perfil de desempenho do professor é aprovado em diploma próprio, tendo em conta as especificações constantes do presente diploma, dando-lhe apenas a capacidade para lecionar neste ciclo, de acordo com a sua formação académica.
II – Conceção e desenvolvimento do currículo	O educador cria e desenvolve o currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares.	O professor do 1.º ciclo desenvolve o currículo, tendo em conta um contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam.
III – Integração do currículo	O educador de infância mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo.	O professor do 1.º ciclo promove a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania ativa e responsável, enquadradas nas opções de política educativa presentes nas várias dimensões do currículo, trabalhando as áreas de Língua portuguesa; Matemática e Ciências sociais e da natureza.

Fonte: Loureiro, 2013, pp. 44-45.

É frequente a afirmação de que o Educador de Infância e o Professor do 1.º CEB são profissões distintas, porém estas possuem muitas características idênticas e ambas têm um papel muito importante na vida das crianças/dos alunos, quer a nível cognitivo, quer a nível emocional.

Como podemos observar na tabela acima, mais concretamente no tópico do perfil tanto o Educador de Infância com o Professor do 1.º CEB possuem um diploma de formação próprio, porém a sua atividade profissional diferencia-se a nível das idades das crianças. No tópico da conceção e desenvolvimento do currículo, o Educador de Infância pode desenvolver e criar o seu currículo tendo por base as OCEPE, em contrapartida o Professor do 1.º CEB desenvolve o currículo tendo por base as áreas estipuladas a nível nacional que o constituem. A nível da integração do currículo, segundo Loureiro (2013) o Educador de Infância parte das áreas de Expressão e Comunicação e de Conhecimento

do Mundo, enquanto o Professor do 1.º CEB trabalha a área das Ciências Sociais e da Natureza, da Língua Portuguesa e da Matemática. Sublinhe-se que esta comparação tem por base a análise dos Perfis de Desempenho Específico dos Educadores de Infância e dos Professores de 1.º CEB, porque se tivermos em conta as atuais OCEPE (Silva, et al., 2016) a designação das áreas de conteúdo de um nível educativo e de outro aproximam-se, bem como os seus conteúdos, como tentarei explicar mais à frente.

No Decreto-Lei 240/2001, segundo Marchão (2012) está patente a idealização de competências transversais, necessárias e comuns relativamente à profissão docente nos distintos contextos de ensino/educação, sendo delineado um Perfil Geral de Desempenho para os Professores do Ensino Secundário e Básico e para os Educadores de Infância. Neste perfil existem quatro dimensões fundamentais de competências profissionais, sendo estas: a dimensão do desenvolvimento da aprendizagem e do ensino; a dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida; a dimensão da relação com a comunidade e da participação na escola, e por fim, a dimensão ética, profissional e social (Marchão, 2012).

Loureiro (2013) corrobora afirmando que o Perfil Geral de Desempenho Profissional do Professor do Ensino Secundário e Básico e do Educador de Infância é delineado pelo Decreto-Lei referido. No que concerne ao Perfil Geral de Desempenho para os Professores do 1.º CEB refere as competências que este deve possuir no domínio do desenvolvimento e organização do currículo e a responsabilidade de promover e incorporar aprendizagens que sejam centradas e contextualizadas na continuidade educativa e nas experiências das crianças (Marchão, 2012).

O Educador de Infância é uma figura muito importante na vida de uma criança que frequente a EI no seu sentido mais lato (0 aos 6 anos) ou mais específico a EPE (3 aos 6 anos). Muitos de nós tivemos um Educador de Infância que nos marcou durante o nosso percurso na educação formal, acompanhando o nosso crescimento e conhecimento do mundo. Para muitas crianças, quer o Educador de Infância, quer o Professor do 1.º CEB são vistos como heróis, alguém em quem a criança deposita toda a sua confiança, o seu amor, as suas inseguranças, os seus medos, as suas alegrias.

Segundo Loureiro (2013), ser docente é transmitir para a sua prática o sentimento de amor que este sente (ou deve sentir) pela sua profissão, cumprindo e atingindo as competências precisas do seu ofício, sempre com o intuito de criar uma relação positiva com as/os crianças/alunos, enriquecendo assim o processo de ensino-aprendizagem de cada uma/um delas/es. Por isso mesmo, ser Professor ou Educador de Infância é uma

profissão muito nobre, pois somos responsáveis pelo crescimento harmonioso da criança e pela construção progressiva da sua aprendizagem, contribuindo para que conheça o mundo da forma mais bonita e significativa possível.

Desta forma, e concordando com Pires (2008), o Educador de Infância é visto como um orientador que tem como principal objetivo a criação de contextos que possibilitem à criança adquirir conhecimentos tendo em conta os que já possui, ou seja, a que esta aprenda pela descoberta que é um fator essencial na ação pedagógica do Educador de Infância. Loureiro (2013) diz-nos, ainda, que o educador tem o importante papel de suscitar a curiosidade e a capacidade de realização das distintas atividades pedagógicas nas crianças para que estas desenvolvam predisposição para a aprendizagem, devendo igualmente promover o desenvolvimento da criança nos distintos níveis.² As experiências que as crianças vivenciam através dos contextos físicos e sociais que a rodeiam, bem como as interações e relações que esta cria com as outras crianças e com os adultos verificam-se como sendo diversas oportunidades de aprendizagem que favorecem o seu desenvolvimento (Silva, et al., 2016).

Ou seja, a criança deve explorar o mundo construindo a sua própria aprendizagem, sendo o educador/professor o mediador dessa aprendizagem e não o foco principal da mesma. Assim, o docente além de ser um observador, deve ser capaz de se distanciar para que as crianças/alunos possam explorar e descobrir Aprendizagens Essenciais para o seu desenvolvimento, aventurando-se sozinhas (Loureiro, 2013).

Marchão (2012) afirma que é importante a maneira como o professor/educador emprega e engloba o seu conhecimento nas distintas dimensões e nas suas capacidades para solucionar os diversos problemas que surgem no contexto pedagógico e educativo de modo apropriado, tendo plena consciência que as suas competências se focam essencialmente no processo de educar e aprender e não apenas no processo de ensinar. Nesta linha de ideias, o educador/professor, não esquecendo que a escola tem por objetivo esta responsabilidade educativa, deve proporcionar momentos em que a criança possa ser a construtora das suas próprias aprendizagens.

Como refere Loureiro (2013), o docente é responsável pela criação e pelo desenvolvimento do currículo, no qual deve organizar, planificar e avaliar os projetos e atividades curriculares e o ambiente educativo, com o intuito de proporcionar e

² Segundo as OCEPE (Silva et al., 2016), o desenvolvimento e a aprendizagem são indissociáveis.

desenvolver aprendizagens integradas. Em concordância com os autores referidos anteriormente, Pires (2008) afirma que é importante que o docente planeje e organize as suas atividades pedagógicas/didáticas de modo que as crianças possam interagir e colaborar com os colegas, favorecendo assim a aprendizagem.

Está dividido em duas grandes áreas o conhecimento profissional dos professores e educadores, sendo estas: a área do conhecimento prático que é formado pela maneira como o seu pensamento reflexivo e crítico atua nos problemas do quotidiano e pela experiência e a área do conhecimento teórico que diz respeito aos conhecimentos pedagógicos e científicos (Marchão, 2012). O docente deve, ainda, desenvolver competências de relacionamento organizacional, ético-deontológica e interpessoal, não se restringindo apenas às competências pedagógicas e científicas (Pires, 2008). O educador de infância, no que diz respeito ao planeamento, observação e avaliação, é responsável pela planificação de projetos e/ou atividades pedagógicas que estejam em conformidade com as necessidades do grupo de crianças e de cada criança em particular, tendo claro quais os objetivos que pretende atingir (Loureiro, 2013).

Cada um de nós possui características específicas que nos definem e tal como nós também cada criança possui características específicas, sonhos diferentes e sentimentos distintos. Por essa razão Bussab e Maluf (1998), citados por Loureiro (2013) enunciam que tendo como objetivo principal a criação de estratégias que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, é primordial que o docente detenha conhecimentos sobre a importância das relações e interações entre as mesmas.

Posto isto, e para que a criança se desenvolva e aprenda como um ser social, é estritamente essencial o fortalecimento e a construção de laços com os outros, desde a EPE. Tendo por base esta afirmação, Marchão (2012) realça que:

Mesmo sabendo da especificidade da ação do educador de infância ele é, também, um docente que actua de acordo com as características das crianças pequenas, com as características dos contextos de trabalho e os referentes educativos e curriculares dominantes na Educação de Infância. (p. 88)

Relativamente ao ambiente educativo, o educador deve identificar os recursos como potenciais impulsionadores do desenvolvimento curricular, com o objetivo de concretizar experiências educativas adaptadas ao contexto, e, nesse sentido, é importante que organize os materiais, o tempo e os espaços pedagógicos. No que diz respeito à ação e relação educativa, é fundamental incentivar o envolvimento das crianças nos projetos de grupo e nas atividades planeadas ou espontâneas; motivar a cooperação da comunidade

e da família, e, por fim, promover e desenvolver nas crianças a segurança e autonomia através da interação com o educador e outros intervenientes no processo educativo (Loureiro, 2013).

“Laevers (1994), agrupa em três categorias o comportamento do docente que permite identificar o estilo de mediação do adulto no processo de aprendizagem da criança” (Marchão, 2012, p. 108). São assim classificadas as atitudes que favorecem a aprendizagem, sendo estas: a estimulação, que é a maneira como o adulto realiza a sua intervenção e os conteúdos inerentes à mesma no processo de aprendizagem; a autonomia, na qual está inserido o nível de liberdade que o adulto permite que a criança detenha nas suas experimentações, nas maneiras de negociação e expressão de ideias e nas suas escolhas; e por fim, a sensibilidade, que ao adulto demonstrar nos seus comportamentos em relação ao bem estar emocional, às necessidades e às motivações da criança, incluindo-se aqui o apoio, a segurança, a atenção e o afeto (Marchão, 2012).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto, o Perfil Específico dos Educadores de Infância e Professores do 1.º CEB “(...) evidenciam, se considerados integralmente, as respetivas exigências de formação inicial, sem prejuízo da indispensabilidade da aprendizagem ao longo da vida para um desempenho profissional consolidado e para a contínua adequação deste aos sucessivos desafios que lhe são colocados.” É necessária toda uma aquisição de competências básicas e de toda uma formação contínua por partes dos Educadores de Infância e Professores do 1.º CEB para que estes obtenham um desempenho profissional de excelência e igualmente para que as suas competências acompanhem o desenvolvimento da atualidade.

Em toda a interação entre a criança e o educador/professor é importante realçar que não é meramente a criança que beneficia deste fator, isto porque juntos crescem e aprendem com o elo de ligação criado, promovendo momentos de vastas aprendizagens significativas, por um lado para a vida profissional e, por outro para a vida social (Loureiro, 2013).

Em suma, ser educador/professor para Loureiro (2013), é ter a habilidade de entrar no mundo mágico e imaginário que a criança concretiza e cria e é também interpretar as necessidades, gerar aprendizagens, compreender os sentimentos e fomentar atividades. As crianças são seres genuínos com mentes muito criativas e são elas que, muitas vezes, nos ensinam o verdadeiro significado da palavra “amor” e da palavra “felicidade”. Nos dias de hoje, ainda há pessoas que consideram que a verdadeira felicidade está nos bens materiais, mas esquecem-se de olhar para o mundo à sua volta explorando-o como as

crianças fazem para descobrir a verdadeira felicidade na simplicidade da vida, por exemplo, num dia de chuva em que podemos cheirar a terra e sentir a natureza.

Assim, ser Educador de Infância ou Professor é ajudar a crescer, é dar amor, é se orgulhar e contribuir para as pequenas conquistas de desenvolvimento e aprendizagem, mas é também aprender a amar, crescer como pessoa e ser melhor e olhar para o mundo de maneira diferente do habitual. Ser Educador de Infância/Professor para Loureiro (2013):

É darmos os primeiros passos de mãos dadas construindo imensas perspectivas futuras, é dar a bagagem de valores, saberes, incentivando a criatividade, a autonomia, o interesse pela descoberta, para mais tarde ser a própria criança a ter confiança em si e embarcar nessa viagem chamada “Vida”. (p. 13)

1.2.A Importância da Organização e Gestão Curricular

Durante toda a minha prática pedagógica, ao elaborar a planificação das atividades semanais, um aspeto importante que procurei ter em consideração foi a organização e gestão do currículo. Com efeito, é necessário compreendermos como é que o currículo está organizado para que o possamos adaptar e aplicar, fazendo uma boa gestão do mesmo.

Quando falamos em Currículo, temos de referir o Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho e o Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho. O primeiro, define as normas e os princípios que asseguram a inclusão como um processo que tem o objetivo principal de responder às potencialidades de cada um dos alunos e de todos e às diversas necessidades, acresce participação na vida da comunidade educativa e nos métodos de aprendizagem.

O segundo Decreto-Lei, determina o currículo dos ensinos secundário e básico, os princípios orientadores da avaliação, da conceção e da operacionalização das aprendizagens, de maneira que todos os alunos obtenham os conhecimentos e desenvolvam atitudes e capacidades que favoreçam a aquisição das competências enunciadas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO).³ Todos os Educadores de Infância/Professores do 1.º CEB devem ter em consideração estes e outros normativos, utilizando-os como princípios orientadores da sua profissão docente.

Desta forma, Roldão & Almeida (2018) vem clarificar que:

³ Homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho

(...) os programas nacionais que todos conhecemos, aprendemos e ensinamos, enquadrados no funcionamento uniforme da escola e do sistema que é o nosso, constituem currículo e corporizam uma determinada forma de o gerir, adequada às finalidades de um longo período da história das escolas e dos sistemas. (p. 8)

O Currículo tem de estar enquadrado nas instituições de educação e/ou ensino e deve ser adequado à evolução que ocorre nos sistemas de ensino.

Com o objetivo principal de impulsionar a realização individual de todos os cidadãos em concordância com os valores da solidariedade social e de os habilitar para uma intervenção responsável e útil em comunidade, num panorama de progresso e desenvolvimento, o ensino básico é a etapa da escolaridade em que se objetiva de maneira mais vasta o princípio democrático que contribui explicitamente para aprofundar a democratização da sociedade e que orienta todo o sistema educativo (Ludovico, 2004).

O mundo incluindo nós, os humanos, estamos em constante evolução. Por essa mesma razão, como os indivíduos alteram os seus pensamentos e ideais, também a sociedade se modifica e conseqüentemente as escolas e os métodos de aprendizagem e ensino. Por isso, é premente que o Currículo acompanhe estas evoluções e se vá moldando e modificando em concordância.

Desta forma, Jesus Maria Sousa (2019) propõe uma mudança através do Currículo com base no seguinte: a concretização de projetos escolares interdisciplinares para solucionar problemas reais que estejam a acontecer atualmente no município, no mundo, no bairro ou no país, em vez da desintegração e do procedimento disciplinar que não possuem um significado pessoal; o desenvolvimento de competência tendo por base a aprendizagem de atitudes, conhecimentos e valores de maneira integrada, ao invés de uma aprendizagem em que os conteúdos sejam apenas transmitidos pelo professor, sendo o aluno apenas o recetor da informação; o desenvolvimento oblíquo de consciencialização ecológica para uma vida em equilíbrio com o meio ambiente, em vez da exploração exaustiva dos recursos naturais como se estes não tivessem fim; “Uma viragem para os processos socio-construtivistas de aprendizagem, centrados na matemática, em vez da preocupação com os procedimentos instrucionais e didáticos das chamadas “boas práticas de ensino” (p. 79); a comunicação grupal, sistémica e horizontal tendo como instrumento as línguas estrangeiras, a literacia digital e a língua materna, em vez da comunicação dominada pelo docente, linear e vertical; o desenvolvimento da prática diária de exercício físico e de hábitos alimentares saudáveis nas/os crianças/alunos como sendo um tópico essencial do Currículo, invés de passarem grande parte do tempo na sala de

atividades/aula sendo ouvintes; “Uma viragem para a interiorização do conceito de espécie humana (e sua sobrevivência), enquanto habitantes do planeta Terra, em vez da promoção de um nacionalismo histórico exacerbado” (p. 79); “Uma viragem no sentido político e pedagógico da inclusão e da equidade, em vez da intolerância que busca a todo o custo a padronização do “outro” diferente, ou então, a sua exclusão” (p. 80); o trabalho participativo e cooperativo a distintos níveis, tais como: docentes, famílias, governantes, comunidade, investigadores, alunos e diretores de escola, ao invés de uma competitividade e insensibilidade cívica regida pelo individualismo; e por fim, o reconhecimento de que as/os crianças/alunos precisam de imenso tempo para atividades de sua iniciativa, seja para conversar, namorar, brincar, estar com os amigos ou descansar, sem que este tempo seja organizado ou orientado pela Escola.

O Currículo deve ser, assim, flexível e ajustável de modo que o Educador de Infância/Professor o ponha em prática, respeitando os diferentes níveis de aprendizagem da/do criança/aluno, as suas necessidades e interesses, contribuindo para que todos tenham uma aprendizagem significativa e desenvolvam as suas capacidades da melhor forma possível.

Nesse sentido, quer o Educador de Infância, quer o Professor do 1.º CEB têm um papel muito importante na vida das crianças/dos alunos, sendo um exemplo para eles e, por essa mesma razão, torna-se essencial que estes promovam aprendizagens dinâmicas que permitam o desenvolvimento global e saudável da criança/do aluno.

Considero que ser Educador de Infância ou ser Professor do 1.º CEB, é das profissões mais bonitas e nobres porque estamos a participar na formação das pessoas de hoje e do futuro e somos nós que os ajudamos a explorar e a olhar para o mundo de uma determinada forma.

O objetivo primordial de qualquer Educador de Infância ou Professor do 1.º Ciclo é que a criança adquira competências duradouras e efetivas e que construa a sua própria aprendizagem.

Termino referindo Antoine de Saint-Exupéry que descreve perfeitamente, a meu ver, a forma como as crianças observam o mundo: “Só se vê bem com o coração. o essencial é invisível para os olhos” (Saint-Exupéry, 2016, p. 73). Com efeito, devemos aprender a olhar para o mundo da forma como as crianças olham, ou seja, olhando mais com os sentimentos e emoções e de forma menos superficial e aí vamos descobrir que tudo aquilo que nos rodeia pode ser bonito e nós, muitas vezes, nem nos damos conta disso. Ao aprendermos, tal como as crianças a olhar para o mundo de diversas maneiras,

a nossa ação educativa será mais criativa e inovadora, colaborando assim para a formação de cidadãos livres, responsáveis e democraticamente participativos na vida das comunidades.

Capítulo 2 - Educação de Infância

A EI é o primeiro contacto que a criança tem com a educação formal ou institucionalizada, por esse mesmo motivo é uma das etapas mais importantes na vida de uma criança. É na EI que as crianças têm a oportunidade de criar, sonhar, brincar, aprender, explorar o meio que as rodeia, descobrir novas coisas e a compreender melhor o mundo.

Na linha de pensamento de Vygotsky (2012), no que diz respeito à aprendizagem das crianças e à sua criatividade uma criança que ouça, experimente e observe com maior intensidade, irá também compreender e assimilar mais e “Quantos mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, maior será a sua atividade imaginativa” (p. 33).

A EI é a base e o pilar de todo o sistema educativo nacional porque é a etapa que recordamos com imenso carinho e na qual adquirimos as bases essenciais de aprendizagem. “Se compararmos a educação das crianças e dos jovens à construção de uma grande e complexa casa, a educação pré-escolar corresponderá indubitavelmente à estrutura dos alicerces” (Veríssimo, 2020, p. 29).

O Educador de Infância é não só um profissional como também uma figura de referência para a criança, sendo muitas vezes idolatrado pela mesma, em função disso tem o papel muito importante de proporcionar às crianças atividades dinâmicas e enriquecedoras de aprendizagem através de uma multiplicidade de recursos e materiais para que a criança se desenvolva da melhor maneira possível a vários níveis. A EI engloba todo um conjunto de fatores que são essenciais para o desenvolvimento das crianças, portanto como afirma Mendes (2019):

(...) o compromisso ético na EI deve refletir-se não só na humildade discursiva neste campo, mas, também, numa ação onde o respeito (e empatia) pela criança, a honestidade pela sua identidade e diferença (vendo-a e escutando-a) deverá existir, pois a educação não é um ato apenas individual, pelo contrário, é um pensar e agir coletivo num diálogo contextualizado. (p. 45)

Desta forma, concetualizar que a aprendizagem e o desenvolvimento são interdependentes, é afirmar que o desenvolvimento é motivado pelo meio que rodeia a

criança, sendo este o ambiente familiar e a instituição de educação, e pelas experiências resultantes das interações que estabelece com as outras crianças e adultos, não sendo o desenvolvimento um processo igual para todas as crianças da mesma idade (Veríssimo, 2020). É evidente que todas as crianças aprendem de forma distinta da mesma forma que a maneira de educar/ensinar também é distinta consoante as necessidades e interesses de cada criança.

Na EI, as salas concebem oportunidades e são o local em que as crianças experienciam as suas próprias descobertas no seu dia-a-dia (Dadas, 2014). Os materiais pedagógicos têm um papel fundamental na EI, por isso segundo Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) devem conceber oportunidades e ter uma intencionalidade que respeite as motivações, diferenças e ritmos do grupo e da identidade de cada criança.

A EI tem por objetivo a construção do espírito crítico na criança, bem como o de proporcionar o bem-estar e garantir os cuidados essenciais indispensáveis à situação de cada criança (Dadas, 2014). Desta forma, “(...) as competências que um educador/professor deve desenvolver não se confinam só às competências científicas, mas também de relacionamento interpessoal, organizacional e ético-deontológica” (Pires, 2008, p. 83).

De acordo com as autoras Azevedo, Marques, & Baptista (s.d.), a formação de um espaço educativo que promova aprendizagens múltiplas e contemple distintas interações e relações é uma das tarefas mais importantes de um educador no contexto da EI. Em função disso, “Os centros de educação de infância deverão, simultaneamente, promover a igualdade para todos e a inclusão de todas as diversidades, no âmbito da responsabilidade social pelas crianças” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 12).

O Educador de Infância é o mediador ou facilitador de aprendizagens que se constroem, ou seja, ele disponibiliza os elementos necessários para que a aprendizagem ocorra com a participação ativa da criança nessa construção.

Portanto, Veríssimo (2020) afirma que as características de uma criança e a forma como esta vivência o mundo apresentam-se da seguinte forma:

As crianças, desde o nascimento, são curiosas e têm um papel ativo nas interações que estabelecem com os outros e com os objetos. Elas atribuem sentidos às experiências que lhes são proporcionadas e, a partir deles, constroem, organizam e relacionam novos sentidos sobre si próprias e sobre o mundo que as rodeia. É a partir desses sentidos que desenvolvem e constroem novas aprendizagens. (p. 8)

Assim, a EI tem o objetivo de valorizar estas características que são inatas nas crianças e na forma como elas se relacionam com o meio, dando um significado e ensinando-as a aprender a ver o mundo e a explorá-lo, com o intuito de construírem a sua própria aprendizagem. Uma criança nunca deve deixar de sonhar e a sua criatividade deve sempre ser preservada ao máximo pois é da criatividade que nascem as coisas mais bonitas e únicas.

2.1 Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Era premente a criação de um documento que especificasse os conteúdos de aprendizagem referentes à EPE e considerasse os conhecimentos profissionais específicos já existentes, tornando-se assim no documento base e primordial de todos os Educadores de Infância. Por essa mesma razão, em 1996 iniciou-se a criação do que denominamos de OCEPE. O objetivo principal destas Orientações Curriculares é o de apoiar os Educadores de Infância a exercer as suas competências de uma maneira mais apropriada e refletida (Ludovico, 2004).

Assim sendo, tendo como alicerce um conjunto de orientações e princípios abrangentes e precisos, a EPE delimitou a entrada na Educação Básica, sem que houvesse implicações nos programas e nas práticas escolares do 1.º Ciclo (Viegas, 2018). Ou seja, apesar de a EPE e de a Educação Básica estarem interligadas, dado que ambas se complementam, as OCEPE são o documento de referência da EPE e as Aprendizagens Essenciais são o documento de referência do Ensino Básico.

Na altura da publicação das OCEPE de 1997, Isabel Lopes da Silva (1997) afirmava que “As orientações curriculares constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” (p. 13). As OCEPE são uma base orientadora das práticas na qual podemos dar azo à nossa criatividade fazendo as coisas de forma diferente, mas adequada aos diversos contextos de aprendizagem.

Na perspetiva de Ludovico (2004), no que concerne às OCEPE, este define que estas têm como função:

Também a possibilidade de proporcionarem uma dinâmica de inovação e maior qualidade, constituindo uma ocasião de procura de novas e melhores práticas com as crianças e de relação com todos aqueles que, directa ou indirectamente, desempenham um papel na educação, apontando para um trabalho em equipa,

assente em bases teóricas sólidas e coerentes, se torna claramente uma das principais funções das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. (p. 15)

As OCEPE de 1997 sofreram alterações e foi em 2016 que surgiu o documento atualizado das mesmas. Assim sendo, as OCEPE são caracterizadas como “(...) currículo aberto ou emergente, que se contrapõe a uma visão de currículo fechado ou programa, que estabelece o que todos os alunos [as crianças] devem aprender num determinado momento como resultado de um processo orientado pelo professor [pela educadora]” (Veríssimo, 2020, p. 11).

As OCEPE foram criadas para que os Educadores de Infância orientem as suas práticas pedagógicas e promovam aprendizagens significativas na vida das crianças, seguindo o programa da forma que desejar, não sendo um documento que tem de ser seguido à regra e com uma ordem específica em que todas as crianças tenham de aprender todos os conteúdos enunciados de igual forma. Mendes (2019) vem clarificar que as autoras das OCEPE de 2016, tinham como objetivos: “(...) facilitar na sua edição digital o acesso a diversos documentos nacionais e internacionais através de ligações virtuais, promover a reflexão dos educadores de infância sobre a ação educativa e facilitar a sua operacionalização nos contextos de EI” (p. 37).

As OCEPE de 2016 vêm dar uma maior valorização às áreas artísticas na EPE e vinculam as Aprendizagens Essenciais que a criança deve possuir para a entrada no 1.º CEB, bem como realçam a continuidade educativa existente.

As OCEPE têm por base os “(...) objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas” (Silva I. M., 2016, p. 5). Por esse motivo, começam por fazer um enquadramento geral que indica: os Fundamentos e Princípios da Pedagogia para a Infância; a Intencionalidade Educativa – construir e gerir o currículo; e a Organização do Ambiente Educativo. Qualquer um destes tópicos deverá merecer uma atenção cuidada do Educador de Infância e devem ser apreendidos, isto porque antes de ensinar os conteúdos, é preciso compreender a EI; traçar os objetivos a alcançar e organizar o espaço com o intuito principal de fornecer às crianças um ambiente educativo seguro, rico em materiais e potencialidades educativas.

Na segunda parte das OCEPE de 2016 “(...) estão definidas áreas de conteúdo que têm como principal objetivo, enquadrar e tornar visíveis as múltiplas aprendizagens que

as crianças realizam em contextos de educação pré-escolar, facilitando a construção e a gestão do currículo, nomeadamente o planeamento e a avaliação” (Veríssimo, 2020, p. 11).

E, por fim, as OCEPE indicam, assim, três áreas principais de conteúdo, sendo estas: a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Comunicação e Expressão, e, por fim, a Área do Conhecimento do Mundo.

Em suma, é importante realçar que as OCEPE são o documento comum pelos quais os Educadores de Infância se orientam, porém estes são os detentores da forma como gerem o currículo e como o aplicam no ambiente educativo que estes criam.

2.2 Modelos Pedagógicos na Educação Pré-Escolar

O processo de aprendizagem e desenvolvimento é imensamente influenciado pela potencialidade dos contextos educativos, tanto a nível da qualidade da intervenção pedagógica curricular como a nível da sua organização (Marchão, 2012). Por essa mesma razão, abordarei alguns Modelos Pedagógicos na EPE, mais utilizados em Portugal: O Modelo High/Scope; o Modelo da Escola Moderna, o Modelo Reggio Emilia e o Modelo João de Deus.

2.2.1. O Modelo High/Scope na Educação Pré-Escolar

“O currículo High/Scope situa-se no quadro de uma perspectiva desenvolvimentista para a Educação de Infância” (Oliveira-Formosinho, 2020, p. 72). O modelo High/Scope, no que diz respeito à organização de contexto, mais propriamente, da construção de um ambiente pedagógico e de aprendizagem refere como necessário as seguintes condições: a exploração dos materiais através da utilização de todos os seus sentidos e de forma ativa; combine e modifique materiais; use os seus músculos; dialogue acerca das suas experiências; use equipamentos e instrumentos adequados à faixa etária; dialogue sobre o que está a concretizar empregando as suas próprias palavras; escolha materiais e determine o que fazer com eles; comece atividades de acordo com as suas intenções e dos seus interesses pessoais; e por fim, descubra relações pelo meio da experiência direta com os objetos (Marchão, 2012).

A disposição do ambiente físico, os instrumentos de observação, a visão fundamentadora, a rotina diária, a conceção do papel do adulto são os diversos elementos

do modelo curricular High/Scope que nos demonstram os pressupostos educacionais básicos pelos quais este foi criado (Oliveira-Formosinho, 2020). Oliveira-Formosinho (2020), vem assim reforçar que a importância dos materiais, clarificando os seus objetivos:

Procuram-se materiais diversificados que permitam a ação independente e estimulante com o mundo físico proporcionando à criança (segundo Piaget) a construção do seu próprio conhecimento, assim também materiais que promovam a consciência da diferença, e a consciência da diferença é a consciência do outro e a consciência de si. (p. 83).

Neste modelo em específico, o educador é responsável por planificar, documentar, observar, interpretar e avaliar os atos individuais do grupo e da criança de forma a valorizar os interesses e necessidades das mesmas, proporcionando a autonomia através da promoção de experiências essenciais, orientando e apoiando as crianças nas aprendizagens pela ação, visto que este é um dos elementos do grupo (Marchão, 2012). O Educador de Infância no que diz respeito aos contextos educativos tem um papel decisivo e ativo porque tem de saber os interesses e necessidades de cada uma das crianças e do grupo em geral, as necessidades de desenvolvimento da criança, saber o jogo das crianças, ter um projeto educacional e possuir interesse e conhecimento pela cultura circundante (Oliveira-Formosinho, 2020).

2.2.2. O Movimento da Escola Moderna na Educação Pré-Escolar

No modelo pedagógico da Escola Moderna, Marchão (2013) afirma que a aprendizagem é vista como um processo de construção baseado na descoberta, cooperação e partilha que por entre os meios de negociação e comunicação estabelece uma ligação inerente com a cultura e a sociedade, envolvendo a comunidade escolar e os familiares para que estes colaborarem e construam coletivamente um currículo que seja democrático, prático e seja baseado nos interesses e nas adversidades da vida diária das crianças.

Na linha de pensamento de Oliveira-Formosinho (2020), o Modelo da Escola Moderna preza os conhecimentos e as produções concebidas e reconstruídas pelos alunos, de maneira que estas incentivem a partilha das suas produções e dos seus conhecimentos podendo esta ser feita em forma projetos, inquéritos, habilidades ou estudos, “(...) multiplicando o seu alcance através da difusão (próxima e distante), da mostra e da sua

aplicação funcional na comunidade educativa (ensinando aos outros, por exemplo)” (p. 147).

Neste modelo, os educadores incentivam o desenvolvimento e o conhecimento da criança através da organização dos métodos de aprendizagem e ensino e são ativos e a criança é competente, dinamizadora, ativa e construtora do seu desenvolvimento pessoal, pois o papel do educador é ouvir, valorizar, aceitar e ajudar a criança a fazer parte de um grupo de forma a valorizar o seu próprio num quadro coletivo (Marchão, 2012).

Desta forma, o Modelo da Escola Moderna pretende que o aluno construa e partilhe os seus conhecimentos, valorizando o papel do aluno no centro da aprendizagem e a participação da comunidade.

2.2.3. Modelo Reggio Emília

“O modelo pedagógico de Reggio Emilia, que se iniciou através de um movimento cooperativo de pais, está implementado num sistema municipal aberto a todas as crianças” (Oliveira-Formosinho, 2020, p. 112). Este modelo tem por objetivo a promoção das interações, relações e comunicações entre os principais elementos do processo educativo, sendo estes: os pais, as crianças, os professores e a comunidade em geral, pois defende que todo o conhecimento surge de uma formação social e pessoal, no qual a criança detém um papel atuante na sua socialização com a cooperação dos adultos e os seus pares (Oliveira-Formosinho, 2020).

Um dos principais fundamentos deste modelo pedagógico é as vivências e o sentimento da comunidade educativa, na qual as famílias e o educador de infância formam uma equipa de trabalho com o intuito de promover uma qualidade de educação/ensino de excelência (Pereira, 2013/2014). Neste sentido, o desenvolvimento cognitivo, no modelo pedagógico Reggio Emilia, é visto como uma componente inerente do desenvolvimento social, pelo que o seu espaço educativo é rigorosamente idealizado pelos pais, educadores, pedagogos, arquitetos e artista plástico (Lino, 2000).

Com o intuito de fomentar a aprendizagem cooperativa, o diálogo entre as crianças, pais, membros da comunidade de professores e a convivência social, o ambiente físico dos estabelecimentos de educação/ensino que aplicam este modelo curricular exige uma atenção peculiar (Oliveira-Formosinho, 2020). Em suma, este modelo pedagógico “(...) desenvolve-se em torno da construção da imagem da criança que, nesta perspetiva pedagógica, é conceptualizada como um sujeito de direitos, competente, aprendiz ativo

que, continuamente constrói e testa teorias acerca de si próprio e do mundo que o rodeia” (Oliveira-Formosinho, 2020, p. 114).

2.2.4. O Modelo João de Deus

O Senhor Cândido J. A. Madureira que foi Abade D’Arcozello foi quem publicou a Cartilha Maternal no ano de 1877, isto por ser um amigo pessoal de João de Deus, porém a Cartilha Maternal foi concebida no ano de 1876 (Oliveira, 1998).

A aprendizagem da escrita e da leitura no Modelo Pedagógico João de Deus, foi conceptualizada por João De Deus Ramos como sendo uma aprendizagem natural da EPE porque depois de a criança aprender o código moral, já poderia iniciar a aprendizagem do código escrito que lhe iria possibilitar o acesso à cultura, sendo o código moral e escrito visto como um todo e não como duas “escolas” distintas: a EPE e a creche como sistemas de educação/ensino distintos, como são usualmente encarados (Estevinha, 2019).

João de Deus defendia que os silabários são conjuntos de combinações mecânicas compostas por exercícios extensos baseados apenas na intuição visual e que não transpõem a mente, por isso a sua utilização não é permitida no modelo referido (Oliveira, 1998).

Na metodologia João de Deus, a promoção dos princípios da escrita é feita através do recurso à Cartilha visto que esta desenvolve diversas competências. A Cartilha é um livro de vasta dimensão, sendo a base física das lições perante a qual as crianças providenciam a lição, estando o livro presente na sala de aula/atividades (Estevinha, 2019).

Oliveira (1998) aborda a Cartilha Maternal, enunciando a composição da mesma e a forma como esta é aplicada:

A Cartilha Maternal está dividida em vinte e cinco lições, e o seu plano é o seguinte: Primeiramente, o ensino das vogais - a, e, i, o, u. Na sequência, seriam ensinadas as invogais certas - v, f, t, d, b, p, l, k, q. Posteriormente as lições da cartilha referir-se-iam às invogais incertas - c, g, r, z, s, x, m, n. Finalmente, as invogais compostas certas th, rh, nh, lh, ph, a invogal incerta ch e o alfabeto maiúsculo. (p. 3)

Segundo Estevinha (2019), nesta metodologia pretende-se que a criança seja organizada, recetiva, calma e curiosa, pois esta aceita e gosta deste programa

diversificado que favorece a construção da sua personalidade. Neste sentido, o educador deve promover as capacidades de produção linguística e compreensão através da valorização, incentivo e alargamento das mesmas, bem como as tentativas de distinção de sílabas e de imitação de letras podem ocorrer através das imitações de diálogo que a criança concretiza (Estevinha, 2019).

Oliveira (1998) refere, ainda, que o método João de Deus é composto por apenas um abecedário e este defende o ensino criado na “língua viva”, dado que esta tem de ser lecionada por segmentos, de maneira a construir palavras que se ouçam, entendam, expliquem e digam, para que “(...) ao invés de o principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis” (p. 2). Estevinha (2019), no que concerne ao método João de Deus afirma que uma das bases cruciais no crescimento social e pessoal das crianças, de modo individual e em relação com os outros, é o desenvolvimento da autonomia, “(...) de forma a serem capazes de enfrentar os desafios do momento quer todos aqueles que se lhes deparem numa sociedade em constante mudança” (p. 17).

Portanto, no modelo pedagógico João de Deus, os princípios que promovem o desenvolvimento de cada uma e todas as crianças são as oportunidades pedagógicas que o educador orienta e estrutura de maneira a ampliar a curiosidade, desejo de aprender e conhecimento das crianças (Estevinha, 2019).

Capítulo 3 - Ensino Básico

O Ensino Básico é a base principal do aluno para todo o seu percurso académico. É no 1.º CEB que os alunos aprimoraram todos os conhecimentos adquiridos; aprendem novos conceitos; começam a explorar as áreas de conteúdo de forma mais aprofundada; aprendem a escrever, a ler, a contar.

Desta forma, Marchão (2012) especifica os pressupostos nos quais se baseiam a EI afirmando que é fundamental promover oportunidades para que cada criança possa produzir e desenvolver a sua socialização, o seu intelectual e a sua autonomia, bem como orientá-la para a entrada no 1.º CEB e facilitar a sua inserção social, trabalhando em conjunto com a família para a educação das crianças.

Os propósitos da aprendizagem variam de acordo com cada uma das crianças, pois estas são diferentes, e mudam consoante o crescimento das mesmas e também com a experiência por parte dos educadores/professores que se amplifica, sendo assim imensamente diversificados (Dewey, 2002). Cabe ao professor fornecer as bases essenciais aos seus alunos para que estes desenvolvam inúmeras competências relativamente às diferentes áreas de conteúdo e este deve ser um orientador da aprendizagem, sendo o aluno construtor da sua própria aprendizagem. “A formação de uma personalidade criativa virada para o futuro prepara-se através da imaginação criativa materializada no presente” (Vygotsky, 2012, p. 142).

É crucial que o professor respeite os diferentes níveis de aprendizagens de cada um dos seus alunos; promova aprendizagens tendo por base as características individuais de cada aluno; valorize toda e qualquer aprendizagem por parte dos seus alunos; motive-os a explorar o mundo que os rodeia; promova um ambiente seguro e propício à aprendizagem. De forma a facilitar a inserção de novos conceitos com as informações previamente retidas na memória, é essencial que o professor detenha um maior conhecimento sobre as competências cognitivas dos seus alunos que lhe possibilite eleger as estratégias mais oportunas para a integração, processamento profundo da informação e organização (Lopes & Silva, 2010).

Desta forma, Viega (2018) explica-nos que “(...) o 1.º ciclo continua a constituir-se como o período de iniciação às aprendizagens formais, mantendo a sua especificidade e identidade, mas integra-se agora num *continuum* educativo que não pode ignorar (...)” (p. 421), isto por que é crucial que os educadores/professores tenham em conta as aprendizagens que as crianças detêm que na atualidade são cada vez mais desenvolvidas

e aprimoradas, bem como instruir os alunos de forma a que haja uma continuidade da escolaridade obrigatória, viabilizando as Aprendizagens Essenciais para o sucesso e avanço escolar até a maioridade.

Dado que é o aluno que aprende, este deve possuir a liberdade de orientar a sua própria aprendizagem, porém não esquecendo que não podemos ter liberdade, sem termos responsabilidade (Valadares, 2011). Estamos não só a formar alunos, mas também a formar futuros cidadãos que terão um papel ativo na sociedade e que devem estar cientes de que temos direitos tanto quanto temos dever.

Assim, o Ensino Básico é tão marcante na vida do aluno quanto a Educação Pré-Escolar por ser onde os alunos aprendem a compreender o meio que os rodeia; aprendem a conviver harmoniosamente com os seus colegas e com toda a comunidade educativa; exploram os seus conhecimentos e desenvolvem o seu lado criativo.

3.1. O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

É comum abordarmos o Perfil do Professor, tendo por base a forma como este deve atuar a nível do contexto pedagógico e as características que deve igualmente possuir, porém não podemos ter apenas como referência o Perfil do Professor, é importante também observar e analisar o *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* para que, como docentes, possamos prepará-los não só para todo o seu percurso académico, mas também para o seu futuro profissional. “O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória afirma-se, nestes pressupostos, como documento de referência para a organização de todo o sistema educativo, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular” (Martins, et al., 2017, p. 8).

Este documento vem elucidar alguns fatores e características importantes daquilo que é esperado que o aluno alcance. O documento PASEO apresenta-se não só como um novo perfil de aluno como também de professor e escola dado que a preparação dos alunos para um futuro indefinido é o maior desafio que as Escolas e respetivos docentes enfrentam na atualidade (Pereira & Leite, 2019). Ou seja, é “(...) um projeto global de mudança, com implicações ao nível das práticas pedagógicas e didáticas que adequem a globalidade da ação educativa às finalidades deste Perfil dos Alunos (Pereira & Leite, 2019, p. 115).

Ao analisar o documento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, constato que este detém como princípios: Base Humanista, Saber, Inclusão, Aprendizagem, Coerência e Flexibilidade; Adaptabilidade e Ousadia; Sustentabilidade e, por fim, Estabilidade onde é explícito em que cada um dos tópicos consiste. Posteriormente aborda a Visão do Aluno onde estão enunciadas as características que este deve possuir como futuro cidadão e os Valores que todos nós como cidadãos devemos possuir sendo estes: Responsabilidade e Integridade; Excelência e Exigência; Curiosidade, Reflexão e Inovação; Cidadania e Participação e, por fim, Liberdade. Por fim, são apresentadas as áreas de competência onde está referido em cada uma delas os descritores operativos e aquilo que os alunos deverão ser capazes de realizar em cada uma, sendo estas: Linguagens e Textos; Informação e Comunicação; Raciocínio e Resolução de Problemas; Pensamento Crítico e Pensamento Criativo; Relacionamento Interpessoal; Desenvolvimento Pessoal e Autonomia; Bem-Estar, Saúde e Ambiente; Sensibilidade Estética e Artística; Saber Científico, Técnico e Tecnológico; Consciência e Domínio do Corpo. Desta forma, na Tabela 2 elaborada pelo Ministério da Educação (2020), podemos verificar algumas sugestões de como desenvolver as atividades de acordo com a área de competência e o respectivo descritor operativo.

Tabela 2

Análise das Áreas de Competências do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

<p>Na área de competências informação e comunicação, poderão ser desenvolvidas atividades em que se promove a exposição de produções textuais elaboradas pelos alunos e construídas a partir de experiências pessoais e ou ficcionadas.</p>	<p style="text-align: right;">DESCRITORES OPERATIVOS</p> <p>Os alunos pesquisam sobre matérias escolares e temas do seu interesse. Recorrem à informação disponível em fontes documentais físicas e digitais – em redes sociais, na Internet, nos media, livros, revistas, jornais. Avaliam e validam a informação recolhida, cruzando diferentes fontes, para testar a sua credibilidade. Organizam a informação recolhida de acordo com um plano, com vista à elaboração e à apresentação de um novo produto ou experiência. Desenvolvem estes procedimentos de forma crítica e autónoma.</p> <p>Os alunos apresentam e explicam conceitos em grupos, apresentam ideias e projetos diante de audiências reais, presencialmente ou a distância. Expõem o trabalho resultante das pesquisas feitas, de acordo com os objetivos definidos, junto de diferentes públicos, concretizado em produtos discursivos, textuais, audiovisuais e/ ou multimédia, respeitando as regras próprias de cada ambiente.</p>
<p>Ao nível da área do bem-estar, saúde e ambiente, poderão ser dinamizados projetos que permitam aos alunos desenvolver uma responsabilidade crescente para cuidarem de si, dos outros e do ambiente e para se integrarem ativamente na sociedade.</p>	<p style="text-align: right;">DESCRITORES OPERATIVOS</p> <p>Os alunos são responsáveis e estão conscientes de que os seus atos e as suas decisões afetam a sua saúde, o seu bem-estar e o ambiente. Assumem uma crescente responsabilidade para cuidarem de si, dos outros e do ambiente e para se integrarem ativamente na sociedade.</p> <p>Os alunos fazem escolhas que contribuem para a sua segurança e a das comunidades onde estão inseridos. Estão conscientes da importância da construção de um futuro sustentável e envolvem-se em projetos de cidadania ativa.</p>
<p>Na área de relacionamento interpessoal, poderão ser promovidas atividades em espaços diferentes da sala de aula que impliquem a resolução de problemas de forma colaborativa (em equipa), que permitam aos alunos expressar ideias e argumentar os seus pontos de vista, com respeito pelos dos seus pares.</p>	<p style="text-align: right;">DESCRITORES OPERATIVOS</p> <p>Os alunos juntam esforços para atingir objetivos, valorizando a diversidade de perspetivas sobre as questões em causa, tanto lado a lado como através de meios digitais. Desenvolvem e mantêm relações diversas e positivas entre si e com os outros (comunidade, escola e família) em contextos de colaboração, cooperação e interajuda.</p> <p>Os alunos envolvem-se em conversas, trabalhos e experiências formais e informais: debatem, negociam, acordam, colaboram. Aprendem a considerar diversas perspetivas e a construir consensos. Relacionam-se em grupos lúdicos, desportivos, musicais, artísticos, literários, políticos e outros, em espaços de discussão e partilha, presenciais ou a distância.</p> <p>Os alunos resolvem problemas de natureza relacional de forma pacífica, com empatia e com sentido crítico.</p>
<p>Ao nível do pensamento crítico e criativo, poderá promover-se a construção de resposta a problemas relevantes da comunidade, designadamente em relação à organização e ao funcionamento da escola, no contexto atual.</p>	<p style="text-align: right;">DESCRITORES OPERATIVOS</p> <p>Os alunos observam, analisam e discutem ideias, processos ou produtos centrando-se em evidências. Usam critérios para apreciar essas ideias, processos ou produtos, construindo argumentos para a fundamentação das tomadas de posição.</p> <p>Os alunos concetualizam cenários de aplicação das suas ideias e testam e decidem sobre a sua exequibilidade. Avaliam o impacto das decisões adotadas.</p> <p>Os alunos desenvolvem ideias e projetos criativos com sentido no contexto a que dizem respeito, recorrendo à imaginação, inventividade, desenvoltura e flexibilidade, e estão dispostos a assumir riscos para imaginar além do conhecimento existente, com o objetivo de promover a criatividade e a inovação.</p>

Nota: Adaptado de Ministério da Educação, 2020, p. 12.

As Áreas de Competências como podemos observar na Tabela 2, têm todas um objetivo global que é o de preparar os alunos para o futuro, ou seja, formar cidadãos

conscientes e responsáveis, por esta mesma razão cada sugestão de atividade tem por base os objetivos que se pretende que o aluno atinja quando finalizado o seu percurso académico. Tomemos como exemplo, a área de competência a nível da saúde, do bem-estar e do ambiente, é referida na figura que devem ser criadas atividades que possibilitem o aluno adquirir responsabilidade a nível do cuidado do ambiente, dos outros e de si próprio, ora a partir deste tópico como professor poderíamos dinamizar uma atividade em que os alunos fossem recolher os lixos da praia ou até mesmo visitar os lares para que pudessem cuidar do ambiente e dos outros.

Assim sendo, Martins, et al., (2017) clarifica os objetivos do documento PASEO da seguinte forma: “A abrangência do Perfil dos Alunos respeita o caráter inclusivo e multifacetado da escola, assegurando que, independentemente dos percursos escolares realizados, todos os saberes são orientados por princípios, por valores e por uma visão explícitos, resultantes de consenso social” (p. 8). É crucial que a escola promova o desenvolvimento de capacidades de resolução de problemas, pensamento criativo e crítico e de análise e não meramente a compreensão, aplicação e memorização (Pereira & Leite, 2019). O PASEO, tal como as Aprendizagens Essenciais orientam o docente e são os documentos bases de toda a formação académica do aluno, é essencial que o professor tenha consciência das aprendizagens e dos conhecimentos que deve promover para que os alunos atinjam os objetivos enunciados em ambos os documentos.

3.2. Abordagem Experimental das Ciências⁴

É certo que, desde o momento do nosso nascimento, todos nós experienciamos momentos únicos, proporcionados pelo meio que nos rodeia, tais como: as cores, os cheiros, entre outras. Todas as crianças são exploradoras natas e gostam de observar tudo aquilo que lhes rodeia.

Neste sentido, Martins (2006) considera que “As atividades práticas são consideradas instrumentos por excelência na aprendizagem das Ciências, (...), e devem ser iniciadas desde cedo” (p. 32). Por esse motivo, é importante que, como futuros profissionais da educação, tenhamos consciência disso e lhes proporcionemos

⁴ Este texto resulta da adaptação de um trabalho de grupo realizado por mim e pelas minhas colegas, na Unidade de Curricular de Ensino Experimental das Ciências no ano letivo de 2020/2021.

aprendizagens didáticas e únicas que estimulem a aprendizagem do meio que as rodeia, para que elas possam conhecê-lo e explorá-lo adequadamente e com toda a segurança.

O papel dos professores, como enuncia Viecheneski & Carletto (2013), nos primeiros anos de aprendizagem dos alunos, consiste na promoção de atividades investigativas que amplifiquem os seus conhecimentos prévios, lhes dê a capacidade de comparar, observar, questionar e testar, estimule a sua criatividade, prepare os alunos para os níveis seguintes da aprendizagem conceitual e lhes suscite interesse. Os mesmos autores reforçam ainda que o papel do professor é de extrema importância e este deve ajudar o aluno a descobrir o mundo social e físico, bem como promover o encanto pela área científica e investigar a curiosidade. Por essa mesma razão, é de sua total responsabilidade promover estes aspetos nos anos iniciais.

O que é mais relevante, segundo Rosa *et al.* (2007) citado por Viecheneski & Carletto (2013), é que a criança possa experimentar, expor as suas ideias e confrontá-las com as de outros, testar hipóteses, questionar, estabelecer contacto com as manifestações dos fenómenos naturais, ter contacto com o mundo científico e, por fim, vivenciar experiências novas. Partilhando da mesma opinião, o Ministério da Educação (2018) afirma que os alunos devem ser motivados para que procurem respostas e elaborem questões através de experiências, pois a curiosidade infantil pelos acontecimentos naturais deve ser promovida. O mesmo diz-nos ainda que aquando da concretização de uma experiência, os registos devem ter como objetivo: pesquisas simples e a explicação das descobertas que forem feitas, sendo estes adequados à idade dos alunos.

Lima & Maués (2006) mencionado por Viecheneski & Carletto (2013), enunciam que o ensino das ciências proporciona o desenvolvimento de valores e habilidades que permitem que os alunos continuem aprendendo até que alcance um maior nível cognitivo, não sendo apenas importante para ampliar os conhecimentos já existentes. Devemos estimular os alunos para que estes tenham sempre vontade de aprender mais e descobrir mais e isto concretiza-se através de aprendizagens que sejam significativas para os mesmos e que os tenham como principais concretizadores da ação, como é o caso das experiências.

Em suma, o ensino das ciências, de acordo com Viecheneski & Carletto (2013), tem como principal objetivo a promoção da cidadania para que os alunos se tornem cidadãos consumidores, usuários responsáveis da tecnologia atual e ativos. As ciências são a área responsável por muitas mudanças do nosso mundo e como afirma a UNESCO (2005) referido por Viecheneski & Carletto (2013), o ensino das ciências é essencial por

que suscita nos estudantes o interesse em realizar uma formação nesta área científica, aumentando assim a probabilidade do país ter profissionais aptos para a produção de conhecimentos tecnológicos e científico que irão promover o desenvolvimento social e económico da nação.

Capítulo 4 – Metodologia

4.1. Metodologia da Investigação-Ação

Neste capítulo, irei abordar a metodologia que desenvolvi ao longo de todo o meu trabalho nos estágios (PPI; II E III), sendo esta a IA.

A IA, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), tem por base a recolha de informações sistemáticas com o intuito de promover mudanças sociais, na qual o investigador se envolve diretamente no objeto da investigação. Por essa mesma razão, a IA, como refere Máximo-Esteves (2008), é vista como um processo de investigação orientado pelas pessoas que desempenham, sincronicamente, o duplo papel de participantes e investigadores, estando estas diretamente envolvidas em conjunto numa situação específica.

Desta forma, Elliot (1993), citado por Coutinho (2009), anuncia que a IA tem como intuito melhorar a qualidade de ação dentro da mesma, sendo esta o estudo de uma situação social, caracterizada como “(...) uma investigação sistemática do que acontece na sala de aula” (Máximo-Esteves, 2008, p. 41).

Assim sendo, Watts (1985) referido por Coutinho (2009), salienta que a IA é um processo no qual os participantes, usando diferentes técnicas de investigação, analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma aprofundada e sistemática. Partilho da mesma opinião que o autor porque foi através da utilização de diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados que fui capaz de analisar e compreender todo o processo que estava a desenvolver no âmbito da minha prática pedagógica realizada nas Práticas Pedagógicas I e II e III.

Em suma, a IA implica e favorece o diálogo entre os participantes e o docente investigador, enriquecendo o processo ao fazer surgir a verdade; valoriza a subjetividade ao ter sempre em consideração os comportamentos dos sujeitos envolvidos; desenvolve-se em ambientes de partilha e colaboração, retirando o fardo da solidão ao investigador; aproxima as partes envolvidas na investigação, colocando-as na mesma posição e, por fim, possibilita o alcance da objetividade e a capacidade de afastamento ao estimular a reflexão crítica, demonstrando-se assim como uma das metodologias que mais pode contribuir para a melhoria das práticas educativas (Coutinho, et al., 2009).

A IA inclui-se no paradigma da investigação qualitativa. Segundo Bogdan & Biklen (1994), na investigação qualitativa destacam-se cinco características principais, a saber:

- É descritiva porque os dados recolhidos são à base de imagens ou palavras e não de números;
- O significado é o elemento fundamental porque o que mais interessa é a forma como as pessoas dão sentido às suas vidas;
- O processo é muito mais importante que o produto ou os resultados para os investigadores qualitativos e deve ser valorizado;
- Os dados tendem a ser analisados de maneira indutiva pelos investigadores qualitativos porque estes não recolhem provas ou dados com o intuito de refutar ou confirmar hipóteses.
- O investigador é o instrumento principal e a fonte direta dos dados é o ambiente natural.

4.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados Utilizados

4.2.1. Observação participante

Na minha prática pedagógica, pude observar as crianças e os alunos em dois dias distintos, cada dia com um total de 5 horas diárias, perfazendo, assim, 10 horas de observação. Nesta observação participante, foi-me possível ver que dificuldades e potencialidades as crianças possuíam nas distintas áreas do saber, quais as suas preferências e comportamentos consoante o contexto em que estavam inseridas e como é que se relacionavam umas com as outras, com o meio e com as pessoas com quem conviviam.

Neste sentido, Máximo-Esteves (2008), diz-nos que a observação, e o registo da mesma, possibilita o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem, consoante um determinado contexto, sendo essencial para que se compreenda as pessoas, as suas interações num contexto específico.

Hébert, Goyette & Boutin (2008), por seu turno, afirmam que a observação participante é uma técnica de investigação qualitativa apropriada ao investigador que tem por objetivo a compreensão de um meio social que lhe é exterior ou estranho, mas que gradualmente lhe vai possibilitar a integração nas atividades das pessoas que nele vivem. Esta permite a recolha de dois tipos de dados, sendo estes: os de descrição narrativa que são os registados nas notas de trabalho de campo e os que pertencem à compreensão por dependerem da subjetividade do investigador aos quais chamamos diário de bordo.

Na observação participante, de acordo com os referidos autores, o principal instrumento de observação é, sem dúvida alguma, o próprio investigador. Isto porque o investigador é visto como um ator social porque a sua atitude investigativa permite-lhe o acesso às diferentes perspetivas dos seres humanos, dado que ele imerge nas vivências dos mesmos problemas e situações das do seu objeto de estudo.

4.2.2. Diários de bordo

O diário de bordo, para Zabalba (1994), é um instrumento utilizado pelo docente para interpretar, expor e explicar o seu quotidiana fora e dentro da sala de atividades ou de aula.

Spradley (1980) citado por Máximo-Esteves (2008), constata que o diário simboliza o lado mais pessoal do trabalho de campo, dado que inclui as reações, as emoções e os sentimentos, no meio onde docente-investigador está envolvido. Na perspectiva de McNiff e Whitehead (2003), citados por Máximo-Esteves (2008), o diário de bordo pela sua potencial riqueza interpretativa, reflexiva e descritiva é um dos recursos metodológicos mais recomendados. É visto como uma fonte de dados muito proveitosa para a análise da ação em curso e para a análise do desenvolvimento do pensamento do docente aquando do decurso da ação, dado que acompanha o docente-investigador durante todo o processo de investigação.

Não é possível organizarmos um trabalho de IA sem a utilização de ferramentas de registo como o diário de bordo, dado que é através do mesmo que observamos os nossos registos, compararmos as diferenças existentes e a evolução constante existente desde o início da investigação-ação até o final da mesma e serve também para registar todo o nosso trabalho desenvolvido, daí a sua extrema importância. Por essa mesma razão, este apresenta-se como “(...) um instrumento utilizado pelo investigador etnógrafo para registo do seu trabalho de campo. Desde o início do século tem vindo a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com especificidades diversas ao serviço dos investigadores” (Pereira, 2012, p. 209).

Com efeito, os diários de bordo foram um instrumento fundamental na minha prática pedagógica, uma vez que ao descrever tudo o que aconteceu ao longo dos dias de prática pedagógica, pude refletir posteriormente tudo o que aconteceu e delinear formas de melhorar distintos aspetos, sempre com o objetivo de promover o desenvolvimento e

a aprendizagem das crianças, nomeadamente a consciência fonológica nas crianças do Pré-Escolar e a promoção do respeito e da amizade no 1.º CEB.

4.2.3. Reflexão das atividades

Durante todas as atividades que realizei refleti sobre todos os aspetos positivos e negativos ou menos conseguidos. Dado que a problemática por mim assinalada foi o desenvolvimento da consciência fonológica na sala do Bibe Amarelo II, desenvolvi atividades que incorporassem melhorias nessa vertente. No 1.º CEB, a problemática que desenvolvi foi a promoção do respeito e da amizade e desenvolvi igualmente atividades que tivessem por intuito suprir as dificuldades inerentes à problemática em questão. Foi através da reflexão que compreendi o quanto e quando poderia elevar o grau de complexidade e diversificar a minha prática pedagógica. Era através da mesma que conseguia observar se as crianças/os alunos já estavam ou não preparados e se estavam a compreender e a conseguir assimilar tudo o que era aprendido e/ou ensinado. Primeiramente, comecei por compreender em ambas as problemáticas o grau de dificuldades nos quais as crianças/os alunos se encontravam e a partir da aplicação das distintas atividades e da reflexão posterior das mesmas pude compreender quando é que o grau de complexidade das atividades deveria ser aumentando de forma que as crianças/os alunos fossem capazes de os concretizar.

4.2.4. Registo fotográfico

A autora Lúcia Máximo-Esteves (2008) define a imagem como sendo um recurso frequentemente utilizado pelos docentes para registar as suas observações. Desta forma, a fotografia é vista como um auxiliar e conteúdo de aprendizagem pelos docentes, visto que as utilizam naturalmente no seu quotidiano profissional.

Na investigação educacional qualitativa, de acordo com Bogdan & Biklen (1994), as fotografias que podem ser utilizadas em contexto educativo/pedagógico subdividem-se em duas categorias: aquelas que o investigador produziu e as que foram registadas por outras pessoas. Dado que a fotografia pode ser utilizada de distintas formas e está intrinsecamente ligada à investigação qualitativa, esta é frequentemente analisada indutivamente e utilizada para compreender o subjetivo das imagens, por nos fornecerem importantes dados descritivos.

“Os registos fotográficos podem também ter como finalidade ilustrar, demonstrar e exibir, como acontece habitualmente nas exposições retrospectivas de qualquer projecto ou período escolar” (Máximo-Esteves, 2008, p. 91). Por esta mesma razão, o registo de imagens foi um instrumento que usei com regularidade para poder analisar e compreender posteriormente as ações das crianças, as minhas e a sequência das atividades pedagógicas realizadas. Em síntese, as fotografias foram uma forma complementar e fidedigna de demonstrar e justificar tudo o que foi mencionado teoricamente na prática pedagógica.

4.3. Método de análise de dados

“Interpretar é um processo complexo, de vai e vem, multifaseado e que é entendido pelos teóricos sob vários primas” (Máximo-Esteves, 2008, p. 103). Por isso, é fundamental que analisemos todos os instrumentos e técnicas utilizados na nossa IA com muita atenção e de forma minuciosa para que possamos interpretar os dados recolhidos da forma mais completa e aprofundada possível.

Segundo Kvale (1996) citado por Máximo-Esteves (2008), a interpretação de dados contempla cinco etapas fundamentais, sendo estas: a condensação, a categorização, a estruturação narrativa e a construção de significados *ad hoc*. É, assim, essencial que nos guiemos por estas etapas com o objetivo de fazer uma interpretação dos dados a detalhada e rigorosa possível.

Nesta linha de pensamento, recorri também à triangulação de dados como: “(...) um processo que confere qualidade à investigação” (Máximo-Esteves, 2008, p. 103). De facto, esta possibilita a análise da coerência das interpretações provenientes de distintas fontes de dados e a formulação das primeiras reflexões que serão posteriormente apresentadas em reunião de colegas de prática pedagógica e supervisor da prática ou com os cooperantes. Assim sendo, o método de triangulação de dados, foi o que utilizei para analisar os dados obtidos, fazendo uma análise comparativa entre a análise dos diários de bordo, dos registos fotográficos e da reflexão sobre as atividades pedagógicas realizadas, de forma a conseguir retirar noções essenciais que me permitissem compreender se as estratégias pedagógicas que utilizei foram adequadas à problemática em estudo.

Ao analisar os dados, através da triangulação dos mesmos, foi possível verificar que as atividades pedagógicas que propus e utilizei foram adequadas às problemáticas em estudo e proporcionaram momentos de aprendizagem diversificados e efetivos às crianças envolvidas no processo, como mais à frente irei explicitar com maior pormenor.

Capítulo 5 - Ensino e Aprendizagem Remota de Emergência

5.1. Ensino à Distância

O Vírus Covid-19 como o próprio nome indica apareceu no ano de 2019 e a partir desse ano a vida de todos nós teve de mudar por completo. O ensino inicialmente e após o aparecimento do vírus continuou a ser presencial com recurso às medidas de proteção emitidas pela Organização Mundial de Saúde, sendo estas: o uso da máscara, a desinfecção regular das mãos e superfícies, evitar o máximo de contacto possível e ao tossir levar sempre o cotovelo à face. Todos nós seguimos estas regras e apesar de mais complexo, foi possível manter o ensino presencial e a continuidade do ano letivo, de uma forma diferente e com responsabilidades acrescidas. Porém, o estado do Mundo foi piorando e a dada altura foi necessário recorrer ao ensino à distância, também denominado por ensino remoto de emergência. Devido à pandemia denominada COVID-19 foi necessário suspender o ensino presencial em todo o mundo e os professores e estudantes passaram para o ensino online, nos quais tiveram de transpor as práticas e metodologias pedagógicas características do ensino presencial para o que passou a ser denominado de ensino remoto de emergência (Moreira, Henriques, & Barros, 2020). O Ensino à Distância foi um desafio quer para os professores, quer para os alunos porque foi necessário utilizar ferramentas online que muitos de nós nem tinham conhecimentos prévios e para tal foi teve de haver uma formação rápida e individual a nível tecnológico por parte de ambos para que o ensino pudesse continuar.

O ensino remoto de emergência/ensino à distância demanda um raciocínio e uma análise daquilo que são os conceitos de tecnologia e educação, bem como o desenvolvimento de atividades pedagógicas que promovam o processamento de construção conjunta de conhecimento (Martins & From, 2016) cit. por (Durão & Raposo, 2020). Ao falarmos em ensino/aprendizagem, não podemos deixar de referir os materiais que devem sempre ter uma intencionalidade pedagógica para que sejam apreendidos de forma significativa, tal como o ambiente gerado entre os estudantes e o professor e todas as situações de aprendizagem são essenciais a nível educativo e psicológico. Ainda, o professor deve acarretar vastas competências gerais, sobretudo científicas e ser sempre criativo (Valadares, 2011).

No Ensino à Distância, é imprescindível que as metodologias sejam reinventadas e avaliadas de maneira a aperfeiçoar a qualidade da educação correlacionados com a pedagogia, promovendo capacidades de adaptabilidade, resolução de problemas,

flexibilidade, aptidões de mediação e autonomia com o objetivo de formar cidadãos mais cientes e aptos para uma vida em sociedade (Durão & Raposo, 2020).

No que diz respeito às características que o professor deve adotar, de acordo com Vidal (2002): “(...) o formador é um organizador, orientador e facilitador, isto é um gestor de informação útil e pedagógico a que os seus estudantes têm acesso, por via de diferentes fontes, para estudarem à distância e ao seu ritmo de aprendizagem” (p. 23).

Em cada situação educativa decorre as mesmas interações essenciais entre alunos e materiais de ensino, professores e alunos, materiais de ensino e professores e, claramente, as interações entre professores, entre alunos e da defrontação que concretizam dos materiais entre si (Valadares, 2011). Na atualidade, o aluno aprende de maneira ativa, ciente e instintiva graças à interação que ocorre da utilização de métodos ativos, os quais detém irrefutavelmente um papel considerável (Durão & Raposo, 2020). Por essa mesma razão, “O que se pretende é um ensino voltado para uma aprendizagem significativa, educativa e enriquecedora, ao mesmo tempo útil a nível pessoal e social” (Valadares, 2011, p. 78).

A verdade é que todos nós aprendemos a viver de forma diferente devido à pandemia atual e adaptamos o ensino à situação que estamos a passar e aquilo que aprendemos é que seja presencialmente ou online, a aprendizagem é essencial e deve ser feita de forma a promover aprendizagens significativas na vida dos alunos, preparando-os para o futuro, recorrendo a atividades dinâmicas e inovadoras em que o professor tem de estar sempre em evolução e tem de se adaptar às diversas circunstâncias e ser criativo.

Em suma, Valadares (2001) demonstra o que é realmente importante para a aprendizagem quer sendo esta à distância ou presencial:

Assim, em toda e qualquer situação de ensino e aprendizagem, presencial ou a distância, quem de facto aprende é o aluno, é ele o elemento estruturante e estruturador de todo o seu conhecimento, esteja o professor próximo ou distante. As relações pedagógicas deverão funcionar o melhor possível, os ambientes de aprendizagem deverão ser dialogantes, a avaliação tem de ocorrer de modo a favorecer a aprendizagem e não prejudicá-la, o trabalho individual e em grupo, este mais ou menos cooperativo, deverá ser desenvolvido da melhor forma. (p. 15)

Parte II: Prática Pedagógica

Capítulo 6 - Prática Pedagógica I – Contexto de Educação Pré-Escolar

6.1. Caracterização do Contexto Envolverte

O Jardim-Escola João de Deus fica localizado na Rua dos Estados Unidos da América n.º 163, no concelho do Funchal, mais especificamente na freguesia de São Martinho com o código-postal: 9000-087. O seu horário de funcionamento é das 8h às 18h30m. Tendo por base o Projeto Educativo 2019-2023 – “Brincar, aprender e crescer”, este Jardim-Escola faz parte da Associação de Jardins-Escola João de Deus com sede em Lisboa, na avenida Álvares Cabral, n.º 69 e é uma instituição particular de solidariedade social. Está instalado num edifício recuperado denominado por "quinta" que contém traços de arquitetura vigentes na Região, perfazendo uma área coberta de 800 m², sendo que a sua área total é de 1200 m² devido às árvores de grande porte e espaços verde que este engloba.

São Martinho é uma freguesia que pertence ao concelho do Funchal. Tendo como fundamento o *site* oficial desta junta de freguesia é essencial evidenciar que esta possui uma área de setecentos e oitenta e dois hectares, sendo composta pelos sítios da Ajuda, Areeiro, Igreja, Nazaré, Pico de São Martinho, Piornais, Quebradas, Virtudes, Amparo, Casa Branca, Lombada, Pico do Funcho, Pilar, Poço Barral, Vargem e Vitória.

Os picos que são característicos desta freguesia são o Pico do Funcho que tem esta denominação devido à abundância da planta Funcho na Região que é de onde também deriva o nome da cidade do Funchal; o pico da Arruda que também se destaca com esta toponímia devido à presença abundante da planta Arruda na Região; o pico da Cruz; o pico da Lombada e, por fim, o pico da Igreja.

Nesta freguesia está também presente o Bairro Social da Nazaré onde se localiza o Jardim-Escola João de Deus, porém de acordo com a Educadora da Sala do Bibe Amarelo II, as crianças que frequentam este estabelecimento não residem no bairro, pois pertencem a classes económicas médio/altas, sendo que todos os seus encarregados de educação possuem habilitações académicas iguais ou superiores ao 12.º ano de escolaridade.

A Freguesia de São Martinho é muito rica e diversificada em bens e serviços, pois temos próximo ao Jardim-Escola João de Deus um local de restauração, diversos cafés, um talho, uma bomba de gasolina (Repsol), lojas de acessórios para festas de aniversário, um campo de jogos, um parque público, uma padaria, o supermercado Continente e o Regimento de Guarnição n.º 3 (RG3). Já não tão próximo à Escola, mas ainda na referida

freguesia temos também a Igreja e o Clube Naval do Funchal. A nível dos serviços de educação temos a escola EB1/PE de São Martinho, EB1/PE Lombada, o Infantário “O Canto dos Reguilas”, a EB1/PE com Creche da Nazaré, como o edifício: “O Girassol” e o “Carrocel”, Escola Profissional Dr. Francisco Fernandes e, por fim, EB1/PE da Cruz de Carvalho.

6.1.2. A Importância do Meio Envolve na Vida da Criança

Segundo Battini (1982) citado por Zabalza (1998), o espaço para a criança é o que esta vê, o que faz nele e o que sente, podendo ser assim grande ou pequeno, escuridão ou sombra, um local para ficar quieto ou correr, um lugar onde ela possa pensar, olhar e ler. Perante esta afirmação, o espaço é, assim, visto pela criança como um local onde ela pode explorar, aprender e crescer, independentemente das características que o mesmo apresente. Por isso, o educador tem o dever de proporcionar às crianças momentos de aprendizagem dinâmicos onde ela possa explorar o espaço no mundo que a rodeia, construindo o seu próprio conhecimento.

Fontes & Freixo (2004) afirmam que para Vygotsky, o desenvolvimento é consequência de um processo social, cultural e histórico no qual a aprendizagem e a linguagem desempenham um papel essencial. Por isso, o meio e as pessoas que nele interagem contribuem para que nos possamos desenvolver através das aprendizagens que estes nos proporcionam.

O ambiente, de acordo com Zabalza (1998), concede-nos espaços, construídos ou naturais, que podem ser utilizados como momentos complementares ou alternativos para diversas atividades pedagógicas. Ou seja, para tornarmos as nossas atividades mais didáticas e estratégicas, é essencial que pensemos fora da nossa zona de conforto e exploremos outras alternativas, para além das salas de atividades, que estão ao nosso dispor no meio ambiente. Desta forma, o espaço que o educador e o professor detêm, vai para além das quatro paredes da sala de atividades ou de aulas, podendo este ser uma mata, um parque próximo, a biblioteca, entre outros. O mesmo autor refere, ainda, que o ambiente também proporciona materiais artificiais ou naturais que podem ser utilizados para enriquecer as atividades que o professor pretende desenvolver dentro ou fora da sala.

É muito comum que ao ir a um parque natural ou mesmo no caminho para o Jardim de Infância ou Escola a criança encontre algo, como por exemplo, uma folha e queira trazê-la para a sala a fim de mostrar e explorar com os colegas. Devemos, nestes casos, deixar que isso aconteça porque torna as aprendizagens mais efetivas, uma vez que parte

dos interesses da criança e não do educador. Este também pode utilizar esse elemento a favor dos objetivos de aprendizagens a promover, abordando as questões sobre a cor e a forma da folha, introduzindo assim conteúdos de aprendizagem essenciais.

Na perspectiva de Dewey (2002) para que a vida social da criança seja o mais rica e livre possível é essencial que esta tenha um enorme contacto com várias crianças e adultos. Ou seja, uma criança precisa de interagir com realidades distintas para que possa crescer e aprender a viver em sociedade porque todos nós somos diferentes, por isso ao contactar com o exterior, a criança estará também a criar bases essenciais de comunicação com outras pessoas.

Partilhando da mesma opinião Silva et al., (2016) defendem que o espaço exterior, devido às oportunidades e potencialidades educativas que tem para oferecer, iguala-se a mais um espaço de aprendizagem e requer a mesma atenção por parte do educador que o espaço interior da sala. Por vezes, os educadores sentem algum apreensão relativamente aos espaços exteriores por ser necessário ter um maior controlo sobre o grupo e também porque tudo o que acontecer será espontâneo e livre e, nem sempre, previamente planeado, porém este detém distintas potencialidades que podem ser transpostas depois para o espaço educativo interior, tanto quanto as potencialidades do espaço educativo da sala podem ser transpostas para o espaço exterior porque “Se as atividades que se realizam habitualmente na sala também podem ter lugar no espaço exterior, este tem características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas” (Silva I. M., 2016, p. 27). Os conhecimentos que as crianças adquirem não devem ficar na dimensão do abstrato, devem ser colocados em prática, por exemplo podemos dizer a uma criança a areia da praia é amarela, mas se a criança nunca explorar a areia amarela concretamente, este conhecimento poderá ficar comprometido e dificilmente será algo concreto e real.

Por fim, uma criança que tenha um maior contacto com o exterior da sala de atividades, irá conhecer melhor o meio envolvente onde está inserida e terá mais oportunidades de desenvolver ideias criativas acerca do mundo que a rodeia de modo mais diversificado e rico promovendo, assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem integral.

6.1.3. Potencialidades do Meio Envolverte do Jardim Escola João de Deus

Dewey defende que a criança deve ser vista como “(...) o ponto de partida, o centro e o fim” (2002, p. 61). Por isso, o/a educador/a ao planificar deve sempre partir dos interesses das crianças, deve ouvir as suas ideias e deve motivá-las para que a aprendizagem seja efetiva.

Tendo por base esta afirmação, são inúmeras as atividades de enriquecimento curricular que se pode concretizar tendo por base o meio envolvente onde o Jardim-Escola João de Deus está inserido. Sendo isto um facto, irei abordar alguns exemplos de atividades que poderiam ser desenvolvidas de forma a proporcionar às crianças uma aprendizagem ativa e dinâmica, onde elas poderiam explorar o meio que as rodeia e compreender melhor tudo o que exploram e que por vezes fica apenas no plano do abstrato.

Como já foi mencionado, a freguesia de São Martinho é muito rica em bens e serviços. Por isso, tem muitas potencialidades de aprendizagem para desenvolver neste meio. Começamos então por explorar as potencialidades de aprendizagem do supermercado Continente por estar muito próximo do Jardim-Escola João de Deus. Uma proposta de atividade seria levar as crianças até o supermercado para comprarem frutas para o seu lanche. Assim, estaríamos não só a promover aprendizagens na área de formação pessoal e social, através do contacto com outras pessoas, como também no domínio da matemática porque ao comprarmos as frutas poderíamos contá-las, verificar a sua cor e a sua forma geométrica e posteriormente ao pagar contaríamos o dinheiro. Uma outra atividade poderia ser deslocarmo-nos ao supermercado para comprarmos ingredientes para fazermos um bolo em que as crianças ficassem responsáveis por ir buscar um desses produtos e trazê-lo para o cesto das compras. Estaríamos assim a promover o sentido da procura e da descoberta, a aprendizagem do nome dos ingredientes, a entajuda, a comunicação oral e o raciocínio matemático mediante a contagem do número de ingredientes.

Figura 1

Supermercado Continente

Dando um outro exemplo, o parque público que está situado um pouco abaixo do Jardim-Escola João de Deus é também um espaço muito potencializador de aprendizagens porque são múltiplas as atividades que pudemos realizar: apanhar as folhas caídas no jardim, observar a sua forma e os seus tamanhos e questionarmo-nos sobre o porquê de as folhas caírem, podendo depois pintá-las ou colá-las numa folha de papel para expor; fazer um piquenique no jardim e explorar ou sentir as sonoridades do meio; fazer uma caça ao tesouro dos frutos do pão-por-deus, desenvolvendo assim conhecimentos na área de formação pessoal e social, na área da expressão e comunicação e na área do conhecimento do mundo de uma forma prática, ativa e bem vivenciada pelas crianças.

Figura 2*Parque “Mata da Nazaré”*

O campo desportivo que existe próximo ao parque natural público poderia ser um local onde as crianças realizassem distintos jogos tradicionais e não tradicionais, estimulando o desenvolvimento físico motor e a expressão musical.

Figura 3*Campo Desportivo da Nazaré*

Um outro local que também possui distintas potencialidades de aprendizagem é o regimento de guarnição n.º 3, pois este faz parte da história e do património cultural regional e poderia ser visitado pelas crianças para desenvolver o sentido de pertença a uma Nação e, ainda, para conhecerem um pouco mais da história da Região e do País.

Figura 4

Regimento de Guarnição n.º 3 (RG3)



Por fim, um último exemplo, a padaria na qual podíamos ver como é que o padeiro faz o pão e as crianças poderiam fazer um pão e, assim, estaríamos a promover aprendizagens: na área de formação pessoal e social através do contacto com as outras pessoas; na área do conhecimento do mundo através da exploração do meio onde estão inseridas e das atividades profissionais que aí ocorrem e na área de expressão e comunicação, mais concretamente no domínio da língua portuguesa e no domínio da matemática, através das noções de quantidade necessárias para confeccionar o pão. Desta forma, são muitas as atividades pedagógicas que podemos realizar com as crianças no espaço exterior ao Jardim-Escola João de Deus com o objetivo de proporcionar momentos significativos no seu processo de aprendizagem, sendo necessário que o/a educador/a esteja disposto a fazê-lo e, assim, possa facultar as bases necessárias para que as crianças sejam ativas na construção da sua própria aprendizagem.

A aprendizagem, conforme nos diz Dewey (2002), envolve uma assimilação orgânica a partir do interior e o alcance da mente, sendo assim ativa. Logo, devemos partir

sempre da criança e nos colocarmos ao seu lado, apoiando-a, porque é ela quem determina a qualidade e a quantidade da sua aprendizagem e não o assunto ou o conteúdo a abordar.

O/a educador/a é visto pela criança como um ser sábio e é através deste que a criança tem o seu primeiro contacto com a educação formal, por essa mesma razão, é crucial que como futura educadora e professora proporcione aprendizagens diversificadas às crianças para que elas se desenvolvam de forma plena ao longo de todo o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem dentro e fora do espaço formal de EI.

6.2. Caracterização do Jardim-Escola João de Deus

Desta forma e tendo por base o Projeto Educativo (PE) deste estabelecimento de educação, o Jardim-Escola João de Deus faz parte da Associação de Jardins-Escola João de Deus com sede em Lisboa, na avenida Álvares Cabral, n.º 69 e é uma instituição particular de solidariedade social. É o primeiro Jardim-Escola João de Deus a funcionar na Região Autónoma da Madeira (RAM) com a autorização e parceria da Secretária Regional da Educação, Ciência e Tecnologia (SRECT). É um edifício recuperado denominado por "quinta" que contém traços de arquitetura vigentes na Região que perfaz uma área coberta de 800 m², sendo que a sua área total é de 1200 m² devido às árvores de grande porte e espaços verde que este contempla.

Relativamente aos recursos humanos, segundo o PE do Jardim-Escola João de Deus, é composto por:

- Uma diretora;
- Dez educadoras de infância, sendo quatro de educação do pré-escolar e seis de creche;
- Dezasseis auxiliares de educação;
- Duas cozinheiras;
- Uma auxiliar de cozinha;
- Cinco auxiliares de limpeza;
- Uma administrativa.
- Um professor de Educação Física;
- Um professor de Artes Visuais;
- Um professor de Música.

Relativamente aos recursos físicos, é composto por espaços interiores e espaços exteriores:

Nos espaços interiores existe:

- Um refeitório e salão polivalente;
- Dez salas de atividades/aulas;
- Duas copas de leite;
- Seis arrecadações;
- Nove instalações sanitárias, sendo três de pessoal docente e não docente, cinco de pré-escolar e creche e uma de lavabos;
- Um gabinete de direção;
- Uma secretaria;
- Uma lavandaria e engomadoria;
- Uma despensa;
- Uma arrecadação;
- Uma cozinha;
- Um vestiário
- Uma sala de docentes/reprografia.

Nos espaços exteriores existe:

- Uma horta;
- Três espaços de recreio de pré-escolar e creche.

O PE do Jardim-Escola João de Deus tem como principal lema: "Brincar, aprender e crescer". Durante toda a minha prática pedagógica, tive sempre em consideração este tema e proporcionei às crianças momentos de aprendizagem onde elas pudessem aprender de forma dinâmica, através de jogos e teatros de fantoches para promover uma aprendizagem mais significativa e também o seu desenvolvimento. No referido PE está também presente a explicação do modelo ou método de João de Deus, a caracterização do Jardim-Escola João de Deus e as intenções, ações e metas educativas do mesmo.⁵

⁵ Projeto Educativo do Jardim-Escola João de Deus

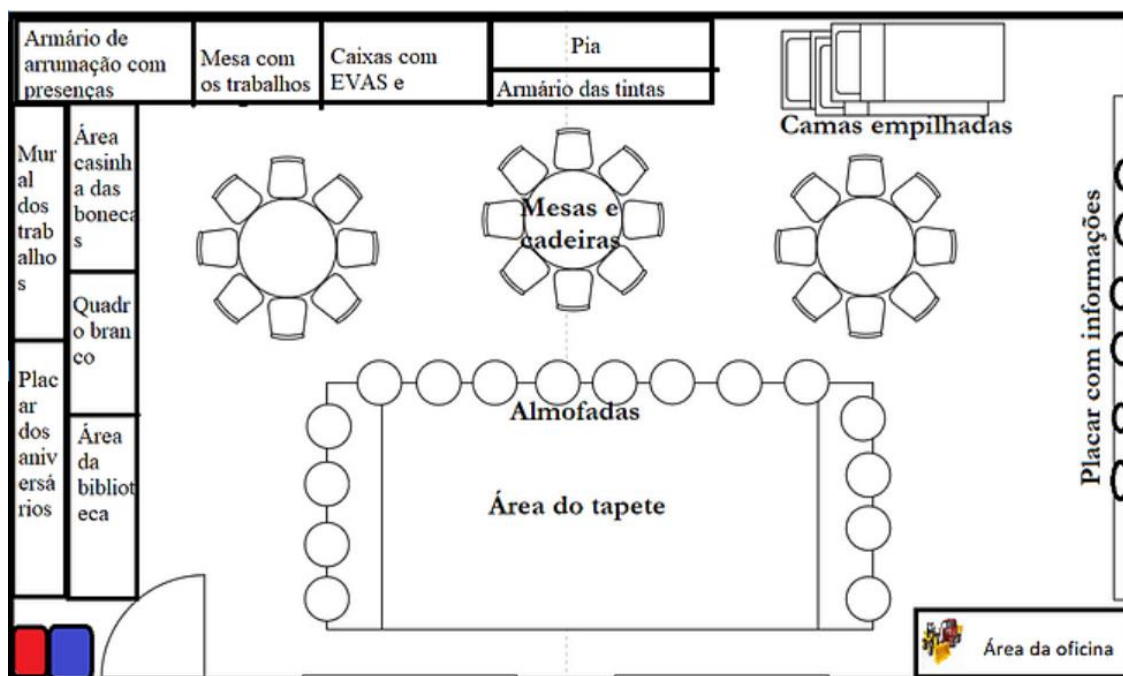
6.3. Caracterização da Sala Bibe Amarelo II

A EI, de acordo com Zabalba (1998), possui características muito singulares no que diz respeito à organização de espaços, por essa mesma razão é necessário haver espaços amplos, especializados, de fácil acesso e bem diferenciados que possam ser naturalmente identificados pelas crianças, quer a nível das atividades que se concretizam nos mesmos, como a nível da sua função.

Deste modo, o espaço da sala de atividades do Bibe Amarelo II, está organizado de forma que o tapete ocupe a área principal, por ser o local em que as crianças desenvolvem as suas atividades e o espaço principal para a motivação através de uma primeira abordagem às atividades pedagógicas a realizar. Seguidamente, tem as áreas distribuídas pela sala (Figura 5), sendo estas: a área da oficina, a área da casa das bonecas e a área da biblioteca. E por fim, tem um lavatório que está ao dispor das crianças e mesas onde as crianças desenvolvem todas as suas atividades e dão azos à sua criatividade.

Figura 5

Planta da Sala do Bibe Amarelo II



6.3.1. Rotina Diária da Sala

Segundo Silva et al., (2016), a compreensão das rotinas e dos diferentes momentos que ocorrem ao longo do dia e do ano, bem como o uso e a concretização de calendários e horários são fundamentais para a aprendizagem das crianças sobre as unidades básicas de tempo. Os mesmos autores defendem que uma rotina pedagógica ou diária intencionalmente planejada pela educadora e conhecida pelas crianças é essencial porque permite que estas entendam que o dia compreende diferentes momentos e níveis de ritmo, nos quais elas sabem o que podem fazer e o que se sucede posteriormente, sendo possível propor modificações.

No Jardim-Escola João de Deus, o dia das crianças começava sempre da mesma forma, com uma roda em conjunto com os outros Bibes nos quais se cantavam canções até às 9h30m, seguido do momento de acolhimento na sala, no qual cantávamos a canção do Bom dia. Após o momento de acolhimento eram desenvolvidos momentos de aprendizagem e as crianças tinham o lanche às 10h30m. Depois do lanche, as crianças brincavam no parque e eram desenvolvidas atividades. Após isso, às 11h30m as crianças dirigiam-se para a casa de banho para higienizarem as suas mãos e almoçar. Finalizado o almoço por volta do 12h/12:30m, colocávamos as crianças nas suas caminhas para descansarem. Às 14h, acordávamos as crianças para irem à casa de banho e para desenvolverem várias atividades, estando isto comprovado na Figura 6.

O estabelecimento de ensino tem de estar estruturado de forma que seja um ambiente facilitador da aprendizagem e desenvolvimento das crianças que promova oportunidades de formação também à comunidade escolar. (Silva et al., 2016). Visto que, as crianças necessitam de tempo para brincarem, experimentarem novas ideias, mudarem e aperfeiçoarem as suas realizações, concretizarem experiências e explorarem, é essencial organizar e antecipar um tempo paralelamente ajustável e estruturado, no qual os distintos momentos possuam significado para as crianças. (Silva et al., 2016)

Figura 6

Rotina da Sala do Bibe Amarelo II

Jardim-Escola João de Deus – Funchal
Distribuição de atividades do Bibe Amarelo II
Ano Letivo 2019/2020

Horário	Responsável	Temática	Área de Conteúdo	Atividade	Recursos
8:30 - 9:30		Receção da Língua Oral (Bate e espreguiça de histórias, poemas, músicas e lengalengas)			
9:30 - 10:00	Domínio de Matemática (Ex. Bibe Língua)	Área de Conhecimento do Mundo	Domínio de Matemática (Ex. 17 Dias)	Área de Conhecimento do Mundo	Área de Conhecimento do Mundo
10:00 - 10:30	Domínio de Matemática (Ex. Bibe Língua)	Área de Conhecimento do Mundo (Interação de Condições)	Domínio de Matemática (Atividades de Condições)	Área de Conhecimento do Mundo (Atividades de Condições)	Domínio da Língua Oral e Abordagem à escrita (Crianças)
10:30 - 11:00	Domínio de Matemática (Ex. Bibe Língua)	Domínio de Educação Artística Subdomínio das Artes Visuais (Prof. Duarte)	Recursos Livres / Orientado	Recursos Livres / Orientado	Recursos Livres / Orientado
11:00 - 11:30	Recursos Livres / Orientado	Domínio de Educação Física (Prof. Duarte)	Domínio de Educação Física (Prof. Duarte)	Domínio de Matemática (Materiais alternativos) / Jogos de Problematização	Domínio da Matemática (Ex. Publicar)
11:30 - 12:00	Domínio de Matemática (Atividades de Condições)	Recursos Livres / Orientado		Domínio da Língua Oral (Atividades de Condições)	Domínio da Matemática (Atividades de Condições)
12:00 - 14:00	Almoço e Hora do Sono				
14:00 - 14:30	Área de Conhecimento do Mundo	Domínio da Língua Oral e Abordagem à escrita (Crianças)	Domínio da Língua Oral e Abordagem à escrita (Letura e expressão de imagens, histórias, poemas...)	Domínio da Língua Oral e Abordagem à escrita (Hora do Conto / Jogos de memória)	Domínio Educação Artística Subdomínio das Artes Visuais
14:30 - 15:00	Área de Conhecimento do Mundo (Atividades de Condições)	Domínio da Língua Oral (Hora do Conto / Jogos de memória)	Domínio da Língua Oral e Abordagem à escrita (Crianças)	Domínio da Educação Artística Subdomínio das Artes Visuais (Espreguiça de histórias, músicas, poemas, dramatagem...)	Domínio Educação Artística - Subdomínio das Artes Visuais (Pintura livre / orientada digitalmente / modelagem)
15:00 - 15:30	Domínio da Língua Oral (Espreguiça de histórias)	Inglês	Domínio da Língua Oral (Lengalengas / Inova Língua)	Inglês	
15:30 - 16:00	Área de Formação pessoal e social (Jogos de Socialização)	Domínio Educação artística Subdomínio das Artes Visuais (Espreguiça de histórias, músicas, poemas, dramatagem...)	Domínio da Educação Artística Subdomínio das Artes Visuais (Resumo Livre / Orientado)	Área de Formação pessoal e social (Atividades Experimentais)	Domínio da Educação Artística Subdomínio do Teatro Dramático / Teatro (Crianças)
16:00 - 16:30	Domínio da Educação Artística Subdomínio do Teatro Dramático / Teatro (Crianças)	Domínio Educação artística Subdomínio da Dança	Jogos de encaixe	Domínio da Língua Oral (Lengalengas / Inova Língua)	Área de Formação pessoal e social (Jogos de Socialização)
16:30 - 17:00	Lanche e Recursos Livres / Orientado				

Distribuição das atividades poderá sofrer alterações para se adequar convenientemente às necessidades do grupo de crianças.
Domínio de Artes Visuais, Música e Educação Física não inclui outras atividades visto serem lecionadas por professores com habilitação pré-definida pela Secretaria Regional de Educação.
Atividade Bibe está presente nas atividades lecionadas por professores especializados.
08:30 - 10:30 - Refeição alimentacionamente do Jardim-Escola João de Deus.

A Educadora: *[Assinatura]*

Assim sendo, o dia das crianças no Jardim-Escola João de Deus era composto por uma sequência de rotinas conhecida pelas crianças e que permitia a promoção de diferentes momentos de desenvolvimento e aprendizagem. É fundamental que a organização seja definida pelas crianças e pelo/a educador/a, dado que o tempo é do grupo, do/a educador/a e de cada uma das crianças. (Silva et al., 2016). A rotina, não deve ser vista como algo negativo, dado que estabelece normas e pontos de referência que permitem saber o que irá se suceder, por isso é importante o desenvolvimento de rotinas na EI para que as crianças tenham consciência do que vão fazer ao longo do seu dia no Jardim-Escola João de Deus.

6.4. Caracterização do Grupo de Crianças

A sala do Bibe Amarelo II é constituída por um grupo de 17 crianças, sendo 13 do género feminino e 4 do género masculino. As crianças têm 3 anos de idade e são muito afetuosas e independentes. Pelo que observei, estas crianças demonstravam interesse em atividades lúdicas que envolvessem o conto de histórias, a utilização do imaginário e a realização de jogos. A maior parte das crianças era assídua e pontual e todas possuíam nacionalidade portuguesa. Estas conhecem e respeitam as rotinas diárias do Jardim-Escola João de Deus e cumprem as regras estabelecidas na sala.

A nível da convivência social, eram muito unidas e ajudam-se mutuamente, tentando sempre “consolar” o amigo que esteja triste, tendo sempre em consideração os sentimentos e as emoções dos outros.

Algumas crianças apresentam uma necessidade de desenvolvimento da consciência fonológica e dificuldade na formação de diálogos, em razão disso ao longo da minha prática pedagógica promovi sempre nas atividades pedagógicas a consciência fonológica.

As crianças eram responsáveis e autónomas e detinham destreza adequada à idade a nível da motricidade fina. A maior parte das crianças era bastante extrovertidas, porém existiam algumas que eram muito tímidas, mas nessas situações em concreto se o adulto fizesse a atividade com a criança a sua timidez diminuía e esta acabava por se desinibir. Adoravam o contacto com o exterior e exploravam tudo o que era novidade com entusiasmo e emoção, estando dispostos para aprender. Na minha prática pedagógica, pude observar que sempre que as atividades eram realizadas no exterior as crianças ficavam mais extrovertidas, com mais interesse e com uma maior predisposição para a aprendizagem, considerei importante compreender o que poderia fazer para promover momentos de aprendizagem nos espaços exteriores, realizando assim um planeamento pensado com estratégias que fossem de encontro aos interesses e necessidades destas crianças.

6.5. Projeto de Investigação-Ação

6.5.1. Enquadramento do Problema

Como já aludi, a minha prática pedagógica I foi desenvolvida no Jardim-Escola João de Deus, mais concretamente, na sala do Bibe Amarelo II. Durante os primeiros dias de observação participante na prática pedagógica, consegui aprender alguns aspetos essenciais do desenvolvimento e aprendizagem de cada uma das crianças e do grupo, que me permitiram chegar à problemática desta IA: **“Como é que as crianças da sala do Bibe Amarelo II podem desenvolver a consciência fonológica?”**

Na EPE, de acordo com Silva et al. (2016), o desenvolvimento da linguagem oral é essencial por ser um instrumento de comunicação e expressão que a criança vai dominando e ampliando de forma progressiva ao longo do seu processo educativo. Perante esta afirmação, na primeira semana de observação participante, foi notória a

dificuldade que algumas crianças demonstravam ao verbalizar determinadas palavras e ao expressar-se em situações de diálogo. Ao deparar-me com este facto dialoguei com a educadora cooperante e ela confirmou-me que essa era uma dificuldade que o grupo apresentava, sendo que uma das crianças demonstrava evidências que indicavam a necessidade de terapia da fala.

À medida que dialogava com as crianças, ia-me apercebendo mais das suas particularidades ao nível da consciência fonológica, visto que apresentavam dicção inadequada das palavras com sons associados às seguintes letras: S, F e V que são realmente letras com um certo grau de dificuldade de pronunciar, dado a faixa etária das crianças. Observei também diversas situações no quotidiano das crianças no jardim de infância em que estas apresentaram dificuldades a nível fonético, por exemplo, na frase: “Eu fui à piscina”, muitas crianças não pronunciavam o “s” e diziam: “Eu fui à picina”. De facto, pude observar que quanto mais polissilábicas eram as palavras, mais dificuldades as crianças apresentavam a expressá-las verbalmente. Foi a partir desta constatação que decidi a problemática iria ser alvo do meu enfoque pedagógico, ou seja, o desenvolvimento da consciência fonológica, sem desconsiderar as outras dimensões de aprendizagem a promover segundo as OCEPE (2016) e o Projeto Educativo da Escola (PEE).

6.5.2. Questão de Investigação–Ação

Dado a importância da consciência fonológica na vida das crianças para o desenvolvimento da sua linguagem oral e escrita e desde o momento em que sinalizei na sala do Bibe Amarelo II esta problemática, foi para mim fundamental tornar este domínio de aprendizagem o foco principal do meu projeto de IA.

Assim sendo, com o objetivo principal de suprir essas necessidades e de desenvolver a consciência fonológica, utilizando a metodologia da investigação-ação, contemplei, nas planificações pedagógicas, estratégias que pudessem responder à seguinte questão de IA: **“Como é que as crianças da sala do Bibe Amarelo II podem desenvolver a consciência fonológica?”**

6.5.3. Consciência Fonológica

Segundo Silva, et al. (2016), a Área de Expressão e Comunicação é composta por distintos domínios e subdomínios, incluídos na mesma área por terem uma relação intrínseca entre si e por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança representar e dar sentido ao mundo que a rodeia, interagir com os outros e exprimir as suas emoções e os seus pensamentos de forma criativa e própria.

Uma vez que a consciência fonológica está inserida nesta área do saber, mais precisamente na componente de Consciência Linguística do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, reuni informações consideradas essenciais para a justificação da escolha desta problemática e para a explicitação da importância da mesma no processo de aprendizagem das crianças.

Assim sendo, irei abordar de seguida o conceito de consciência fonológica, a sua importância na aprendizagem das crianças e, por fim, de que formas é que a podemos desenvolver com as crianças.

Ferraz, et al. (2018) defendem que as crianças quando aprendem a falar destacam o seu interesse e a sua atenção na significação daquilo que pronunciam e do que estão a ouvir, não tendo assim consciência de que as palavras são constituídas por sucessões de sons. Por essa mesma razão, “As crianças têm de se consciencializar de que as palavras ditas oralmente são constituídas por uma sequência de fonemas, correspondente ao que é representado pelo código alfabético através da escrita” (Ferraz, Pocinho, & Fernandes, 2018, p. 4 e 5). Assim, de acordo com as mesmas autoras, a consciência fonológica define-se como consciência da estrutura fonológica da língua.

Na mesma linha de pensamento, Sim-Sim, et al. (2008) caracterizam a consciência fonológica como a capacidade para manipular e analisar segmentos sonoros de tamanhos diferenciados como unidades intrassilábicas, sílabas e fonemas que compõem as palavras e a capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras orais.

Partilhando da mesma opinião, Freitas, et al. (2007) dizem que a consciência fonológica se refere à capacidade de explicitamente manipular e identificar as unidades do oral. Pois, “Se pensarmos na unidade, a capacidade que a criança tem de isolar num contínuo de fala e a capacidade que tem de identificar unidades fonológicas no seu interior é entendida como expressão da sua consciência fonológica” (Freitas, Alves, & Costa, 2007, p. 9).

Silva, et al. (2016) afirmam que a consciência fonológica, desenvolve-se gradualmente, proporcionando à criança uma capacidade crescente para a identificação, síntese, supressão, manipulação e análise de elementos fonológicos cada vez menores. Tendo consciência desta afirmação, os educadores ou professores devem realizar propostas que impliquem diferentes níveis e processos de análise, aumentando o seu grau de exigência, de forma a facilitar estas aprendizagens. Os mesmos autores realçam ainda que a consciência fonológica e a aprendizagem da leitura estão interligadas, podendo considerar-se que esta relação é interativa e recíproca, dado que a capacidade de análise do oral é tão importante para o processo de codificação da escrita, este processo proporciona o desenvolvimento de níveis de análise fonológica cada vez mais complexos.

6.5.4. A Importância da Consciência Fonológica

Ferraz et al., (2018) defendem que a intervenção precoce com crianças é fundamental porque ajuda-as e motiva-as para desenvolver novas competências linguísticas, suprimindo as suas dificuldades. As mesmas autoras afirmam ainda que, em idade Pré-Escolar, a reflexão que as crianças fazem sobre a sua própria língua é intuitiva e pode conter diversas habilidades metalinguísticas, sendo estas: a consciência morfológica, quando conseguem identificar as palavras nas frases; a consciência sintática, quando conseguem adequar gramaticalmente as frases, e por fim, a consciência fonológica, quando têm consciência dos segmentos sonoros das palavras.

Dado o desenvolvimento destas competências linguísticas, a natureza das relações entre a linguagem escrita e a linguagem oral, de acordo com Sim-Sim et al., (2008), determina que a sensibilidade infantil à estrutura sonora das palavras apresenta-se como uma competência essencial na aquisição da escrita e da leitura. Sendo isto fundamentado por uma panóplia de estudos que confirmam que a implementação de programas de “treino” relativos à consciência fonológica que levam as crianças a focar a sua atenção nos segmentos sonoros das palavras, ao longo da EPE, facilitam mais tarde o processo formal da aprendizagem da leitura. A consciência fonológica, no ponto de vista de Ferraz et al., (2018), na atualidade “(...) assume-se como crucial para a aquisição da leitura e da escrita e por essa razão o treino desta competência metalinguística deverá realizar-se antes da entrada para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, ou seja, na Educação Pré-Escolar” (p. 9).

Sim-Sim et al., (2008) defendem ainda que a relação entre a consciência fonológica e as escritas inventadas são de natureza recíproca porque a abordagem

analítica das palavras no decorrer das tentativas de escrita das crianças irá influenciar as competências de análise do oral e também o exercício de tentar escrever irá proporcionar a aprendizagem de operações de análise das palavras.

Em suma, a consciência fonológica contribui fundamentalmente para a aprendizagem da leitura e da escrita.

6.5.5. Estratégias para Desenvolver a Consciência Fonológica

Silva et al., (2016) afirmam que as crianças demonstram prazer em inventar sons, descobrir as relações dos sons e lidar com palavras porque envolvem-se regularmente em situações que implicam uma exploração lúdica da linguagem. Os trava-línguas, as rimas, as adivinhas e as lengalengas são aspetos da tradição cultural portuguesa que são trabalhados nas salas de atividades e, muitas vezes, estão presentes no dia a dia das crianças, demonstrando-se como formas de desenvolver a consciência linguística em contextos de EI. Sendo estas e outras formas de exploração de palavras e sons meios influenciadores para que a criança reconheça que a língua é um objeto de reflexão e não apenas um meio de comunicação, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais estruturada e complexa sobre a maneira como se organizam os elementos da língua e como é constituída.

Na mesma linha de pensamento, Sim-Sim (1998) citada por Ferraz et al., (2018) confirmam que as crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos de idade demonstram um prazer lúdico com as rimas das palavras através da concretização de jogos de palavras e de sons, nos quais as crianças realizam modificações voluntárias, criando assim novos vocábulos.

Assim, durante toda a minha prática pedagógica com o intuito de desenvolver a consciência fonológica e de proporcionar às crianças o contacto com distintos géneros literários, incorporei nas planificações pedagógicas rimas, lengalengas e poesia de maneira que as crianças pudessem aprender mais dinâmica e efetivamente. Com efeito, foi através do recurso a rimas, textos narrativos, poesias e lengalengas que desenvolvemos jogos que contemplaram o que foi referido anteriormente, ou seja, a identificação de sílabas e sons e o reconhecimento de fonemas.

6.5.6. Fases do Projeto

É importante realçar que este projeto, em particular, foi desenvolvido no decorrer de toda a minha prática pedagógica realizada no Jardim-Escola João de Deus, na sala do Bibe Amarelo II, entre 8 de outubro e 12 de dezembro de 2019.

Foi-me proposto o desafio de ao longo da minha prática pedagógica, ser capaz de detetar, refletir e agir pedagogicamente sobre uma problemática que pudesse ser trabalhada de maneira a ir ao encontro dos interesses das crianças e/ou suprir as suas necessidades relativamente a essa questão.

Desta forma, a problemática assinalada no grupo de crianças foi a consciência fonológica, dado que esta é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem integral da criança. Assim procurei através da revisão de literatura compreender o conceito, a sua importância e como promovê-la nos momentos de aprendizagem das crianças com o intuito de promover aprendizagens significativas e desenvolver competências essenciais neste âmbito.

A metodologia utilizada, como já referi, foi a de IA, na qual recorri aos diários de bordo, à observação participante, ao registo fotográfico e à reflexão crítica sobre as atividades realizadas para poder implementar estratégias pedagógicas que tivessem como principal objetivo ir ao encontro dos interesses das crianças tendo subjacente questão desta IA.

6.5.7. Estratégias de Ação Pedagógica

A EPE é um marco na vida de uma criança, por ser o primeiro contacto que esta tem com muitas vivências e aprendizagens fora do seu contexto familiar. Aqui, a criança aprende a crescer, constrói aos poucos a sua própria aprendizagem e desenvolve diversas competências. É essencial valorizarmos todas as aprendizagens das crianças, por mais pequenas que sejam e motivá-las sempre para que aprendam mais e com gosto, promovendo um ambiente de bem-estar propício ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Desta forma, todas as planificações que elaborei tiveram o intuito de promover aprendizagens significativas às crianças, mais em específico, com enfoque no objeto de estudo da minha IA: a consciência fonológica.

Assim, utilizei, resumidamente, as seguintes estratégias pedagógicas para responder à problemática sinalizada na sala do Bibe Amarelo II:

- Situações lúdicas;
- Divisão silábica;
- Histórias;
- Rimas, poesias, lengalengas;
- Situações de diálogo.

Estas estratégias demonstram-se como essenciais para suprimir a problemática sinalizada e foram a base principal para que organizasse o espaço e o tempo com o intuito de que as atividades fossem dinâmicas e significativas para as crianças. Um/a educador/a deve sempre preparar as suas atividades e o ambiente educativo de forma que as crianças se desenvolvam integralmente e sempre antecipando tudo aquilo que seja necessário. Apresento então, seguidamente as atividades que realizei que comportam as estratégias acima enunciadas e que tiveram como principal objetivo desenvolver a consciência fonológica nas crianças do Bibe Amarelo II.

6.5.8. Momentos de Aprendizagem

Após definidas as estratégias, serão agora enunciados alguns momentos de aprendizagem que realizei com as crianças, sendo que só um desses momentos será mais aprofundado e irei especificar o que foi feito e com que intuito. Todos os momentos de aprendizagem foram importantes e enriquecedores, mas decidi escolher o momento de aprendizagem da “Rena Rodolfo” porque acho que foi das atividades mais significantes para as crianças.

A- “Vem aí o Pão-por-Deus”

Leitura de uma história alusiva ao Pão-por-Deus que foi criada por mim com recurso a saquinhos do Pão-por-Deus que utilizei para dramatizar a história. Depois de contar a história, dialoguei sobre o Pão-por-Deus com as crianças e sobre a importância de partilharmos uns com os outros, principalmente com os mais necessitados, fazendo depois questões argumentativas com o intuito de criar situações de diálogo. Posteriormente, mostrei às crianças os frutos que trouxe do Pão-por-Deus: bananas, maçãs, castanhas e nozes, perguntando o nome de cada uma e deixando-os explorar os

alimentos através da sua textura, cor e formato e dirigimo-nos ao pátio exterior para fazermos uma “Caça ao tesouro das frutas do Pão-por-Deus”. Por fim, sentamo-nos em roda para fazer a exploração dos frutos encontrados, na qual cada criança mostrou os seus frutos dizendo: nome, cor, tamanho e textura e fizemos a divisão silábica dos frutos de forma conjunta com recurso ao batimento de palmas.

Figura 7⁶

Cestos do Pão-por-Deus utilizados na caça ao tesouro



B- “Ser amigo é...”

Leitura da fábula do Leão e do Rato de Fábulas de Esopo às crianças com recurso ao uso de fantoches de um leão e de um rato que foram elaborados por mim para torná-la mais didática e apelativa. Conteí esta fábula com o objetivo de abordar a temática da amizade e de solidariedade e de promover aprendizagens no que se refere à consciência fonológica através da divisão silábica das palavras: Rato, Leão, Partilha e Amizade. Para concretizar a divisão silábica destas palavras fizemos batimentos corporais utilizando as mãos e as pernas e solámos o “le” de leão e o “ra” de rato para trabalharmos a dicção das sílabas. Para finalizar a atividade, fizemos um jogo denominado: “Ser amigo é...”. No

⁶ Não foram necessárias autorizações de imagens, dado que as crianças não foram fotografadas.

jogo havia uma bola e quem recebesse a bola tinha de completar a frase e passar depois a bola a um dos seus colegas para que eles fizessem o mesmo e no fim diziam: “e vai uma barquinha carregadinha de beijinhos”.

Figura 8

Fantoches do Leão e do Rato



C – “Vamos descobrir os sentidos”

Leitura de rimas que tinham como temática os sentidos e o objetivo é que as crianças depois as pudessem repetir posteriormente de forma interativa. Depois de abordadas as rimas e de participarem em jogos que incluíam o uso dos sentidos, sugeri às crianças que fizéssemos uma roda e concretizássemos a divisão silábica das seguintes palavras: visão, paladar, tato, olfato e audição, através do batimento das mãos e dos pés, comparando simultaneamente o número de sílabas das palavras. Em cada dia foi explorando uma rima diferente alusiva a um sentido diferente e foram aplicados igualmente jogos relativamente a cada um dos sentidos. É importante realçar que as rimas foram criadas por mim.

D - “A cor Red”

Comecei por contar às crianças a história: “*Feliz Natal Lobo Mau*” de Clara Cunha e ilustrações de Natalina Córias com o auxílio de fantoches. Após explorarmos a

história, descobrimos em conjunto que a palavra “vermelho” em inglês, era “red” e pedi às crianças que dissemos a palavra “red”. Depois, propôs um desafio às crianças descobrirem na história objetos que tinham a cor “red” e estas responderam corretamente: a lareira, o fato do pai natal, os óculos do lobo, entre outros. Depois de vermos os elementos de cor “red” na história, as crianças procuraram livremente na sala tudo o que tinha a cor “red”. Em seguida, realizamos um jogo didático da consciência fonológica.

Figura 9

Fantoches do Lobo Mau e do Pai Natal



Figura 10

Criança a realizar a divisão silábica com círculos de papel EVA



E – “A Rena Rodolfo”⁷

A atividade da Rena Rodolfo está distribuída por dois dias e aborda a temática do Natal. Decidi abordar esta atividade porque na minha opinião, foi um momento enriquecedor para as crianças, no qual eles foram os construtores da sua própria aprendizagem. Num primeiro momento, comecei por dizer uma lengalenga de Natal alusiva às renas que foi criada por mim e que está presente no **Apêndice I**: Planificação da atividade: “A Rena Rodolfo”.

A lengalenga foi dramatizada por mim às crianças, dado que à medida que fui dizendo a lengalenga, utilizei os objetivos que estavam mencionados na mesma para a tornar mais apelativa e para ser uma forma de as crianças repetirem-na com maior facilidade, uma vez que observam os objetos e a sequência dos mesmos. Tomemos como exemplo: na parte em que refere “para trazer sapatos” mostrei às crianças um par de sapatos. Posteriormente, pedi às crianças que a dissessem comigo e repetimo-la, sendo esta decorada instantaneamente por elas. Segundo Silva et. al. (2016) é imprescindível que os alunos compreendam a importância e o valor da escrita e da leitura porque este conhecimento é importante para a construção do seu projeto pessoal para escrever e ler. Esta lengalenga tinha por objetivo que as crianças desenvolvessem competências no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mais concretamente a nível da consciência fonológica.

Após a exploração da lengalenga e dos objetos alusivos à mesma por parte das crianças, realizei uma pequena dramatização com um fantoche de pé da Rena Rodolfo e fizemos um pequeno jogo dramático no qual foi criado um diálogo entre o fantoche que estava a ser manuseado por mim e as crianças. Posteriormente e porque as artes são uma área muito importante do currículo que deve ser explorada, pedi a cada uma das crianças que explorasse o fantoche de pé da Rena Rodolfo da forma que desejasse, incentivando-as à dramatização. É importante realçar que algumas crianças recusaram experimentar o fantoche e essa decisão foi respeitada. Às crianças que exploraram o fantoche fizeram pequenas dramatizações com o mesmo e demonstraram-se muito empenhadas como pudemos observar na Figura 12. O fantoche de pé da Rena Rodolfo foi utilizado com o

⁷ Ver **Apêndice I**: Planificação da atividade “A Rena Rodolfo”

intuito de que as crianças desenvolvessem competências no Domínio da Educação Artística, mais especificamente no Subdomínio da Educação Dramática, sendo também uma forma de desenvolverem competências de comunicação perante o público, sendo este os seus colegas.

Num último momento deste dia e após a dramatização, as crianças dirigiram-se para a mesa para construirmos as Renas de Natal com material recicláveis que seriam depois o enfeite da nossa árvore de Natal reciclável como pudemos ver na Figura 11. As Renas foram construídas a partir de caixas de ovos que eu já levei recortadas por sugestão da educadora cooperante, dado que a mesma referiu que era perigoso as crianças recortarem, mesmo com o nosso auxílio. Distribuí por cada criança o molde de uma Rena, pinceis e tinta castanha para que elas pintasse as suas Renas livremente e da forma que desejassem, estando assim a trabalhar o Domínio da Educação Artística, mais especificamente o Subdomínio das Artes Visuais e a criatividade das crianças. Como as Renas precisam de secar para o dia seguinte, colocamo-las no exterior.

No dia seguinte e para continuar a atividade, comecei por ensinar às crianças uma canção denominada: *“As Cores de Natal”* de BBTwins. Para ensinar a canção, cantei diversas vezes e depois disse frase por frase pedindo às crianças que as repetissem. Após as crianças saberem a canção, entreguei a cada uma um instrumento musical e deixei-os explorar livremente. Então, depois de os instrumentos serem explorados pelas crianças livremente, expliquei que iríamos usar os instrumentos para realizar o batimento rítmico e cantarmos a nossa canção. Demonstrei a cada criança como é que se faziam os batimentos rítmicos e depois todos juntos cantamos a nossa canção e usamos os instrumentos. Por fim e para finalizar as diferentes dinâmicas de abordagem da canção guardamos os instrumentos e cantamos a canção, dançando e fazendo gestos alusivos à mesma. “A utilização dos instrumentos foi uma mais-valia porque permitiu que elas se expressassem de uma forma diferente e o facto de trabalhar a canção com recurso a diferentes dinâmicas foi também um aspeto bastante positivo.” (Diário de Bordo, 3 de dezembro de 2019). A exploração desta canção foi muito importante porque as crianças não só desenvolveram competências no Domínio da Linguagem Oral e Escrita através da repetição da letra da canção e ao cantá-la, como também desenvolveram competências nos Subdomínios da Dança e da Expressão Musical através da utilização dos instrumentos que foi algo que tornou a atividade muito mais enriquecedora para as crianças.

Como no dia anterior tínhamos iniciado a construção das nossas Renas, neste dia continuamos a nosso projeto e as crianças colaram as orelhas na Rena que foram feitas

em papel EVA; depois fizeram o nariz da Rena com lã vermelha e, por fim, as hastes da Rena com um material maleável. Importa denotar que o nariz e as hastes foram elaboradas pelas crianças de forma livre, mas a colagem dos mesmos foram feitas com o meu auxílio dado que foi necessário a utilização de cola quente.

Por fim e depois de termos finalizado as nossas Renas, fizemos um jogo da consciência fonológica, no qual mostrei às crianças uma cartolina A3 com a imagem de um Pai Natal, de um Boneco de Neve, de Presentes, de uma Estrela, de um Anjo e de Flocos de Neve, feitos com papel *Eva* e coloquei-a na área do tapete. As crianças tinham de concretizar a divisão silábica dessas palavras: primeiro com o batimento das palmas para compreenderem quantas sílabas a palavra tinha e depois colocavam por baixo da imagem os flocos de neve que representavam os bocadinhos da palavra na cartolina para que pudessem contar quantas sílabas esta tinha, como pudemos observar na Figura 13. Por exemplo, na palavra Rena, a criança fez os batimentos Re-na e depois colocou um floco de neve para cada bocadinho da palavra para “re” e outra para “na”, tendo assim dois bocadinhos, ou seja, duas sílabas. Importa referir que cada uma das crianças escolheu a imagem que quis para concretizar a divisão silábica da mesma. Sousa (2016) defende que o professor tem de estar motivado ao apresentar uma atividade aos seus alunos e deve demonstrá-la como algo que seja fundamental para a criança de modo a tornar a atividade dinâmica fazendo com que a criança se sinta importante através de uma orientação que não seja de forma mecânica.

O jogo da consciência fonológica foi num grau mais complexo porque ao longo das semanas foi trabalhado com as crianças a consciência fonológica e a partir das observações e reflexões compreendi que ela seriam capazes de realizar este jogo que apresentava um maior grau de complexidade com sucesso e assim se verificou. “(...) no jogo da divisão silábica todas as crianças foram participativa e quiseram demonstrar que sabiam e ao verificar que todas foram capazes de o fazer fiquei muito feliz porque significou que o meu trabalho em relação a esta vertente compensou e que fui capaz de lhes ensinar algo tão importante e verificar essa aprendizagem e uma grande evolução.” (Diário de Bordo, 3 de dezembro de 2019). Foi um orgulho observar a evolução das crianças a nível da consciência fonológica e na minha opinião esta atividade permitiu o desenvolvimento de diversas áreas de competências e foi composta por aprendizagens que foram realmente significativas para as crianças, visto que estas construíram a sua aprendizagem e eu orientei e facilitei essa mesma aprendizagem, permitindo-lhes que fossem autónomas, criativas e explorassem todos os elementos e objetos.

Figura 11

Rena feita pelas crianças com materiais recicláveis



“A parte da dramatização correu melhor do que esperado porque eu pensei que as crianças pudessem ter dificuldade e não querer experimentar o fantoche e falar e de facto houve crianças que demonstraram essa dificuldade, sendo superada com otimismo e motivação, mas muitas das crianças adoraram e todas disseram uma frase e manusearam o fantoche.” (Diário de Bordo, 2 de dezembro de 2019).

Figura 12

Criança a dramatizar a Rena com o fantoche de pé



Figura 13*Jogo da Consciência Fonológica***F - “O nosso teatro de fantoches”**

Nesta atividade, fizemos um teatro de fantoches alusivo à história: “*O melhor presente do Mundo*” de Mark Sperring com ilustrações de Lucy Fleming. Depois questionei as crianças sobre os vários momentos marcantes que decorreram ao longo da história de forma a promover o diálogo no grupo. Sentamos todas as crianças no tapete de frente para o biombo da escola e contamos através de um teatro de fantoches a história: “*O melhor presente do mundo*”. Por fim, fizemos o jogo com as crianças com o intuito de trabalhar a consciência fonológica sobre as rimas.

Figura 14*Fantoches da peça de teatro*

6.6. Intervenção com a Comunidade

O projeto com a comunidade que desenvolvi com os meus colegas de prática pedagógica tinha por objetivo a construção de uma árvore com materiais recicláveis para ser colocada próxima ao gabinete da diretora. Aplicamos este projeto em conjunto dado a proximidade do Natal e também por ser algo que a escola realiza todos os anos, por essa mesma razão a diretora sugeriu-nos a construção da árvore.

Dado o mundo atual, o qual é denominado pela poluição e por atos irresponsáveis de todos nós em relação às formas de tratamento do lixo e reciclagem, em conjunto decidimos que iríamos construir a nossa árvore com garrafas de plástico transparente de 1,5 litros a fim de as reutilizar com um propósito específico. Para isso, cada um de nós elaborou um documento, no qual solicitamos a colaboração dos pais e de toda a comunidade educativa para obtermos garrafas (**Apêndice IV**). “A participação em atividades e projetos afigurar-se, também, muito importante, sendo que os pais poderão contribuir para umas e outros com informação, materiais, histórias tradicionais, canções, etc” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 20). Conseguimos obter garrafas suficientes para a construção da árvore graças à colaboração dos pais e comunidade educativa e iniciamos então o nosso projeto. Cada um de nós ficou então responsável por fazer com as crianças, ornamentos distintos com materiais recicláveis para serem expostos posteriormente na árvore. No meu caso em específico, o ornamento foi uma rena de Natal feita através de caixas de ovos. Então, começamos por montar a árvore com as garrafas de plástico para termos noção de como está teria de ser organizada e construída; posteriormente experimentamos diferentes formas de colar as garrafas umas às outras, dado que a cola quente derrete o plástico esta não poderia ser uma estratégia a utilizar, então pensamos em aplicar fita cola e assim o fizemos. Construímos e modelamos a nossa árvore com as garrafas e com a fita-cola e após a árvore estar formada passamos à base onde esta ficaria situada. Compramos um vaso e colocamos dentro do vaso pedras para que ficasse suficientemente pesado, depois colocamos uma fita vermelha à volta do vaso para decorar e por cima a nossa árvore com material reciclável. Para a árvore estar concluída faltavam os adereços e a estrela. A estrela foi realizada por nós, moldamos a estrela num cartão e depois construímos e pintamos de amarelo. Os adereços foram colocados com o auxílio de um cordel no gargalo de cada uma das garrafas pelas crianças. Para colocarmos os adereços reunimos as crianças das nossas salas em grupo e orientamo-

las para que cada um viesse colocar o seu adereço no espaço que desejasse. Por fim, após todas as crianças colocarem os seus adereços, nós colocamos a árvore próximo do gabinete da diretora que foi o local destinado para colocarmos para que todos os pais pudessem ver o projeto final para o qual estes contribuíram ativamente.

Na minha opinião, este projeto foi bem-sucedido porque os pais forneceram os materiais e foram muito prestáveis e as crianças ajudaram-nos a construir a árvore, fizeram os ornamentos e expuseram-nos na árvore com muito orgulho e entusiasmo. E nós trabalhamos cooperativamente para o mesmo objetivo e fizemo-lo com sucesso.

Figura 15 e 16

Árvore de Natal – Projeto com a Comunidade



6.7. - Reflexão Final da Prática Pedagógica

Durante toda a minha prática pedagógica na EPE, refleti em tudo o que fiz, tanto nas coisas boas, como nas coisas menos boas. Foi através da reflexão que melhorei as minhas atividades e pude contribuir para a aprendizagem das crianças.

Desta forma, elaboro uma reflexão final que me permite refletir sobre tudo o que observei, sobre as minhas ações e sobre as atividades que desenvolvi e todas as vivências.

Na minha opinião, a reflexão é um instrumento essencial na profissão de docente porque é através dela que pudemos sempre nos autoavaliar e procurar ser melhor.

Na minha prática pedagógica foram diversos os momentos em que pude observar e aprender, dado que me foi possível estagiar na sala do bibe amarelo II com crianças de 3 anos de idade. O Jardim-Escola João de Deus tem uma metodologia específica denominada: “Método João de Deus” e tal como referido no Projeto Educativo 2019-2023 o seu lema é – “Brincar, aprender e crescer”. É assim pretendido que através do brincar as crianças possam aprender e crescer, mas de acordo com o seu método de ensino. Isto foi realmente algo que esteve evidenciado durante toda a minha prática, visto que as crianças demonstravam realmente uma autonomia de excelência, sendo capazes de fazer a sua higienização, de comer corretamente com os talheres e no ato de vestir a bata e calçar os sapatos e acho uma mais-valia na vida das crianças porque permite que desenvolvam competências essenciais da vida em sociedade. Foi sempre meu objetivo principal que as crianças aprendessem de forma lúdica e sem qualquer tipo de pressão, tivessem acesso a diversos recursos e imensos materiais didáticos. No método João de Deus existem alguns materiais didáticos específicos tais como a caixa de blocos lógicos com os quais pudemos trabalhar diversas noções, como por exemplo: lateralidade e cor.

Na minha prática pedagógica, tive dois dias de observação, os quais foram fundamentais para compreender qual a dinâmica na sala do bibe amarelo II e conhecer as crianças observando os seus comportamentos para que depois ao aplicar as minhas intervenções pudesse ir sempre ao encontro dos seus interesses e preferências. Foi também através desta observação que consegui desenvolver um projeto de IA que teve como objetivo suprimir as necessidades que muitas das crianças apresentavam a nível da consciência fonológica e tendo isso por base, em todas as atividades que desenvolvi tive sempre um elemento complementar que trabalhasse a consciência fonológica e fui sempre aumentando o grau de complexidade quando observava que as crianças já eram capazes

de fazer mais e melhor, começando primeiro pela divisão silábica com recurso a palmas, depois com recurso à dança, posteriormente com recurso à representação através da contagens dos bocadinhos das palavras com bolas e flocos de neve de papel EVA, e por fim, com a compreensão das rimas.

Ao elaborar todas as minhas planificações tive sempre em conta as aprendizagens que as crianças já tinham adquirido e quais as que ainda necessitavam de adquirir, tentando criar sempre momentos ricos em aprendizagens didáticas e dinâmicas. “Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização” (Silva I. M., 2016, p. 15). Desta forma, em todas as minhas planificações tive em conta estes objetivos mencionados, preparando sempre os materiais necessários e tendo sempre uma intencionalidade pedagógica específica.

Utilizei sempre as OCEPE para a EPE como um guia essencial para a minha prática pedagógica, visto que tentei sempre que as minhas planificações fossem interdisciplinares, no sentido em que abordassem todas as áreas de forma conjunta e não individualmente de maneira a existir uma aprendizagem global dos diferentes domínios apresentados.

Em termos de aprendizagem, para que as crianças demonstrassem interesse e entusiasmo e para que esta fosse efetiva apliquei diferentes estratégias em todas as atividades que desenvolvia para que houvesse sempre um elemento de surpresa e de descoberta.

O facto de haver rotinas, para mim, é visto como algo bom porque durante toda a nossa vida é importante haver uma rotina e sabermos o que se vai suceder e porque é uma forma de preparar as crianças para o futuro. Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) defendem que uma rotina pedagógica intencionalmente planeada pela educadora e conhecida pelas crianças é essencial porque permite que estas entendam que o dia compreende diferentes níveis de ritmo, no qual eles sabem o que podem fazer nos vários momentos e o que se sucede posteriormente, sendo possível propor modificações. Por essa mesma razão, a rotina não só está a preparar as crianças para o futuro como contribui para uma melhor gestão do seu dia-a-dia e das suas atividades.

Acho que a minha prestação neste estágio foi muito boa porque todos os aspetos que foram apontados como menos positivos, foram melhorados e tentei sempre fazer mais e melhor, sendo sempre dinâmica e diversificada com o objetivo de as crianças aprenderem comigo e eu com elas.

Os aspetos menos positivos que tenho a apontar são ter sentido dificuldade em gerir o grupo inicialmente, mas foi algo que com o tempo consegui aprender a controlar e também gerir o tempo porque defendo que devemos deixar que cada criança faça as coisas de acordo com os seus ritmos de aprendizagem e sem apressá-la, mas segundo a educadora cooperante depois acabava por demorar demasiado tempo em certas coisas e de ter que ser mais rápida noutras. Por isso, para suprimir esta dificuldade, aprendi a definir um tempo que fosse ao encontro às necessidades das crianças e que me permitisse fazer todas as coisas sem ter a preocupação de não conseguir fazer tudo devido ao tempo.

De acordo Oliveira-Formosinho, Andrade & Formosinho (2011), as tintas, os pinceis e as expressões são elementos indispensáveis na vida das crianças, isto porque ajudam-nas a narrar, criar, ver e representar. Por esse mesmo motivo, durante todas as minhas atividades, levei sempre materiais elaborados por mim sendo estes: fantoches de todo o tipo de materiais, baldes recicláveis decorados, objetos, alimentos e histórias, pinturas e cartolinas. Em todas as atividades que desenvolvi, tinha sempre um elemento de motivação para as crianças e na minha opinião foi uma mais valia e um aspeto importante que considero na minha prática porque o meu objetivo foi sempre que as crianças tivessem gosto pela aprendizagem e que as aprendizagens que lhes transmitisse tivessem significado para eles, isto porque “A criança que dispõe duma grande variedade de materiais e factos sente o desejo de falar acerca deles, e a sua linguagem torna-se mais refinada e completa, na medida em que é controlada e informada por realidades” (Dewey, 2002, p. 54). Esta diversidade de materiais permitiu que as crianças fossem mais comunicativas e se expressassem durante as atividades.

A EPE marca a vida de uma criança, por ser o primeiro contacto que esta tem com muitas vivências e aprendizagens, através das quais a criança aprende a crescer, constrói aos poucos a sua própria aprendizagem e desenvolve competências. É essencial valorizarmos todas as aprendizagens das crianças, por mais pequenas que sejam e motivá-las sempre para que aprendam ainda mais, promovendo um ambiente de bem-estar propício à aprendizagem. Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que não existe nenhuma fase da vida em que a educação não seja fundamental, pois esta deve ser vista como o fator principal de desenvolvimento social e humano. Tendo isto como princípio fundamental de toda a minha prática pedagógica, durante todos os meus dias de estágio fiz de tudo ao meu alcance para que as crianças tivessem boas memórias e aprendizagens significativas e desenvolvem-se inúmeras competências que lhes permitissem um bom desenvolvimento integral, motivando-as sempre e ajudando-as sempre que necessário.

É essencial que como futura educadora reflita acerca de tudo aquilo que faço e da forma como o faço, por essa mesma razão “A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores” (Alarcão, 2010, p. 44). É assim importante que sejamos reflexivos e tenhamos sempre como objetivo principal desenvolver a imaginação e o sentido crítico nas crianças e mesmo em nós próprios para que lhes possam criar momentos de aprendizagem onde elas possam recorrer ao seu imaginário, expondo as suas ideias de forma livre e criativa.

Em suma, o meu estágio no Jardim-Escola João de Deus foi uma experiência fantástica e cheia de vivências e memórias que guardarei com imenso carinho. Todos os estágios são importantes porque é através deles que podemos estar em contacto com diferentes realidades e experienciar diferentes momentos e aprendizagens que até podemos saber na teoria, mas é sempre importante pô-los em prática, mas este em especial fez-me crescer como pessoa, ensinou-me a ser uma boa profissional e permitiu-me ver a evolução das crianças nos momentos de aprendizagem. Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) dizem-nos que as experiências que as crianças adquirem nos contextos físicos e sociais em que vivem, bem como as interações e relações que estabelecem com outras crianças e com adultos são oportunidades de aprendizagem que irão favorecer o seu desenvolvimento. Pois bem, não só a minha interação com as crianças favoreceu o seu desenvolvimento como também favoreceu o meu desenvolvimento.

Capítulo 7 - Prática Pedagógica II - Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico - 1.º ano de escolaridade

7.1. Caracterização do Meio Envolverte

O professor deve ter conhecimento do meio que rodeia a escola porque o meio detém um papel importante e é um potencializador de aprendizagens, bem como um enriquecedor dos conhecimentos apreendidos pelos alunos em sala de aula. “O contexto (meio) envolvente a uma instituição é um espaço físico e social (comunidade) e que oferece muitas possibilidades para que se desenvolvam atividades fora da sala” (Silva M. M., 2015, p. 28). Desta forma, através do meio, as crianças sob a orientação do professor podem concretizar atividades nas diversas áreas de estudo quer seja esta Matemática, Português, Estudo do Meio ou Educação Artística.

A Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão está inserida na Freguesia de São Roque, concelho do Funchal. A Freguesia de São Roque é composta por inúmeros serviços e instituições, sendo estas a nível: sociocultural, económico, desportivo, religioso e educativo.

De acordo com a Professora cooperante, a população envolvente na freguesia é de classe média/baixa dado que a escola está inserida num bairro social e é sobretudo jovem e muitos possuem trabalhos precários, onde há uma predominância de famílias monoparentais e algumas famílias com situações de alcoolismo, toxicod dependência ou desemprego.

A nível sociocultural a freguesia possui: a Biblioteca Gulbenkian, a Casa da Cultura, o Recreio Musical União da Mocidade e a Associação de Escuteiros de São Roque.

A nível desportivo possui: Grupo Desportivo Azinhaga (GDA) e o Clube Desportivo de São Roque (CDRS).

A nível religioso possui: Capela de Nossa Senhora da Esperança; Igreja de São João de Baptista; Capela do Rosário; Igreja de São José; Capela da Alegria; Igreja de São Roque e Capela de Nossa Senhora da Conceição.

A nível económico possui: Banco, Centro de Saúde, Mercado e supermercados sendo que o mais próximo à escola é o Super São Roque, Estação de Correios, Bares, Restaurantes e Cafés, Instituto de Gestão de Águas; Sede da Empresa dos Horários do Funchal, Lojas de pronto-a-vestir, Farmácias e Biblioteca, Bombas de Gasolina;

A nível educativo: Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar da Achada; Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. Eduardo Brazão de Castro; Instituto das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus; Escola Básico do 1.º Ciclo com Pré-Escolar do Lombo Segundo que é a atual Escola de São Roque, Universidade da Madeira e STSADP - Serviço Técnico Socioeducativo de Apoio à Deficiência Profunda.

7.1.1. Potencialidades do Meio Envolve da Escola EB1/PE do Galeão

Como é possível denotar, a Freguesia de São Roque possui inúmeros bens e serviços e todos eles são potencializadores de aprendizagens.

Sendo isto um facto, irei abordar alguns exemplos de atividades que poderiam ser desenvolvidas com o objetivo de promover atividades ricas em aprendizagens e dinâmicas, na qual os alunos possam compreender, explorar e avaliar o meio que os rodeia, tirando proveito de os serviços que neles estão contemplados.

Comecemos então por explorar as potencialidades de aprendizagem do Recreio Musical União da Mocidade. Uma possível proposta de atividade seria as crianças fazerem uma visita ao local e descobrir a história, bem como ter a oportunidade de observar e manusear alguns dos instrumentos presentes no Recreio Musical União da Mocidade. Desta forma, estaríamos não só a promover aprendizagens na área da cidadania através do contacto com as pessoas e do respeito pelo espaço como na área do Estudo do Meio através da história do local e na área das Expressões através do uso dos instrumentos, mais precisamente na Educação Musical.

Dando um outro exemplo, o Mercado é igualmente um meio rico em potencialidades de aprendizagens. Os alunos poderiam dirigir-se ao mercado e verificar os nomes dos alimentos, conversar com os comerciantes acerca do como os alimentos são cultivados e como é que a prática agrícola. Poderiam comprar alguns vegetais e posteriormente levar para a escola para fazerem uma sopa para o seu almoço. E ainda poderiam plantar alimentos. Assim, estariam não só a desenvolver competências na área do Estudo do Meio em relação às profissionais e aos alimentos, como também na área da Matemática através da contagem dos alimentos para a sopa, do preço dos mesmos e na área do Português através da leitura e compreensão da receita.

Figura 17*Mercado da Penteada*

Por fim, a Biblioteca que é um lugar cheio de aprendizagens e no qual é possível desenvolver várias atividades. Os alunos podiam fazer uma visita à biblioteca e podiam explorar os livros escolhendo três para serem trabalhados na sala de aula e poderia ser elaborado um projeto de turma acerca da biblioteca e dos livros selecionados. Deste modo, desenvolveriam aprendizagens na área do Português através da leitura e exploração da história, na área da Expressão Artística, mais precisamente na Educação Visual através da criação do projeto e na área do Estudo do Meio pois estariam a estudar o seu património cultural.

Figura 18*Arquivo e Biblioteca da Madeira*

7.2. Caracterização da Escola

A Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão está localizada no concelho do Funchal, mais particularmente na Freguesia de São Roque, na Rua Escola Secundária do Galeão com o código-postal de 9020-212. Atualmente, a escola funciona em conjunto com a Escola do 1.º Ciclo com Pré-Escolar do Lombo Segundo dado que após os alunos que estão na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão finalizarem o seu 1.ºCEB, a escola será encerrada. Só estão presentes três turmas na escola: uma do pré-escolar; uma do 2.º ano de escolaridade e uma do 3.º ano de escolaridade. O Projeto Educativo (PE) é o mesmo que o da Escola do 1.º Ciclo com Pré-Escolar do Lombo Segundo dado que possuem a mesma diretora que tem como lema: “Cidadania e Valores”.

A Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão tem 4 pisos, cada um deles com diferentes espaços interiores e exteriores que passarei a referir.

Relativamente aos espaços interiores, é composto por:

- Duas arrecadações;
- Um gabinete de direção;
- Sete instalações sanitárias;
- Dois balneários;
- Uma sala de Expressão Plástica;
- Uma sala de apoio Psicológico e Arquivo;
- Um gabinete de administração;
- Quatro arrecadações;
- Uma sala de Educação Artística;
- Uma sala de multimédia;
- Um refeitório;
- Uma cozinha;
- Três salas de EPE (atualmente, só estando uma em funcionamento);
- Duas salas de aula atualmente em funcionamento (uma para o 2.º ano de escolaridade e outra para o 3.º ano de escolaridade).

Relativamente aos espaços exteriores, é composto por:

- Dois átrios cobertos;

- Um campo;
- Um parque Infantil;
- Um átrio semicoberto;
- Uma horta.

Relativamente aos recursos humanos, é composto por:

- Uma diretora;
- Duas Educadoras de Infância;
- Uma cozinheira;
- Uma auxiliar de cozinha;
- Duas auxiliares de limpeza;
- Uma administrativa.
- Um professor de Educação Física;
- Um professor de Artes Visuais;
- Um professor de Música;
- Um professor de apoio à biblioteca;
- Uma professora de Educação Especial;
- Um professor de Informática;
- Duas professoras do 1.º CEB;
- Um funcionário responsável pelo estabelecimento e pela horta.

É importante realçar que o professor de Música, o professor de Informática e a professora de Educação Especial não estavam sempre presentes na escola e tinham um dia específico para a sua aula.

7.3. Caracterização da Sala

A sala de aula é o espaço onde os alunos constroem a sua própria aprendizagem, portanto esta deve ter uma importância acrescida quando organizada e estruturada. Deve ser um espaço que transmita segurança aos alunos e deve possuir materiais que enriqueçam a sua aprendizagem. “O espaço é um lugar de bem-estar, alegria e prazer, um espaço aberto às vivências e interesses plurais das crianças e comunidades. Um espaço

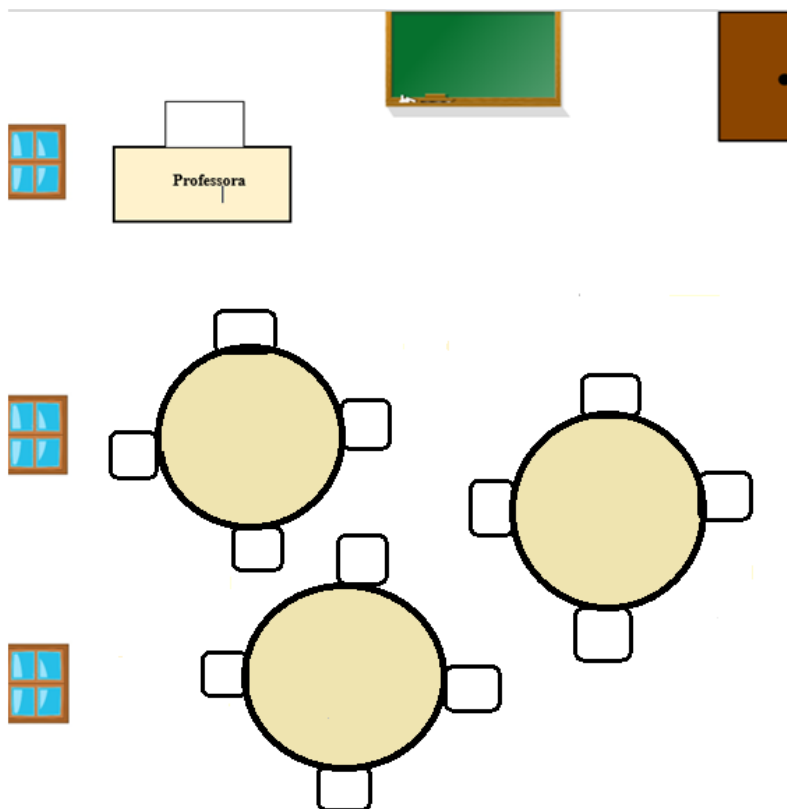
pedagógico que se caracteriza pelo poder comunicativo da estética, pelo poder ético do respeito por cada identidade pessoal e social, tornando porto seguro e amigável, abrindo-se ao lúdico e ao cultural” (Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho, 2011, p. 111)

A sala de aula do 1.º ano de escolaridade, apresenta duas formas distintas devido à pandemia global que estamos a vivenciar, denominada COVID-19. No início da minha prática pedagógica, mais precisamente nas duas primeiras semanas de observação a situação pandémica ainda não estava muito agravada, por isso a sala apresentava-se como na Figura 19. A sala é ampla e possui três janelas, um quadro de giz e a nível da disposição das mesas, possuía três mesas redondas, na qual cada uma representava um grupo com um nome específico. Como a turma era formada por 15 alunos, cada mesa continha 5 alunos. Os grupos eram escolhidos de forma aleatória pela professora e mudavam a cada período letivo. Os materiais didáticos encontravam-se à disposição dos alunos na sala de aula e a professora era apologista de uma aprendizagem cooperativa, por isso organizava a sala desta forma. O seu objetivo era que os alunos construíssem a sua aprendizagem de forma coletiva, apoiando-se uns aos outros e não de forma individual. A aprendizagem cooperativa tem como principal objetivo a aprendizagem de distintas aptidões e propósitos sociais considerados significantes e contribuí para que tendo por base as aprendizagens anteriores, os alunos obtenham novas informações e processem a informação obtida, bem como aprendam a pensar (Marchão, 2012). Desta forma, se analisarmos os métodos de aprendizagem competitiva, em grupos heterogéneos ou individualista, pudemos afirmar que em comparação a aprendizagem cooperativa garante aos alunos um maior aproveitamento escolar (Lopes & Silva, 2010).

Na minha opinião, a forma como a sala estava disposta era deverás enriquecedora porque os alunos podiam trabalhar em conjunto, apoiando-se coletivamente e ambos tinham uma boa visão para o quadro, não seguindo o modelo tradicional em que muitas vezes os alunos não têm tanta acessibilidade ao quadro ou possuem dificuldade de visão. Isto porque, “Mais do que um cenário organizado de forma rígida, em função de um modelo universal a aplicar de forma estereotipada, o que se propõe é um cenário que permita uma pluralidade de soluções que sejam congruentes com a necessidade do trabalho cooperativo, a autonomia dos alunos ou as atividades diferenciadas” (Cosme, 2018, p. 77)

Figura 19

Planta da Sala de Aula do 1.º ano de escolaridade (Pré-Pandemia COVID-19)

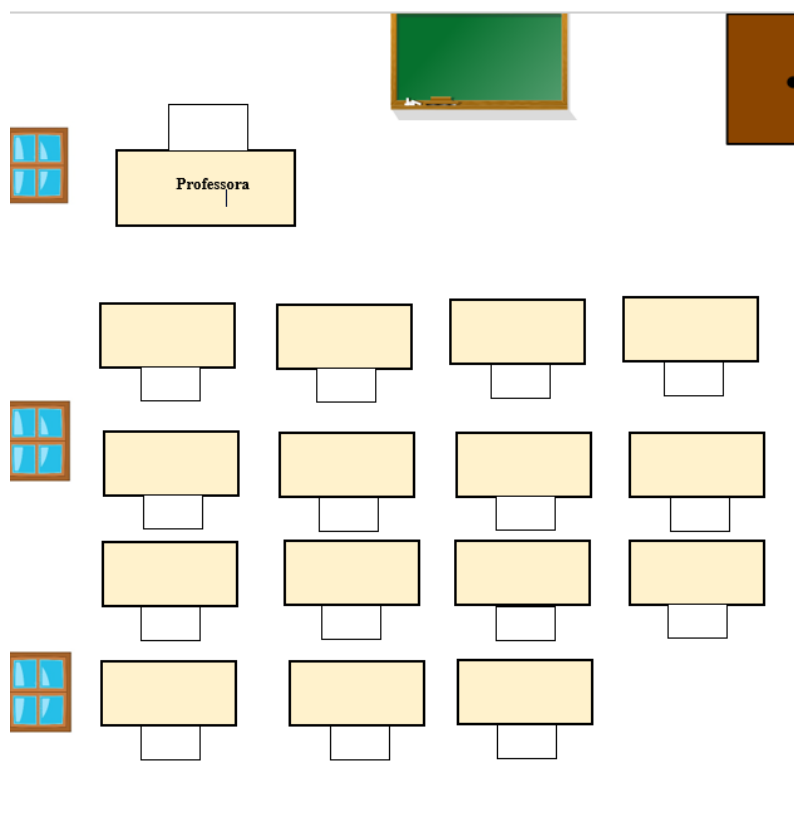


Infelizmente, quando a pandemia tomou uma maior dimensão a sala teve de ser toda estruturada, de maneira que os alunos não estivessem próximos. Por isso, a professora adotou o modelo tradicional, na qual as mesas estavam em filas estando uns alunos uns atrás dos outros como podemos observar na Figura 20. “Isto revelou-se como uma desvantagem por que anteriormente a sala estava organizada com quatro mesas redondas de forma que houvesse quatro grupos cada um com um nome atribuído e com distintos elementos sendo estes: grupo das flores, grupo das rosas, grupo das aves e grupo dos passarinhos e assim os alunos aprendiam e trabalhavam coletivamente o que era muito bom.” (Diário de Bordo, 21 de setembro). Apesar de a professora cooperante não ser a favor desta disposição da sala de aula, teve de cumprir as regras e logo após esta modificação houve o encerramento das escolas e a prática pedagógica teve de seguir o Ensino Remoto de Emergência e a sala de aula passou a ser cada uma das nossas casas e o nosso meio de contacto com os alunos passou a ser a plataforma ZOOM. Após retomada

a Prática Pedagógica, em registo presencial, a sala manteve-se organizada nesta disposição por ainda estarmos a vivenciar a pandemia e ser necessário manter as regras e restrições, não havendo alterações no aspeto da sala da prática pedagógica II para a prática pedagógica III.

Figura 20

Planta da Sala de Aula do 1.º ano e 2.º ano de escolaridade (Pandemia COVID-19)



7.4. Caracterização da Turma – 1.º ano de escolaridade

A turma do 1.º ano de escolaridade da Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão é composta por 15 alunos, sendo nove do género masculino e seis do género feminino. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 6 e 7 anos de idade e eram muito trabalhadores, amáveis, carinhoso, esforçavam-se imenso por aprender, muito afetuoso, respeitavam os adultos, bem-educados e demonstravam imenso interesse no conto de histórias e atividades de exploração de materiais. Como estavam no 1.º ano de escolaridade, os alunos ainda demonstravam dificuldades a nível de estarem corretamente sentados e alguns adormeciam por vezes na sala de aula. Ainda

tinham comportamentos característicos da EI, tal como a necessidade de ter um adulto sempre próximo e uma necessidade acrescida de atenção e carinho.

A nível da convivência social, os alunos eram próximos e ajudam-se mutuamente, mas tinham dificuldade a nível do respeito pelos colegas. Falavam por cima dos colegas e não respeitavam por vezes as opiniões dos mesmos. A maior parte dos alunos eram extrovertidos e adoravam o contacto com o exterior. Um aluno tinha acompanhamento específico de Necessidades Educativas Especiais e era medicado e outros dois alunos possuíam igualmente um apoio acrescido.

Como era o seu 1.º ano, estavam ainda aprender as letras do abecedário e a desenvolver a leitura e a escrita, por isso demonstravam alguma dificuldade. A sua área preferida era o Estudo do Meio e a Educação Física.

Posteriormente, quando passamos ao Ensino Remoto de Emergência, as dificuldades dos alunos fizeram-se ressentir e naqueles que tinham uma dificuldade acrescida, eu fiquei responsável por dar um apoio especializado nas distintas áreas: Português, Matemática e Estudo do Meio.

7.5. Estratégias de Ação Pedagógica

O EB é um marco na vida de um aluno, pois é a sua base para o seu futuro académico. É no EB que o aluno aprende a escrever, a ler, a contar e muito mais. Os alunos devem sempre ser os construtores da sua própria aprendizagem e o professor deve ser um orientador dessa mesma aprendizagem, valorizando as características individuais de cada um dos alunos e potencializando essas mesmas características. Os alunos e os professores tiveram de se adaptar a uma nova realidade e desenvolver estratégias e formas de ensino diferenciadas para que a partir da sua casa, pudesse chegar aos seus alunos.

Desta forma, todas as planificações que elaborei tiveram o intuito de promover aprendizagens significativas aos alunos, mesmo esta sendo uma situação atípica.

Assim, utilizei, resumidamente, as seguintes estratégias pedagógicas para responder à problemática que tinha em mãos de desenvolver um Ensino Remoto de Emergência:

- O recurso a programas de edição de vídeos;
- A plataforma Youtube para a publicação desses mesmos vídeos;
- Os meios digitais para fotografia e vídeo;

- A utilização de materiais didáticos: fantoches, mas também de materiais que possuímos na nossa casa que podem ser utilizados com uma intencionalidade pedagógica como: sal, açúcar, feijão;
- A plataforma ZOOM

Estas estratégias demonstram-se como cruciais para que pudesse desenvolver a minha prática pedagógica tendo por base o Ensino Remoto de Emergência e foram as minhas principais ferramentas de trabalho para que as atividades fossem dinâmicas e significativas para os alunos e para que eles pudessem aprender e replicar essas mesmas atividades em casa com o apoio dos seus familiares, estando assim inserido a família na educação dos alunos. A filmagem e edição de vídeos é complexo e teve de ser apreendida de forma rápida e eficaz para que pudesse dar uma melhor resposta aos alunos e um dos principais fatores a ter em atenção era a preparação das atividades e do espaço. Os vídeos que foram realizados, foram ensaiados por mim diversas vezes e tive sempre de testar primeiramente para ver se tinham a abordagem pretendida. O espaço que apesar de não ser o ideal por ser a minha casa, teve de ser organizado de forma que a visibilidade fosse boa.

7.6. Momentos de Aprendizagem

Após definidas as estratégias, serão agora enunciados alguns momentos de aprendizagem que realizei. Apresento então, seguidamente as atividades que realizei que comportam as estratégias acima enunciadas e que tiveram como principal objetivo fornecer aprendizagens significativas aos alunos do 1.º ano de escolaridade através do Ensino Remoto de Emergência. Sendo que, tal como à semelhança da Prática Pedagógica I, também irei abordar com especificidade apenas uma das atividades realizadas que na minha opinião foi a mais significativa para os alunos.

A – “Experiência Feijão”

Realizei o vídeo: “Experiência Feijão” como podemos ver na Figura 19, no qual demonstro aos alunos quais os materiais que são necessários para a experiência e explico o procedimento da mesma. Juntamente com o vídeo foi enviado para os alunos uma tabela de registo para anotarem o crescimento do seu feijão durante a 1.º, 2.º e 3.º semana através da realização de um desenho e o guião de procedimento da experiência que foi realizada

no vídeo. Através desta atividade, foram trabalhadas as áreas de Estudo do Meio, mais precisamente a constituição e o crescimento das plantas, bem como o Português e as Artes Visuais, visto que os alunos tinham de desenhar durante a semana o crescimento do seu feijão.

Figura 21

Vídeo-aula: Experiência do Feijão

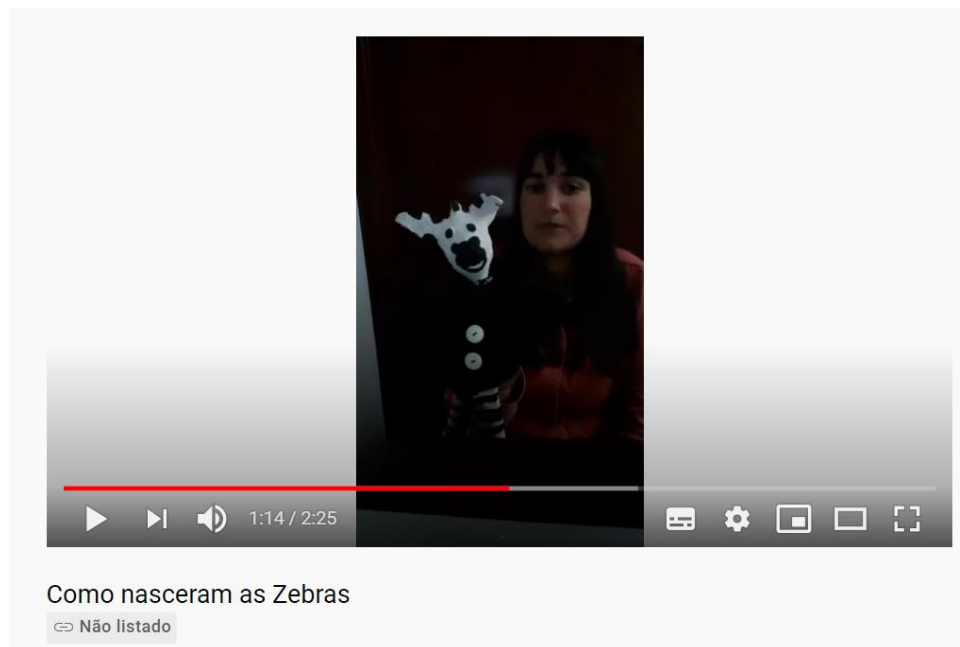


B – “Como nasceram as Zebras”

Nesta atividade, como os alunos estavam a aprender com a professora cooperante a letra Z, foi-me proposta a realização de um vídeo como pudemos observar na Figura 20, onde contasse histórias alusivas à letra Z. A primeira história chama-se: *Como nascem as zebras* de António Mota com ilustrações de José Saraiva e a segunda história chama-se: *O Jardim Zoológico* é uma história digital que pertence ao livro: *Letrinhas em Histórias*. Os fantoches utilizados nesta atividade foram o de uma zebra, uma girafa, uma abelha, uma rena, um leão e um coelho. Após os alunos visualizarem o vídeo tinham de desenhar o animal que mais gostem, sendo necessário que este animal contivesse a letra Z no seu nome. Esta atividade teve por objetivo desenvolver competências na área do Português e da Expressão Visual.

Figura 22

Vídeo-aula: Como nasceram as Zebras

**C – “Centro de Descobertas e Experiências”⁸**

Esta vídeo-aula é composta por diferentes experiências, todas elas com um objetivo pedagógico distinto. O meu objetivo primordial, no entanto, era que os alunos observassem, pudessem replicar as experiências em casa e adquirissem novos conhecimentos, por esse mesmo motivo todos os materiais utilizados foram pensados de forma que fossem objetos comuns que todos temos na nossa casa. Nesta vídeo-aula, demonstrei um conjunto de experiências referente à descoberta dos materiais e objetos. Esta tinha como objetivo o desenvolvimento de competências na área do Estudo do Meio e na área da Matemática. Importa referir que antes de concretizar as experiências da vídeo-aula, realizei-as anteriormente, testando e investigando e só posteriormente é que realizei um vídeo com as mesmas. “O professor deverá, em primeiro lugar, estar motivado para as ciências experimentais, porque não se trata apenas de fazer

⁸ Ver **Apêndice II**: Planificação da atividade: “À Descoberta dos Materiais e Objetos”

experiências, mas sim de abrir ao aluno as portas do conhecimento para esta área e para toda a sua vida” (Pacheco, 2015, p. 16).

Recolhi então os materiais necessário para a execução da vídeo-aula das experiências e a primeira experiência foi a de comparação de objetos comum que todos temos em casa a sólidos geométricos. Nesta experiência estão presentes os seguintes materiais: um cubo mágico, uma vela redonda, um globo, uma caixa de sapatos, um rolo de papel higiênico, um copo e uma borracha. O globo foi comparado à esfera, a caixa de sapatos foi comparada ao quadrado e assim sucessivamente. Através desta experiência, os alunos desenvolveram conceitos matemáticos, sendo assim uma forma de também eles próprios tentarem descobrir na sua casa objetos que representam sólidos geométricos, trabalhando em conjunto com a sua família, dado que é importante o envolvimento da mesma na educação dos alunos.

A segunda experiência foi a de dissolução, na qual dissolvi açúcar, sal e azeite na água e tinha de observar os resultados. Ou seja, quais os que se dissolviam e quais os que não se dissolviam. A terceira experiência foi a da prova de sabores, na qual tinha um saco de batata frita para representar o salgado, o limão para representar o amargo e mel para simbolizar o doce que são alimentos que a maior parte de nós tem nas suas casas. Ao escolher os alimentos para a experiência isso foi algo que tive em consideração. Então, provei cada um deles e enunciei o sabor de cada um referindo se era amargo, doce ou salgado. Os alunos assim ao realizar a experiência em casa, estavam a desenvolver competências a nível da área do Estudo do Meio e podiam igualmente experimentar outros alimentos e até realizar jogos com os seus familiares.

A quarta experiência foi a da textura, na qual tinha uma manta de pelos para representar o suave, uma lixa para simbolizar o áspero e um cachecol para simbolizar o liso, à semelhança da experiência anterior os materiais também foram escolhidos com rigor e de forma a ir ao encontro de todos os alunos.

Realizei então a vídeo-aula das experiências como pudemos observar na Figura 23, na qual demonstrei os materiais necessários para a mesma e todas estas experiências foram realizadas através do conto de uma história que foi criada por mim. “Foi importante demonstrar as experiências através do conto de uma história”. (Mapa de atividades, 1 a 5 de junho de 2020). O guião da história está presente no **Apêndice II: Planificação da atividade: “À Descoberta dos Materiais e Objetos”**

A vídeo-aula foi publicada no *YouTube* de forma privada, sendo que só os que têm o link podem aceder⁹. Por isso, enviei o *link* à professora cooperante que posteriormente o enviou aos alunos. Os alunos tiveram de visualizar a vídeo-aula das experiências com a ajuda de adultos, realizar os exercícios do manual a pedido da professora cooperante e completar uma ficha de consolidação que elaborei com o intuito de avaliar se eles tinham compreendido as experiências e se as tinham conseguido realizar com sucesso, ou seja, sendo esta um instrumento de avaliação formativa que está presente no **Apêndice II**: Planificação da atividade: “À Descoberta dos Materiais e Objetos”. “A experimentação é sempre motivo de curiosidade e de entusiasmo entre os alunos, independentemente da área do conhecimento. No entanto, é evidente que o ensino experimental apresenta um carácter ainda mais motivador, lúdico e essencialmente associado aos sentidos” (Pacheco, 2015, p. 14). Dado a pandemia atual esta foi uma forma dinâmica de desenvolver atividades com os alunos e de poder participar na sua aprendizagem, favorecendo assim a aprendizagem de novos conceitos e promovendo as ciências no ensino do 1.º CEB. Os alunos adoram concretizar experiências e observar os resultados e é certo que qualquer que seja a faixa etária, as experiências são admiradas e desejadas por todos nós e vivenciamo-las com entusiasmo e curiosidade.

Figura 23

Vídeo-aula: Centro de Descobertas Experiências



⁹ Link de acesso à vídeo-aula: <https://youtu.be/cNEVdseaCMk>

7.7. Reflexão sobre o Estágio de Ensino Remoto de Emergência

A atual pandemia mundial Covid-19 impossibilitou-nos de estar em contacto uns com os outros. Por essa mesma razão, o nosso estágio com os alunos deixou de poder ser presencial e passou a ser virtual. No meu caso, em particular, dei apoio individual semanal aos alunos que tinham mais dificuldades com a permissão dos seus pais e realizei vídeos com atividades sobre os conteúdos a abordar, também semanalmente, sendo que estes mesmos vídeos foram posteriormente publicados de forma privada na plataforma digital *YouTube*.

O facto de o estágio ser virtual, ou seja, à distância, permitiu-me adquirir competências informáticas que não possuía e desenvolveu a minha capacidade emocional, nomeadamente para lidar com situações adversas que podem ocorrer ao longo do meu percurso académico e futuro profissional. Apesar de termos algum contacto com os alunos, através da utilização de plataformas *online*, não se pode comparar à dinâmica de uma sala de aula em contexto presencial. Os alunos, no modo virtual, têm mais dificuldade em se concentrar e em realizar as atividades porque têm imensas distrações.

Ao fazer os vídeos adquiri competências de filmagens e desenvolvi uma metodologia pedagógica diferente que pode ser utilizada no futuro como uma forma distinta de apresentar conteúdos curriculares. Porém, ao elaborar os vídeos senti falta do *feedback* imediato dos alunos, coisa que existe na aula de aula em contexto presencial, mas que não é possível existir *online*.

Este foi realmente um grande desafio, pois deparei-me com inúmeras dificuldades porque não é fácil elaborar e editar vídeos, é algo complexo que requer muito tempo de trabalho e dedicação. A utilização de programas informáticos que desconhecia e que necessitei de aprender a utilizar eficazmente num curto espaço de tempo, foram também uma dificuldade que tive, mas que consegui suprimir através da prática e testagem frequente.

Os vídeos foram uma ótima ferramenta de ensino e aprendizagem, mas na minha opinião jamais substituem a interação que uma aula presencial proporciona. Ao elaborar os vídeos algo que tive sempre em consideração nas experiências de aprendizagem que organizei foi a utilização de materiais simples, que em princípio todos temos em casa, para que os alunos as pudessem replicar em casa. Depois, no que diz respeito ao apoio

individual, sinto que se fosse presencialmente os alunos teriam evoluído ainda mais do que aquilo que evoluíram ao nível das aprendizagens por que a concentração seria mais eficaz e não haveria o risco, por exemplo, de problemas de conexão de *internet* ou até mesmo problemas nos aparelhos tecnológicos que ocorreram.

É certo que o facto de a professora cooperante ter aceitado que eu interviesse nesta realidade e o apoio da professora Glória foram essenciais para que este estágio fosse possível realizar com sucesso porque foram as bases para que eu conseguisse desenvolver as atividades de ensino aprendizagem e aplicá-las de forma que estas fossem verdadeiramente significativas para os alunos.

Apesar de ser uma época difícil e de necessária adaptação para todos, e mesmo não podendo estar fisicamente com os alunos, sinto que deixei um bocadinho de mim em todo o processo por que pude ajudá-los a aprender e pude ensinar conteúdos importantes através da utilização de diversos materiais e experiências que eles puderam observar e depois trabalhar ou estudar em casa como também trago muitas aprendizagens e ensinamentos adquiridos com estes alunos.

Por fim, apesar de todas as dificuldades que enfrentei e superei ao longo de toda esta situação pandémica, relativamente ao estágio virtual penso que é uma mais-valia para a minha formação académica e para o meu futuro profissional por que me ensinou a superar todas as dificuldades e a querer fazer sempre mais e melhor pelos alunos. Também desenvolvi competências em áreas que nunca julguei que fossem essenciais para mim, sendo estas: a área informática e digital. Este estágio foi assim muito desafiante e enriquecedor. São as coisas mais difíceis da vida que são as mais belas e nos fornecem bases e aprendizagens distintas que nunca esqueceremos e, esta etapa do meu percurso académico, será sempre lembrado com orgulho e motivo de força para enfrentar todos os desafios que me forem propostos.

Capítulo 8 - Prática Pedagógica III - Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico - 2.º ano de escolaridade

8.1. Caracterização da Turma – 2.º ano de escolaridade

A turma do 2.º ano de escolaridade da Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão, é composta por 15 alunos, sendo nove do género masculino e seis do género feminino, mantendo-se igual. Os alunos têm idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos de idade e eram muito empenhados, afetuosos, criativos, honestos, extrovertidos, curiosos e compreensivos. Todos eles demonstravam o quanto gostavam de alguém e expressavam-se muito através de abraços. Eram mais autónomos do que eram no 1.º ano de escolaridade, adoravam atividades de exploração de materiais e traziam frequentemente muitas histórias para ler aos colegas. Todas as atividades que incluíssem pinturas, experiências, construção de objetos eram muito vivenciadas pelos alunos e igualmente muito desejadas. Porém, tinham alguma dificuldade em se relacionar uns com os outros e em respeitar os colegas. Um aluno tinha acompanhamento específico de Necessidades Educativas Especiais e era medicado e outros dois alunos possuíam igualmente um apoio acrescido, por isso era necessária uma atenção acrescida.

A nível da convivência social, os alunos eram próximos e ajudam-se mutuamente, mas tinham dificuldade a nível do respeito pelos colegas. Falavam por cima dos colegas e não respeitavam por vezes as opiniões dos mesmos. Os alunos adoravam estar em contacto com o exterior.

A área preferida dos alunos era o Estudo do Meio e a Educação Física e a área em que sentiam mais dificuldade era na Matemática, principalmente nas somas e subtrações e no Português em relação à leitura e a escrita. Muitos dos alunos tinham dificuldade na leitura.

Em todas as atividades propostas, os alunos estiveram sempre atentos e demonstraram interesse.

8.2. Projeto de Investigação-Ação

8.2.1. Enquadramento do Problema

A minha prática pedagógica III foi realizada na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão, mais especificamente, na sala da turma do 2.º ano de escolaridade.

Ao longo dos primeiros dias de observação participante no estágio, consegui observar alguns aspetos essenciais do desenvolvimento e aprendizagem de cada um dos alunos e do grupo, mais concretamente na forma como estes se correlacionavam e conviviam tanto na sala de aula como fora desta e foi estes aspetos que me permitiram chegar à problemática desta IA: **“Como é que os alunos do 2.º ano da turma B, podem desenvolver competências de cidadania e de convivência?”**

Na primeira semana de estágio foi já notório que os alunos tinham dificuldades em respeitar os colegas. Enquanto um colegava falava, os outros não faziam silêncio e falavam ao mesmo tempo e também por vezes não respeitavam as opiniões dos colegas. Ao observar o comportamento dos alunos, dialoguei com a professora cooperante e ela confirmou-me que essa era uma dificuldade que o grupo apresentava.

Quando aplicava atividades em grupo, era sempre notória a preferência dos alunos uns pelos outros e uma aluna chegou a recusar trabalhar com um colega numa das atividades propostas. Observei também diversas situações no quotidiano dos alunos, mais especificamente no recreio em que muitas vezes os funcionários se queixavam de não se respeitarem uns aos outros e de terem comportamentos mais agressivos. E a escolha do aluno responsável pelas atividades da semana, por vezes gerava conflitos porque os alunos queriam ser escolhidos, mas como era feito de forma aleatória, era uma questão de sorte, “Só que nesta semana, um dos alunos ficou chateado por que nunca foi o chefe e um dos colegas já tinha sido duas vezes e expliquei que como é à sorte pode acontecer essas situações.” (Diário de Bordo 9 de novembro de 2020).

Foi a partir destas evidências que decidi a problemática que iria ser alvo do meu enfoque pedagógico, ou seja, o desenvolvimento de competências de cidadania e convivência, mais especificamente tinha o intuito de promover a amizade e o respeito entre os alunos, sem desconsiderar as outras dimensões de aprendizagem a promover segundo as Aprendizagens Essenciais, o PASEO e o Projeto Educativo da Escola.

8.2.2. Questão de Investigação–Ação

Desenvolver competências de cidadania e convivência no 1.º CEB é primordial dado que todos nós vivemos em sociedades e todos alunos terão um futuro papel na sociedade como cidadãos ativos e conscientes.

Por essa mesma razão, desde o momento em que sinalizei esta problemática na turma do 2.ºB, foi para mim crucial torná-la o foco principal do meu projeto de IA. O meu objetivo principal foi o de suprir as dificuldades apresentadas e de desenvolver nos alunos competências na área da cidadania e convivência que envolvessem a promoção do respeito e da amizade e a partir da metodologia da IA, incorporei nas minhas planificações pedagógicas, estratégias que pudessem responder à seguinte questão de IA **“Como é que os alunos do 2.º ano da turma B, podem desenvolver competências de cidadania e de convivência?”**

8.3.3. Cidadania e Convivência

Todos nós fazemos parte do mundo e para vivermos em paz e harmonia, é necessário sabermos conviver em sociedade, bem como respeitarmos os deveres e conhecer os nossos direitos. Devemos ser cordiais e respeitar o outro, independentemente da sua cor e das suas ideologias, das suas crenças, mesmo que não concordemos com elas. Ainda que a maneira de pensar e de viver de uma pessoa seja distinta da nossa, é nossa obrigação respeitar e aceitar os outros tais como eles são. (Benítez, 2014).

Deste modo, é importante educarmos as nossas crianças para que estas respeitem o outro e saibam viver em harmonia na sociedade, pois são elas o futuro da humanidade. Segundo Perrenoud (2002), ao educar para a cidadania é necessário atuar em pelo menos três vertentes, sendo estas: proporcionar a cada indivíduo o adquirento de aptidões e conhecimentos para responder à complexidade da sociedade e do mundo; desenvolver através dos conhecimentos adquiridos o respeito pela opinião do outro e pelos factos e a razão; dedicar meios, competências, criatividade didática e tempo a um trabalho mais contínuo e intenso acerca das representações, conhecimentos e valores que suportam todo o contrato social e a democracia.

O espaço primário de educação para a cidadania de uma criança é a sua família porque esta é a base da sua socialização, sendo onde as crianças adquirem inicialmente a segurança, o afeto e a alteridade. (Vasconcelos, 2007). Não é apenas na escola que

aprendemos a respeitar os outros, a não criar conflitos, a viver em harmonia e em paz e a socializar e a criar afetos com as pessoas. Estas competências devem também ser trabalhadas no meio familiar, isto porque a família de uma criança deve ser o local onde está se sente mais segura e amada e onde as suas vontades são respeitadas. Embora, por vezes existam casos em que não é possível isto se verificar, devido à criança não possuir um meio familiar saudável, é daí que devem partir as bases e então posteriormente na escola, essas bases são aprimoradas no dia-a-dia das crianças.

A educação de uma maneira abrangente, bem como a educação para a cidadania, não são suficientes para solucionar os problemas com os quais nos deparamos no nosso dia-a-dia, contudo garantem que os indivíduos estejam aptos para viver segundo os princípios da harmonia, tolerância, respeito e paz e reconheçam quando estes princípios não são respeitados. (Nogueira & Silva, 2001) Ao educar para a cidadania, estamos a educar futuros cidadãos conscientes das suas ações e que respeitam o local onde vivem e as pessoas que nele habitam. “O sentido de ligação ao mundo relaciona-se com o desenvolvimento de uma orientação positiva relativamente a si próprio, aos outros, à comunidade e natureza” (Portugal & Laevers, 2018, p. 36) O mundo é de todos nós e não de cada um de forma individual, devemos respeitar aquilo que nos rodeia e sabermos que não estamos sozinhos e que dentro de cada um de nós há um indivíduo com diferentes sonhos, diferentes objetivos e diferentes comportamentos.

A construção da identidade é baseada na educação de valores e atitudes, sendo estes um dos principais fatores para o desenvolvimento da cidadania. (Beltrão & Nascimento, 2000). Desta forma, “A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social” (Educação D. G., 2013, p. 1).

A educação para a cidadania, no que diz respeito à ação pedagógica, tem por objetivo instruir indivíduos autónomos, altruístas e responsáveis que identificam os seus direitos e cumprem os seus deveres através do respeito pelo outro e do diálogo com espírito crítico, democrático, criativo e diversificado (Direção Geral da Educação, 2013). E esta ação pedagógica é da responsabilidade do docente, dado que este deve desenvolver estratégias que tenham por objetivo o desenvolvimento destas componentes. Carvalho, Sousa, & Pintassilgo (2015) afirmam que são múltiplas as questões segundo as quais os investigadores, educadores e professores devem se debruçar dado os “(...) tempos neoliberais, se queremos contribuir para a construção de um mundo mais igualitário e

com maior justiça social – e esse é certamente um dos desígnios da Educação para a Cidadania” (p. 37). Como docentes, devemos abordar a Educação para a Cidadania como uma área importante do currículo, pois de nada ensinarmos conceitos, se os alunos não possuírem valores, nem respeito pelos outros. De nada vale o conhecimento, se não o soubermos utilizar em harmonia e de forma respeitosa.

Ainda mais nos dias de hoje, “Num mundo cada vez mais interdependente, educar para a cidadania implica fundamentar o espírito de solidariedade, assente no respeito pela diversidade cultural e na consciência de que é a sobrevivência comum que está em causa” (Beltrão & Nascimento, 2000, p. 48) Vivemos num mundo em que a tecnologia detém um grande papel e cada vez menos as pessoas comunicam entre si e valorizam os pensamentos ou sentimentos dos outros, é fundamental inculcar estes valores de solidariedade, amizade e respeito nas crianças.

Numa sala de aula, é normal existir conflitos entre os alunos, porém a forma como o docente agente perante estes comportamentos é extremamente importante. Os conflitos que surgem entre os alunos devem ser reconhecidos e trabalhados e para tal é necessário que o docente transforme a escola num local de convivência e promova a compreensão entre os distintos estudantes (Nogueira & Silva, 2001). O docente, perante uma situação de conflito deve agir com calma e certeza, transmitindo aos alunos segurança e através do diálogo conseguir fazê-los compreender que agiram incorretamente e reconhecer que precisam agir de forma distinta. Os alunos devem se respeitar uns aos outros, independentemente da sua raça, cultura e características individuais, sendo papel do docente garantir que isto se verifica na sala de aula.

Assim sendo, educar para a cidadania é deverás importante porque estamos a ensinar os alunos a conviver e viver em harmonia e estamos a formar futuros adultos que irão exercer o seu papel no mundo de forma consciente e responsável. Cabe não só a família instruir estes valores, mas também ao docente na sala de aula promover o respeito, a solidariedade, a amizade e a compreensão.

8.4.4. Fases do Projeto

É importante denotar que este projeto, em particular, foi desenvolvido no decorrer de toda a minha prática pedagógica realizada no EB1/PE do Galeão, na turma B do 2.º ano de escolaridade, entre 26 de outubro e 16 de dezembro de 2020.

No decorrer da minha prática pedagógica, foi-me proposta a realização de uma IA que incidisse sobre uma problemática que fosse trabalhada de forma a suprir as necessidades dos alunos relativamente a área em questão sendo esta a questão da Cidadania e Convivência. Foi necessário detetar o problema em questão através das distintas observações, refletir sobre a temática e adquirir conhecimento sobre a mesma e agir pedagogicamente.

Desta forma, a problemática assinalada no grupo de alunos foi a Cidadania e Convivência, mais precisamente a promoção do respeito e a da amizade, dado que esta é essencial para a aprendizagem e desenvolvimento integral do aluno, sendo uma base fundamental para a sua vida. Desta forma, procurei através da revisão de literatura compreender o conceito, a sua importância e como promover momentos de aprendizagem com o intuito de desenvolver competências essenciais neste âmbito.

A metodologia utilizada foi a de IA, na qual recorri aos diários de bordo, à observação participante, ao registo fotográfico e à reflexão crítica sobre as atividades realizadas para poder implementar estratégias pedagógicas que tivessem como principal objetivo ir ao encontro dos interesses das crianças tendo subjacente questão desta IA.

Assim sendo, após o enquadramento contextual do problema seguido da questão de IA. Depois pela revisão preliminar teórica, a qual foi fundamental para adquirir conhecimento sobre a temática e adotar estratégias específicas, passarei então a referenciar as estratégias adotadas, bem como as atividades realizadas.

8.4.5. Estratégias de Ação Pedagógica

O EB marca uma nova etapa na vida de um aluno por ser uma base primordial de todo o futuro percurso académico. Os alunos descobrem o mundo das letras, o mundo dos números e tudo é novo e vivenciado com intensidade. É no primeiro ciclo que estes aprimoram todos os conhecimentos prévios adquiridos e constroem muitos mais conhecimentos, constroem o seu próprio conhecimento através das vivências e aprendizagens e da exploração do meio que os rodeia. Aprendem a conviver em sociedade, desenvolvem um maior número de competências a nível de todas as diferentes áreas e cresce num ambiente que deve ser favorável, seguro, criativo e onde este possa desenvolver todo o seu potencial. É crucial que o docente motive sempre os seus alunos, valorize as suas conquistas sejam estas quais forem, incentive a exploração do meio e aproveite todas as potencialidades que este oferece e, por fim, promova um ambiente de

bem-estar que tenha por base a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno que o permita criar inúmeras aprendizagens e vivências positivas. Todos os alunos têm características individuais que os tornam únicos e essas características devem ser valorizadas, por isso cabe ao docente respeitar cada aluno e desenvolver atividades que permitam que todos os alunos aprendam de formas distintas, respeitando os seus ritmos de trabalho e as suas dificuldades. As histórias são desejadas sempre por todos os alunos, porque permitem o imaginário e o criativo e possibilitam trabalhar todas as temáticas em qualquer uma das áreas, portanto como nos explica Benítez (2014):

A virtude da simplicidade que os contos possuem torna-os suficientemente atrativos, como os educadores tão bem sabem, para trabalhar os valores na sala de aula, pois podem ser compreendidos até pelos alunos com maiores dificuldades; a verdade torna-se acessível a todos os públicos, algo impossível se fosse transmitido através de canais mais elaborados que nem todos entenderiam. (p. 9)

Desta forma, ao elaborar as minhas planificações tive como objetivo a inclusão de atividades didáticas e significativas para os alunos que incluíssem o conto de histórias e a exploração e construção de materiais, por serem as atividades que estes demonstravam um maior interesse. O enfoque no objeto de estudo do meu trabalho de IA foi o desenvolvimento de competências de convivência e cidadania, mais especificamente, relacionadas com a promoção da amizade e do respeito nos alunos.

Antes de planificar, foi necessário estudar quais as estratégias pedagógicas que seriam utilizadas para responder à problemática assinalada na turma do 2.º ano de escolaridade da turma B. Então, apliquei as seguintes estratégias pedagógicas:

- Situações Lúdicas;
- Criação e construção de Materiais;
- Atividades de grupo;
- Poemas;
- Leituras;
- Histórias;
- Convivência Social;
- Cooperação;
- Situações de diálogo.

Estas estratégias foram o alicerce de todas as minhas atividades, sendo cruciais para desenvolver a minha problemática com os alunos. A partir destas estratégias, desenvolvi um projeto com os alunos denominado: “A árvore dos afetos”. Este projeto é composto por diversas atividades, as quais passarei a demonstrar até chegar ao resultado final do mesmo. O objetivo principal de todo o projeto foi que os alunos desenvolvessem competências de convivência e cidadania, mais precisamente valores de respeito e amizade pelos colegas, o que se verificou com sucesso. Todas as atividades são compostas por mais que uma das estratégias acima mencionadas e foram realizadas de forma a proporcionar aos alunos aprendizagens enriquecedoras e potencializadoras num ambiente educativo seguro e didático. Apresento então, seguidamente as atividades que realizei e que incorporam o projeto: “A árvore dos afetos” que tem por objetivos o desenvolvimento de valores de cidadania e convivência social, tais como: o respeito, a aceitação e a amizade; e, ainda, o desenvolvimento da escrita e da leitura; bem como o desenvolvimento da criatividade, da originalidade e da autonomia.

8.4.6. Momentos de Aprendizagem

Depois de enunciar todas as estratégias, irei referenciar alguns momentos de aprendizagem que realizei com os alunos do 2.º ano de escolaridade da turma B. Todos os momentos de aprendizagem foram importantes e enriquecedores, porém só um desses momentos será mais aprofundado, dado que no meu ponto de vista foi a atividade mais significativa para os alunos.

A – “Quanto vale a amizade?”

Leitura e exploração do texto: *Quanto vale a amizade* de Maria Lúcia Carvalhas para que os alunos trabalhassem a oralidade e relembassem os conceitos de estrofes, versos e rimas. O poema foi lido em conjunto com os alunos com recurso a diferentes estratégias de leitura como o rir e o chorar. Após a exploração do poema, pedi que os alunos formassem pares e dei a cada aluno um coração de cartolina vermelha com um furo pequeno para que depois colocássemos um fio de cordel que seguraria o coração na árvore dos afetos. O coração foi entregue a cada um dos alunos para que escrevessem e

desenhassem o que para eles significava a amizade e assim o fizeram. Estes corações serão posteriormente colocados na “Árvore dos Afetos” que é a atividade final do projeto.

B – “As formas de Natal”¹⁰

Esta atividade foi das atividades que mais gostei de concretizar com os alunos ao longo de todas as minhas práticas pedagógicas porque não só os alunos desenvolveram competências científicas como também competências emocionais e, por essa mesma razão, é a atividade que escolho aprofundar. Nesta atividade, começamos o dia por construir a nossa Árvore dos Afetos e para tal levei o galho de uma árvore para a escola, bem como um recipiente e terra e os alunos ajudaram-me a construir a nossa árvore que ficaria na sala de aula e na qual colocaríamos os corações da amizade e posteriormente os enfeites de Natal. Depois de construirmos a nossa árvore e colocarmos na sala de aula, fiz a leitura do texto do manual: “*O Natal*” de Maria Teresa Maia Gonzalez a pedido da professora cooperante e a exploração do mesmo elaborando questões. Posteriormente, os alunos contaram o número de parágrafos e identificaram-nos e tiveram de descobrir os nomes próprios e comuns presentes no texto.

De seguida, fizemos uma leitura coral e pausada de todo o texto e usamos diferentes estratégias de leitura como o rir, o chorar, o rápido e o lento. É uma forma didática de desenvolver competências linguísticas e incentivar o gosto pela leitura nos alunos. Fizemos a avaliação de leitura individual, na qual cada aluno leu um parágrafo e os seus colegas avaliaram a sua leitura. Para a avaliação de leitura, os alunos tiveram uns minutos para ler o texto e quando todos se sentiram preparados, iniciamos. É importante denotar que os alunos que tinham mais dificuldade, liam parágrafos mais pequenos e com o meu auxílio. Depois de cada aluno fazer a leitura, os seus colegas avaliavam-no em conjunto e preenchíamos a grelha de avaliação de leitura. A avaliação da leitura dos alunos era intercalada podendo esta ser realizada pelo próprio aluno (autoavaliação) ou pelos seus colegas (heteroavaliação). É uma forma de os alunos participarem ativamente na sua avaliação. E além do mais é importante que os alunos saibam avaliar de forma justa e também que criem laços com os seus colegas e valorizem os trabalhos dos mesmos, desenvolvendo assim competências de convivência e cidadania.

¹⁰ Ver **Apêndice III**: Planificação da atividade: “As formas do Natal”

Depois, abordei com os alunos a temática do Natal, perguntando como era o Natal de cada um deles e se gostavam e o que costumavam fazer no Natal e quais os presentes que queriam receber nesse ano. Posteriormente e após abordarmos a temática do Natal, distribuí pelos alunos pasta de modelar para que cada um escolhesse uma forma diferente de metal para decalcar: pinheiro, estrela, boneco de gengibre. Os alunos ficaram muito empolgados e pediram para fazer mais do que uma forma e fizeram então diferentes formas. Após decalcarem as mesmas, colocamo-las para secar e depois de estarem secas, os alunos pintaram e decoraram da forma que desejaram utilizando brilhantes, botões, papel EVA, todos os acessórios que estavam ao seu dispor, mas a decoração só pôde ser feita no dia posterior porque os moldes demoraram mais do que o esperado a secar. Sousa (2016) evidencia que tendo por base o desenho livre, o teatro, o canto, o diálogo livre, a dança e a criação artística, a criança exprime os seus sentimentos e aprendizagens, a sua vida afetiva e as suas vivências, cria, revela e inventa, sendo estes os elementos naturais da sua vida que a tornam um ser rico e único. As artes são, efetivamente, uma forma de expressão e devem ser utilizadas e valorizadas na sala de aula por que é através das mesmas que muitos alunos se tornam mais participativos e exprimem os seus sentimentos e saberes.

Sendo este um enfeite de Natal foi colocado no dia posterior por cada um dos alunos na “Árvore dos Afetos”, em conjunto com os corações da amizade que já tinham sido colocados anteriormente, completando assim a nossa árvore de Natal, à qual denominamos “Árvore dos Afetos” por simbolizar o amor, a amizade e a partilha, isto verifica-se nas Figuras 24 e 25. Os alunos desenvolveram competência a nível do Português, das Artes Visuais e acima de tudo a nível da Convivência e Cidadania e puderam explorar diversos materiais. O projeto da “Árvore dos Afetos” é sem dúvida um projeto que guardo com muito carinho e que pude ver que promoveu aprendizagens ricas, dinâmicas e significativas nos alunos.

“A atividade de expressão plástica correu muito bem, os alunos adoraram fazer os moldes e ficaram muito entusiasmados e felizes.” (Diário de Bordo, 15 de Dezembro). Para finalizar a nossa “Árvore dos Afetos”, como referido só foi possível finalizar a decoração no dia seguinte, por isso mesmo “Continuamos a decoração do nosso postal e quando todos os alunos finalizaram as decorações colocamos fios nos nossos moldes e decoramos a nossa árvore dos afetos com os mesmos, tornando-a muito bonita e especial.” (Diário de Bordo, 16 de dezembro de 2020). Esta atividade teve também como objetivo o desenvolvimento de valores de cidadania e convivência social, tais como: o respeito e

a aceitação; e, ainda, o desenvolvimento da escrita e da leitura; e o desenvolvimento da criatividade, da originalidade e da autonomia. Assim sendo, ao criarmos a árvore foi notório o meu entusiasmo e o da turma, pois sempre tive como objetivo que os alunos fossem o centro da aprendizagem, permitindo-lhes serem autónomos, desenvolvendo o seu nível cognitivo, emocional e outros da melhor forma possível. Através a atividade em si, os alunos puderam compreender melhor o significado da palavra amizade e respeito e puderam igualmente ser criativos e se exprimirem.

Figura 24

Corações da “Árvore dos Afetos” elaborados pelos alunos



Figura 25

As formas de Natal elaboradas pelos alunos



“A atividade de expressão plástica correu muito bem, os alunos adoraram fazer os moldes e ficaram muito entusiasmados e felizes.” (Diário de Bordo, 15 de dezembro de 2020).



“A criação da árvore dos afetos foi a minha atividade preferida e senti-me realizada a concluí-la e a professora Paula também adorou.” (Diário de Bordo, 2 de dezembro de 2020).

Figura 26

A nossa “Árvore dos Afetos”



C – “Postal de Natal”

Neste dia falamos sobre o Natal, sobre as prendas que os alunos pediram ao Pai Natal, sobre os costumes que temos no Natal e fizemos um postal alusivo a esta respetiva época que foi posteriormente decorado pelos alunos com recurso a diferentes materiais como: purpurinas, papel EVA, botões, entre outros. Depois da decoração e realização do postal de Natal, fizemos um jogo de Natal com o uso de um dado em que dependendo do número que calhar, os alunos terão de responder a uma pergunta distinta. Por ser o último dia, entreguei um mimo de Natal a cada aluno que foi realizado por mim, sendo este um pompom para eles colocarem na sua árvore, como pudemos observar na Figura 26.

Figura 27

Pompom oferecido aos alunos



D - Atividade Experimental: “Porque é que é importante lavar as mãos com sabão?”

Esta atividade partiu de uma questão importante: “Porque é que é importante lavar as mãos com sabão?” dado que na atualidade é ainda mais importante lavarmos as mãos com regularidade devido ao vírus COVID-19 e para consciencializar os alunos

sobre a pandemia atual realizei esta atividade. Esta questão foi escrita no quadro da sala de aula e foram anotadas as respostas dos alunos que foram as seguintes: “porque temos micróbios nas mãos” e “para cuidarmos da nossa higiene”. Seguidamente entreguei a cada um dos alunos o diagrama V de Gowin. Após o preenchimento do diagrama V de Gowin, realizamos uma experiência para verificar o que acontece às nossas mãos quando as lavamos corretamente. A experiência foi feita por cada um dos alunos e para isso entreguei a cada aluno uma taça de plástico com água e depois passei pelas mesas para deitar a canela na água e para observarmos que tal como as nossas mãos em contacto com as bactérias, a canela em contacto com a água, a água fica suja. Posteriormente, deitei no dedo de cada aluno uma gota de sabão para louça e pedi que eles coloquem o dedo no recipiente e observassem o que aconteceu. Quando todos os alunos finalizaram a experiência, debatemos sobre o que aconteceu, comparando com as nossas mãos quando estão sujas se lavarmos com sabão, a sujidade desaparece. Para finalizar a experiência, os alunos preencherão o lado direito do diagrama V de Gowin fazendo um desenho daquilo que observaram.

“Os alunos adoraram a experiência, ficaram maravilhados e surpresos com o resultado (...)” (Diário de Bordo, 30 de novembro de 2020).

Figura 28

Diagrama V de Gowin

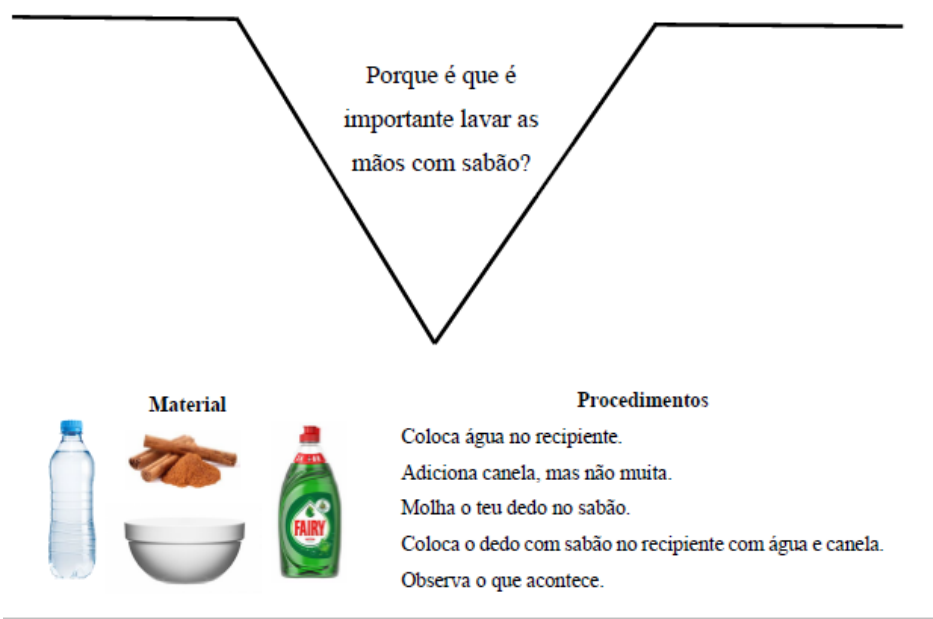


Figura 29

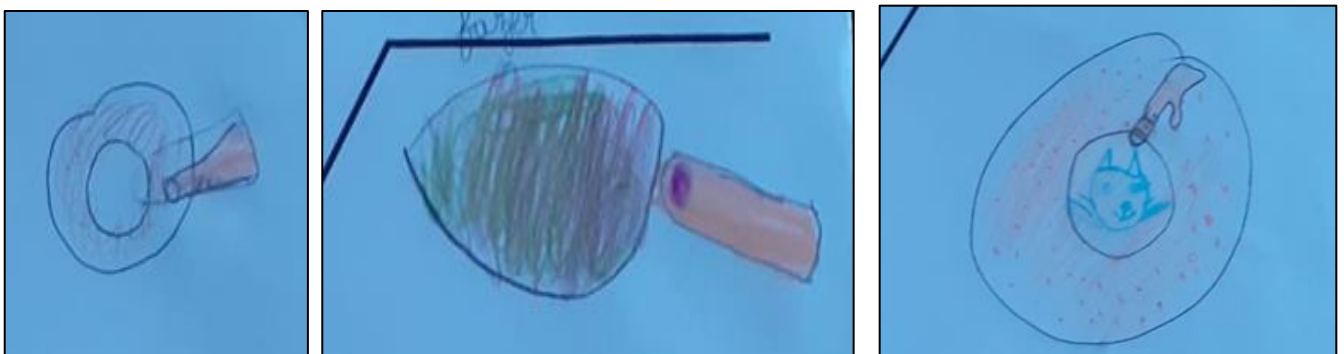
Alunos a concretizar a experiência



“Na minha opinião, a experiência foi uma mais-valia por que aborda algo muito importante que é a higiene e o cuidado com o nosso corpo e é uma forma didática de os alunos aprenderem conteúdos e gostei muito de realizar a experiência com os alunos.”
(Diário de Bordo, 30 de novembro de 2020).

Figura 30

Desenhos da experiência realizados pelos alunos



8.4.7. Reflexão Final

A PP III decorreu na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão, durante os meses de outubro, novembro e dezembro na turma do 2.º B.

A turma era composta por 15 alunos, sendo nove do género masculino e seis do género feminino e um aluno tinha necessidades educativas especiais. Os alunos eram muito trabalhadores, amáveis, carinhosos e esforçavam-se por aprender. Ao longo da PP III observei que a área que os alunos mais gostavam e tinham maior facilidade em aprender era o Português, por outro lado a Matemática era uma área na qual apresentavam imensas dificuldades.

Em todas as atividades propostas, os alunos estiveram sempre atentos e demonstraram interesse, porém demonstravam também dificuldade em respeitar os colegas. Foi algo que assinalei que teria de ser trabalhado, por isso realizei atividades que tivessem como objetivo principal a promoção do respeito e da amizade.

Desta forma, durante toda a prática pedagógica elaborei distintas atividades que tiveram por base estratégias e objetivos distintos, mas a que mais gostei de realizar e que, na minha opinião, foi mais significativa para a aprendizagem dos alunos foi o projeto da “Árvore dos Afetos”, composto por distintos momentos de aprendizagem.

Meneses (2019) defende que é importante que os pais e professores promovam os estímulos e as condições basilares para a participação das crianças, tendo em conta a sua faixa etária para saber que discurso utilizar, de forma que estas possam expressar melhor as suas opiniões. O facto de trabalharmos quer poemas, quer prosas faz com que os alunos adquiram um maior vocabulário e expandam os seus conhecimentos, sendo através dos textos que eles expressam opiniões. Ao longo da minha Prática Pedagógica, os alunos concretizaram diversas avaliações da leitura e a forma como esta era aplicada foi sempre distinta porque utilizámos diferentes estratégias tal como a heteroavaliação e autoavaliação e, num dos momentos, foi utilizado o cronometro, porque segundo Silva et al., (2016) o papel do docente é crucial ao longo de todo o processo de aprendizagem da leitura/escrita uma vez que ele é responsável pela criação de ambientes que promovam o envolvimento com a escrita e a leitura e incentivem o desenvolvimento de disposições

e atitudes positivas no que concerne à aprendizagem da linguagem escrita. Tendo em consideração este aspeto, fiz com os alunos avaliações de leitura que fossem diversificadas e significativas para eles, dando-lhes sempre reforço positivo. Com efeito, desde o início da minha prática pedagógica até o final, foi notória a evolução dos alunos, pois trabalhamos sempre a leitura e incentivando-a, inclusive levaram histórias para casa a fim de posteriormente apresentarem à turma quando quisessem e se assim o desejassem.

Meneses (2019) afirma que uma condição primordial para que uma criança possa se desenvolver e viver plenamente, formando-se como cidadã e defendendo os seus direitos, é o respeito pelo ser humano, subjacente ao respeito pela criança. Por essa razão, o meu projeto de IA foi exatamente desenvolver nos alunos estas competências, sustentadas na promoção do amor e da amizade.

A arte, de acordo com Sousa (2016), fomenta a criatividade e o desenvolvimento expressivo, fazendo com que a criança possua uma visão alargada do mundo e se torne mais sensível, por isso esta é tão importante na vida da criança. Assim, ao longo da minha prática pedagógica III tentei sempre implementar atividades que tivessem um cariz artístico, não só por este ter inúmeras potencialidades de aprendizagem, mas também por ser o tipo de atividades que os alunos mais gostam de realizar. Com efeito, a arte, no que concerne à Educação, tem como principal objetivo a formação de um cidadão criativo, participativo, consciente e crítico que esteja apto a compreender a realidade do seu meio. Esta promove o interesse pela reflexão, pelo desenvolvimento de uma capacidade crítica e por novas invenções de modo a formar sujeitos genuínos e ativos (Sousa, 2016).

A criança tem de ser a criadora do conhecimento que tem de si própria, da relação que estabelece com os outros e da sua própria educação, sendo capaz de participar de maneira criativa e crítica na construção de uma nova sociedade que lhe assegure um desenvolvimento integral, o mais harmonioso e humano possível (Meneses, 2019). Por isso mesmo, todas as atividades que desenvolvi foram cruciais para que os alunos pudessem ser criativos, estabelecessem e compreendessem a importância dos afetos do respeito e do carinho que não tem preço por serem sentimentos que nos completam e fazem felizes, estando assim a desenvolver relações de afetividade uns com os outros de forma pacífica, harmoniosa e criativa. Neste sentido, Meneses (2019) afirma que é imprescindível que o educador e o professor promovam um clima de aceitação, respeito, alegria, afetividade e cooperação, criando um ambiente educativo em que a criança/aluno possa exprimir a sua liberdade de forma responsável. O respeito pelo outro é algo que

deve ser fomentado na educação por que todos nós somos diferentes, temos culturas diferentes, gostos diferentes e únicos e isso deve ser respeitado.

Em todas as atividades realizadas ao longo da minha prática pedagógica, o principal objetivo sempre foi que as aprendizagens fossem significativas para os alunos e que estes fossem os principais (co)criadores da sua própria aprendizagem, contribuindo assim para o seu desenvolvimento e aprendizagem integral e profunda.

Em suma, o nível do 1.º CEB é fascinante em termos de vivências de aprendizagem porque podemos sempre diversificar a forma como abordamos uma área curricular e podemos sempre potencializar as atividades de ensino aprendizagem de modo a que sejam criativas e que os alunos possam participar ativamente no seu processo de aprendizagem. Assim, como futura professora pretendo proporcionar atividades de aprendizagem que enriqueçam e aprofundem os conhecimentos que os alunos já possuem, utilizando estratégias e materiais diversificados para que esses conhecimentos sejam adquiridos com sucesso e da melhor forma possível.

Considerações Finais

Chegada a etapa final desta longa caminhada de aprendizagens e vivências acadêmicas memoráveis, durante estes 5 anos, importa refletir sobre tudo aquilo que foi vivenciado. Sendo certo, que a concretização deste relatório marca o fim desta etapa, mas também o início de uma nova responsabilidade que é a de ser docente responsável e empenhada no bem-estar e sucesso das crianças/alunos.

Assim sendo, é um privilégio poder participar na construção de aprendizagem de uma criança e como tal, ser Educadora de Infância/Professora do 1.º CEB é saber olhar para as crianças como pessoas únicas que transportam um mundo de aprendizagens e conhecimentos em si. É, portanto, respeitar, amar e educar, é ser mais, muito para além do ensinar.

Todas as práticas pedagógicas (PP I; PPII; PP III) foram uma mais-valia na minha formação porque me permitiram desenvolver inúmeras competências e contactar com distintas realidades. Apesar de todos os receios que senti ao longo deste percurso, sinto-me orgulhosa de os ter superado e de, a cada prática pedagógica, evoluir mais e mais.

O presente relatório é, como já referi, um documento que me permitiu descrever e refletir sobre toda a minha formação académica e a sua construção demonstra que, por mais que o caminho seja agreste e por mais que a vida nos ofereça obstáculos, não há nada que não seja impossível de concretizar, desde que haja força de vontade, dedicação e ajuda

O Educador de Infância/Professor do 1.º CEB detém um papel muito importante na vida das crianças e, por essa razão, é essencial a promoção de aprendizagens dinâmicas e significativas que permitam o desenvolvimento global e saudável da criança/do aluno. Perante esta afirmação, todas as atividades que desenvolvi nas minhas práticas pedagógicas tiveram como objetivo proporcionar às crianças um ambiente saudável, seguro e com inúmeras potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem; permitir que eles (co)construíssem a sua própria aprendizagem através da exploração e da criatividade; providenciar a utilização de materiais educativos diversificados; auxiliar o crescimento das crianças para que elas sejam, acima de tudo, felizes a brincar e a aprender.

O objetivo primordial de qualquer Educador de Infância ou Professor do 1.º Ciclo é que a criança adquira competências duradouras e efetivas e que construa a sua própria

aprendizagem vivendo harmoniosamente com os outros e com o seu meio. Na atividade da Educação Pré-Escolar e na atividade do 1.º CEB, no Ensino Remoto de Emergência, ambas as histórias foram criadas por mim porque, na minha opinião, é importante desenvolver a criatividade nas crianças, logo é igualmente importante que o docente desenvolva a sua própria criatividade.

É igualmente fundamental que o Educador de Infância e o Professor do 1.º CEB conheça a legislação e esteja predisposto a dar o melhor de si para aprender sempre mais, para que possa proporcionar esses mesmos conhecimentos às crianças. Por esse mesmo motivo, este relatório marca o fim desta fase da minha formação académica, mas não o fim da minha formação que pretendo que seja contínua com a aquisição de novas competências e conhecimentos para poder acompanhar as mudanças do mundo e para adquirir, gradualmente, uma bagagem de conhecimentos ampla que permita a criação de atividades de aprendizagem enriquecedoras.

A IA, neste processo de formação académica, foi crucial, dado que me permitiu atender as problemáticas identificadas com o propósito de colmatar as dificuldades das crianças, sendo notória a evolução da resolução das mesmas. A verdade é que o docente deve refletir frequentemente sobre o seu dia-a-dia com as crianças e respeitar cada uma delas, tentando arranjar estratégias para resolver os problemas encontrados. Todas as crianças tem um mundo dentro de si com sentimentos, aprendizagens, preferências e competências distintas, por isso é da responsabilidade do docente potencializar as aprendizagens e promover uma aprendizagem que englobe as características individuais de todas e de cada uma das crianças/alunos.

As crianças/os alunos foram a minha fonte de inspiração para todas as atividades desenvolvidas, dado que ao planificar tive sempre em consideração as suas características globais e individuais com o objetivo de proporcionar uma educação/ensino de qualidade com atividades dinâmicas, criativas, significativas e que desenvolvessem inúmeras competências e conhecimentos. Neste relatório não foram descritas todas as atividades com detalhe, mas foram referenciadas aquelas que, na minha opinião, foram as que as/os crianças/alunos demonstraram mais entusiasmo e exprimiram a sua felicidade. Escolhi aprofundar com pormenor apenas uma, de cada prática, por considerar que foi a que forneceu às/aos crianças/alunos aprendizagens mais significativas e igualmente por terem sido desenvolvidas por elas/eles de forma a que fossem criativos, autónomos e promotores da sua aprendizagem. Como nos dizem Sá & Varela (2004), todas as crianças conseguem “(...) superar complexos desafios de natureza cognitiva, com grande prazer e

sentimento de realização pessoal, quando abordadas numa atmosfera de estimulação do pensamento e criatividade, baseada nos princípios de respeito, de liberdade e de comunicação e expressão da sua afetividade” (p. 11).

O facto de na EPE contactar com um método de aprendizagem/ensino muito específico, o método João de Deus, permitiu-me alargar os meus conhecimentos e observar de que forma é que este é implementado e como é que funciona a sua dinâmica fora da sala de atividades e dentro da mesma. O Ensino Remoto de Emergência, através da E@D, demonstrou ser algo complexo inicialmente, por ser uma nova realidade para todos nós, sendo necessário uma rápida adaptação do ensino, na qual tive de desenvolver competências informáticas e tecnológicas com rapidez e precisão para poder criar vídeo-aulas e participar na aprendizagem dos alunos. No entanto, este facto foi valioso porque consegui superar todas as dificuldades surgidas, desenvolvendo competências e conhecimentos que me prepararam para uma realidade de aprendizagem distinta da que estava habituada, neste sentido ajudaram no desenvolvimento da minha futura vida profissional.

A palavra que melhor descreve todo este percurso é “agridoce” porque não foi um caminho fácil, pois tive de enfrentar alguns obstáculos e superar receios, mas no fim tudo foi compensador e poder fazer parte da aprendizagem e da vida das crianças foi sem dúvida algo muito gratificante. As crianças são o melhor do mundo e fazem-nos muitas vezes olhar para as coisas e para a vida de uma forma mais leve, pura e bonita, porquanto devem ser respeitadas, amadas, valorizadas e protegidas.

Sinto-me extremamente feliz por ter experienciado tudo aquilo que tentei relatar neste trabalho e, também, por tudo aquilo que cada uma das crianças com quem contactei me ensinou. Todos os pequenos passos e todas as aprendizagens ao longo destes cinco anos, quer as aprendizagens teóricas, quer as aprendizagens práticas, permitiram-me construir a minha identidade profissional e crescer como pessoa.

Finalizo este relatório de prática pedagógica, em contexto de estágio na EPE e no 1.º CEB, com a certeza de que adquiri inúmeras competências e de que participei na aprendizagem das crianças, mas que ainda me aguardam novos desafios, novos conhecimentos e novas experiências. Tenho igualmente a certeza de que estou preparada para esses desafios e que darei sempre o meu melhor diariamente, enquanto profissional e enquanto pessoa, porque tal como afirma o grande poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.”

Referências

- Alarcão, I. (2010). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (7.^a ed.). Cortez Editora.
- Azcue, J. (outubro de 2012). *A escola onde se aprende* (1.^a ed.). Príncípia Editora, Lda.
- Azevedo, A., Marques, L., & Baptista, M. d. (s.d.). *Educação Pré-Escolar: A organização do espaço e dos materiais refletem os Fundamentos e Princípios da pedagogia para a Infância?* (D.-G. d. (DGE), Ed.). <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/epe.pdf>.
- Beltrão, L., & Nascimento, H. (2000). *O Desafio da Cidadania na Escola*. Editorial Presença.
- Benítez, L. (2014). *Educar e aprender com os valores* (1.^a ed.). Bookout, Lda.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Brazão, P. (2012). *A construção e a análise do software diário etnográfico eletrónico na investigação etnográfica em educação*. Em U. d. Madeira (Ed.).
- Carvalho, C., Sousa, F. d., & Pintassilgo, J. (2005). *A educação para a cidadania como dimensão transversal do currículo escolar*. Porto Editora, Lda.
- Cosme, A. (2018). *Autonomia e Flexibilidade Curricular: Propostas e Estratégias de Ação* (1.^a ed.). Porto Editora, Lda.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Em C. P. Coutinho, A. Sousa, A. Dias, F. Bessa, M. J. Ferreira, & S. Vieira, *Psicologia, Educação e Cultura* (Vol. XII, pp. 355-379).

- Dadas, A. d. (2014). *Pedagogia da Consideração pela Criança - Inovar em Educação de Infância*. Positivagenda.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Relógio D'Água.
- Dewey, J. (2007). *Democracia e Educação* (1.^a ed.). Plátano Editora, S.A.
- Durão, A., & Raposo, A. (30 de dezembro de 2020). *DESAFIOS DO ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA: DA PRÁTICA À TEORIA*. (U. d. Beja, Ed.). <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/20999>.
- Educação, D.-G. d. (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas orientadoras*. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf.
- Educação, M. d. (30 de agosto de 2001). Decreto-Lei n.º 240/2001. (D. d. República, Ed.) *Decreto-Lei n.º 241/2001*, pp. 5572 - 5575. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/631843/details/maximized>.
- Educação, M. d. (30 de agosto de 2001). Decreto-Lei n.º 241/2001. (D. d. República, Ed.) *Decreto-Lei n.º 241/2001*, pp. 5572 - 5575. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/631843/details/maximized>.
- Educação, M. d. (Janeiro de 2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico* — 1.º Ciclo. (4.º). Portugal. <http://santiagomaior.drealentejo.pt/site/programas/ocp1c>.
- Educação, M. d. (6 de julho de 2018). Decreto-Lei n.º 54/2018. (D. d. República, Ed.) *Decreto-Lei n.º 54/2018*, pp. 2918-2928. <https://dre.pt/application/conteudo/115652961>.
- Educação, M. d. (6 de julho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018. (D. d. República, Ed.) *Decreto-Lei n.º 55/2018*, pp. 2928-2943. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/dl_55_2018_afc.pdf.

- Educação, M. d. (6 de Julho de 2018). *Organização Curricular e Programas - Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica*. (4.º). Portugal. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Expressoes_Artisticas_e_Fisico-Motoras/eb_eafm_programa_1c.pdf.
- Estevinha, M. d. (2019). *Projeto Educativo 2019-2023 - "Brincar, aprender e crescer"*. (J. E. Funchal, Ed.). <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/projeto+/FMfcgxwGCGsZrtjsLpqjPFBNPkQTGTD?projector=1&messagePartId=0.1>.
- Ferraz, I., Pocinho, M., & Fernandes, T. (2018). *Programa de Treino da Consciência Fonológica*. (U. d. Madeira, Ed.). <file:///C:/Users/ludi%20faria/Downloads/Programa%20de%20Treino%20da%20Consci%C3%Aancia%20Fonol%C3%B3gica%20.pdf>.
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa - Uma Forma de Aprender Melhor*. Livros Horizonte.
- Freitas, M. J., Alves, D., & Costa, T. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica* (1.ª ed.). (M. d.-D.-G. Curricular, Ed.) http://area.dge.mec.pt/gramatica/O_conhecimento_da_lingua_desenv_consciencia_fonologica.pdf.
- Hébert, M. L., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas* (3.ª ed.). Instituto Piaget.
- Lino, D. (2000). O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: Uma Apresentação. Em J. Oliveira-Formosinho, B. Spodek, P. C. Brown, D. Lino, & S. Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (2.ª ed., pp. 93-136). Porto Editora.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2010). *O professor faz a Diferença*. Lidel - edições técnicas, lda.

- Loureiro, J. P. (abril de 2013). *Papel do Educador e do Professor do 1.º ciclo do Ensino Básico - Conceções dos diferentes agentes envolvidos no processo educativo*. (I. P.-E. Santarém, Ed.).
https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1548/1/Relat%C3%B3rio%20Final_Joana%20Loureiro.pdf.
- Ludovico, O. M. (novembro de 2004). *As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar num Contexto de Supervisão: Rpresentações das Educadoras Cooperantes*. (U. d. Évora, Ed.) p. 210.
<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/15619>.
- Marchão, A. d. (2012). *No jardim de infância e na escola do 1º ciclo do Ensino Básico - Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. (F. M. Ferro, Ed.). Edições Colibri.
- Martins, G. D., Gomes, C. A., Brocardo, J. M., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L., Silva, L. M., . . . Rodrigues, S. M. (26 de julho de 2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. (M. d.-G. (DGE), Ed.) p. 30.
https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.
- Martins, I. P. (2006)). *Inovar o Ensino para Promover a Aprendizagem das Ciências no 1.º Ciclo*. (M. d. Educação, Ed.). Revista Noesis, Dossier Mãos na massa: Ensino Experimental das Ciências.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.
- Ministério da Educação (Agosto de 2020). *Orientações para a Recuperação e Consolidação das Aprendizagens - ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021*. (D.-G. d. ((DGE), Ed.) p. 51.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes_2020.pdf.

- Mendes, G. R. (julho de 2019). *Linhas Curriculares e Práticas de Educação de Infância: Um estudo pelas vozes das crianças*. p. 337.
- Meneses, R. A. (abril de 2019). *Respeito pelo outro: o trabalho colaborativo na base da construção de uma socialização saudável*. Minho, Portugal: Universidade do Minho.
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/62167/1/Rita%20Alexandra%20Gomes%20Meneses.pdf>.
- Moreira, J. A., Henriques, S., & Barros, D. (2020). *Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*. (U. N. Julho, Ed.). <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9756>.
- Nogueira, C., & Silva, I. (2001). *Cidadania: Construção de novas práticas em contexto educativo* (4.^a ed.). Asa Editores II, S.A.
- Oliveira, C. R. (julho/dezembro de 1998). *João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal*. (H. d. Educação, Ed.) 2(4).
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4891769>.
- Oliveira-Formosinho, J. (2020). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação* (4.^a ed.). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Andrade, F. F., & Formosinho, J. (2011). *O espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto Editora, Lda.
- Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D., & Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação*. Porto Editora.

- Pacheco, M. J. (2015). *A importância das atividades experimentais no processo de ensino - aprendizagem.* p. 136.
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24996/1/Relat%C3%B3rio%20Final%20Maria%20Pacheco.pdf>.
- Pereira, A. L. (2013/2014). *O Trabalho de Projeto e aprendizagens em Educação Pré-Escolar.* (E. S. Frassinetti, Ed.) p. 100.
<https://core.ac.uk/download/pdf/62497719.pdf>.
- Pereira, F.-S., & Leite, C. (2019). *Política do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória e desafios para a formação de professores.* (C. e. Universidade LaSalle - Revista de Educação, Ed.) 24(1), p. 10.
<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5603/pdf>.
- Pereira, G. (novembro de 2012). *O Percurso Curricular Alternativo, um desafio à Inovação Pedagógica? Uma abordagem etnográfica aos cenários de aprendizagem de uma turma de 5º ano com proposta de PCA.* (U. d. Madeira, Ed.) p. 422.
<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/580/1/DoutoramentoGoretePereira.pdf>.
- Perrenoud, P. (julho de 2020). *A Escola e a Aprendizagem da Democracia. 1.ª*, 160. Asa Editores II, S.A.
- Pires, C. M. (2008). *Educador de Infância - Teorias e Práticas.* (Profedições, Ed.).
- Portugal, G., & Laevers, F. (2018). *Avaliação em Educação Pré-Escolar: Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC) (2.ª ed.).* Porto Editora, Lda.
- Roldão, M. d., & Almeida, S. d. (2018). *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e dos Professores.* Portugal: Direção-Regional da Educação.
file:///C:/Users/ludi%20faria/Downloads/livro_gestao_curricular.pdf.

- Sá, J., & Varela, P. (2004). *Crianças aprendem a pensar Ciências - Uma abordagem interdisciplinar*. Porto Editora, Lda.
- Saint-Exupéry, A. d. (2016). *O Príncipezinho*. Porto Editora, Lda.
- Silva, I. M. (2016). *Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação*. (Lisboa, Ed.). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar: http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf.
- Silva, M. I. (setembro de 1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (M. d. Educação, Ed.) p. 98. <file:///C:/Users/ludi%20faria/Downloads/e638fb8e0bb946769dfa33a15c9e8713.pdf>.
- Silva, M. M. (novembro de 2015). *O MEIO ENVOLVENTE COMO UM CONTRIBUTO PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA*.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. (M. d.-D.-G. Curricular, Ed.) Lisboa, Portugal. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/linguagem_comunicacao_jardim_infancia.pdf.
- Sousa, C. P. (fevereiro de 2016). *A importância da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (E. S. Frassinetti, Ed.). <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2282>.
- Sousa, J. M. (2019). Currículo, Inovação e Flexibilização na perspetiva académica. *Currículo, Inovação e Flexibilização na perspetiva académica*. <http://www3.uma.pt/jesusousa/Publicacoes/121JMS.pdf>.
- Valadares, J. (2011). *Teoria e Prática de Educação a Distância*. Universidade Aberta.

- Vasconcelos, T. (2007). *A Importância da Educação na Construção da Cidadania*. (12). <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/714>.
- Veríssimo, L. (julho-dezembro de 2020). Diversidades Educação de Infância. *A importância da Educação Pré-escolar no sucesso escolar do 1.º Ciclo*. Secretária Regional da Educação.
- Vidal, E. (2002). *ENSINO À DISTÂNCIA VS ENSINO TRADICIONAL*. (U. F. Pessoa, Ed.) p. 76. <http://files.efa-portalegre.webnode.com/200000021-ecdc8edd85/educa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20dist%C3%A2ncia.pdf>.
- Viecheneski, J. P., & Carletto, M. (maio-agosto de 2013). *Por que e para quê ensinar ciências para crianças*. (R. B. Tecnologia, Ed.). https://www.researchgate.net/publication/271183048_Por_que_e_para_que_ensinar_ciencias_para_crianças.
- Vieira, F. H. (2018). *O Ensino na Escola de Hoje*. Climepsi Editores.
- Vygotsky, L. S. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia*. (1.ª ed.). DINALIVRO.
- Zabalba, M. (1994). *Diários de Aula*. Porto Editora.
- Zabalba, M. A. (1998). *Qualidade em Educação infantil*. ARTMED.

Apêndices

Apêndice I: Planificação da atividade: “A Rena Rodolfo”

Planificação de 2 de dezembro: “A Rena Rodolfo”						
Tema: Natal		Sala: Bibe Amarelo II			Idade: 3 anos	
Áreas de Conteúdo	Atividade	Estratégias	Recursos		Tempo	Objetivos Específicos
			Materiais	Humanos		
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>- Mantém e justifica as suas opiniões, aceitando também as dos outros.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Conto de uma lengalenga alusiva à rena Rodolfo e ao Natal com acessórios (Apêndice I). 	<p>O Natal é uma época muito especial e mágica que enche de cor e alegria os nossos dias. É no Natal que as sensações ficam à flor da</p>	<p>- Lengalenga alusiva à rena Rodolfo e ao Natal (Apêndice I);</p>	<p>- As crianças; - A educadora; - A auxiliar; - A estagiária.</p>	1 hora	<p>- Promover o contacto com distintos géneros literários, neste caso específico, a lengalenga.</p>

<p>- Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização tintas e pincéis, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa.</p> <p>- Revela interesse e gosto por aprender, usando no quotidiano as novas aprendizagens que vai realizando.</p> <p>- Revela confiança em experimentar atividades novas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Repetição da lengalenga por parte das crianças. • Pequena dramatização com o fantoche de pé da rena Rodolfo. • Experimentação por parte das crianças de uma pequena dramatização com o fantoche de pé da rena Rodolfo. • Elaboração de um adorno reciclável de 	<p>pele e temos o aconchego de toda a família.</p> <p>Dessa forma e dado a importância do Pai Natal e das suas renas, num primeiro momento, irei dizer uma lengalenga (Apêndice I). A lengalenga é alusiva ao Natal e à rena Rodolfo e é importante realçar que à medida que for dizendo a lengalenga usarei objetos que estão mencionados na história para a tornar mais apelativa. Como por exemplo, ao dizer: “sacos de encomendas” mostrarei um saco com caixas que irei trazer. No fim, irei pedir às crianças que repitam a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Almofadas; - Paletas; - Tinta de cor castanha; - Pinceis; - Copos com água; - Fantoche de pé da rena Rodolfo; - Caixas de ovos; - Sacos; - Caixas de papel; - Sapatos; - Bostick; - Água; - Sabão. 			<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a lengalenga e ser capaz de reproduzi-la. - Promover a dicção através da repetição da lengalenga. - Promover a participação e a descoberta através da pequena dramatização com o fantoche de pé da rena; - Promover a liberdade de expressão.
---	---	--	--	--	--	--

<p>- Espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção nos diálogos, dando oportunidades aos outros para intervirem.</p>	<p>uma rena para a árvore de Natal do projeto da comunidade.</p>	<p>lengalenga comigo e irei afixá-la no placar da sala.</p> <p>De seguida, irei fazer uma pequena dramatização com um fantoche de pé da rena Rodolfo, pedindo a cada criança que experimente também o fantoche dizendo uma pequena frase, incentivando-os à dramatização.</p>				<ul style="list-style-type: none"> - Promover a autonomia e a autoestima. - Promover a expressão dramática. - Promover o respeito entre as crianças e a participação nas atividades. - Adquirir novo vocabulário. - Promover a expressão plástica através da elaboração do adereço de rena.
Área de Expressão e Comunicação						
<p>- Realiza movimentos locomotores e não locomotores básicos, de forma coordenada, utilizando o corpo no espaço, no tempo e com diferentes dinâmicas.</p>		<p>Num último momento e após concretizada a dramatização, vamos todos juntos para as mesas para elaborarmos as renas de Natal com material reciclável para enfeitar a árvore de Natal que será</p>				

<ul style="list-style-type: none"> - Faz perguntas sobre novas palavras e usa novo vocabulário. - Ouve atentamente a lengalenga, mostrando prazer e satisfação. - Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (pintura, modelagem) recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores e formas). - Representa e recria plasticamente temas, neste caso específico, o Natal, uti- 		<p>elaborada por nós estagiários com garrafas de plástico.</p> <p>Neste primeiro dia, as crianças irão apenas pintar de castanho a caixa dos ovos que eu já levarei recortada e que irá ser o focinho da rena.</p>				<ul style="list-style-type: none"> - Promover atividades com materiais recicláveis.
--	--	--	--	--	--	--

lizando diferentes materiais (matérias moldáveis e material reciclado) e diversos meios de expressão (pintura, colagem e moldagem).

- Se envolve em situações de jogo dramático cada vez mais complexas (caracterização de papéis, desenrolar da ação, interações verbais e não verbais, tempo de duração).

- Se interessa pelo teatro e comenta os espetáculos a que assiste.

- Recria e inventa histórias e diálogos para o fantoche de pé da rena.

Área do Conhecimento do Mundo

- Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos conhecimentos que construiu.

- Identifica algumas manifestações do património cultural como, por exemplo, festividades, neste caso específico, o Natal.

<p>- Conhece diferentes animais, neste caso específico, a rena.</p>						
<p>Avaliação</p>	<p>Através desta atividade irei avaliar se as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreendem a lengalenga; • São capazes de repetir a lengalenga; • Participam ativamente ao longo de toda a atividade; • Conseguem concretizar uma pequena dramatização com o fantoche de pé da rena; • São capazes respeitar o outro e aguardar pela sua vez; • Interessam-se pela dramatização com o fantoche de pé da rena; • Reconhecem outras formas de texto, neste caso específico, as lengalengas; • Reconhecem o material reciclável utilizado para o adereço da rena; • São capazes de elaborar a pintura da rena; • Demonstram interesse e entusiasmo ao longo de toda a atividade. 					

Referências

Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Apêndices:**Apêndice I:** Lengalenga alusiva à rena Rodolfo e ao Natal

“Para que servem as renas?

Para trazer as encomendas.”

“E o que são as encomendas?

São sacos cheios de prendas.”

“E para que servem os sacos?

Para trazer sapatos.”

“E os sapatos são de quem?

A rena Rodolfo é que os tem.”

“E quem é a Rena Rodolfo?
É uma rena com um nariz fofo.”

Planificação de 3 de dezembro: “Continuação da atividade da Rena Rodolfo”

Tema: Natal

Sala: Bibe Amarelo II

Idade: 3 anos

Áreas de Conteúdo	Atividade	Estratégias	Recursos		Tempo	Objetivos Específicos
			Materiais	Humanos		
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>- Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Ensinar e cantar a canção de Natal: “<i>As Cores do Natal</i>” de BBtwins (Anexo I) 	<p>O Natal é a época mais especial do ano que nos enche o coração de alegria não só pelas prendas que recebemos, como também pelos convívios em família e pelos doces que comemos todo o dia.</p> <p>Num primeiro momento, ensino a canção: “<i>As Cores de</i></p>	<p>- Canção: “<i>As Cores do Natal</i>” de BBtwins (Anexo I);</p> <p>- Almofadas;</p> <p>- Instrumentos musicais;</p>	<p>- As crianças;</p> <p>- A educadora;</p> <p>- A auxiliar;</p> <p>- A estagiária.</p>	1 hora	<p>- Promover a expressão musical através da canção.</p> <p>- Promover o contacto com os diferentes</p>

<p>- Espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção nos diálogos, dando oportunidades aos outros para intervirem.</p> <p>- Revela interesse e gosto por aprender, usando no quotidiano as novas aprendizagens que vai realizando.</p> <p>- É progressivamente capaz de explicitar e de partilhar com o/a educador/a, com a estagiária e as outras crianças o que descobriu e aprendeu.</p>	<p>com o auxílio de instrumentos musicais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer os gestos alusivos à canção. • Continuar a elaboração da rena com matérias recicláveis. • Jogo da consciência fonológica com palavras alusivas à 	<p><i>Natal</i>” de BBTwins (Anexo I) às crianças.</p> <p>Para ensinar a canção irei cantá-la várias vezes e depois dizer frase por frase às crianças para que elas repitam. Depois de todas as crianças saberem a canção, entregarei a cada uma um instrumento musical, deixando-as explorarem os instrumentos um bocadinho.</p> <p>Após terem explorado livremente os instrumentos, faremos todos o batimento rítmico para cantarmos a canção e usarmos os instrumentos musicais, fazendo-o duas vezes.</p> <p>Por fim, vamos guardar os instrumentos e cantar a canção fazendo gestos alusivos à mesma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eva castanha; - Cola uhu; - Pistola de cola quente; - Lã vermelha; - Limpador de cachimbo maleável castanho; - Tesoura; - Cartolina A3; - Imagens impressas da rena, pai natal, entre outras; - Flocos de neve de papel 		<p>instrumentos musicais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a noção de batimento rítmico; - Promover a liberdade de expressão. - Promover a autoestima através da participação das crianças na elaboração do adorno da rena. - Promover a expressão plástica
---	---	---	---	--	--

<p>- Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização tintas e pincéis, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa.</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p>	<p>temática do Natal.</p>	<p>Depois de explorar a canção através de diferentes dinâmicas, iremos continuar o nosso projeto de elaboração das renas e neste dia iremos: colar as orelhas que levarei já feitas em papel Eva; fazer o nariz da rena com lã vermelha e, por fim, fazer as hastes da rena com um material maleável que levarei.</p> <p>Por fim e depois de termos a nossa rena pronta, como ao longo destes dois dias teremos abordado a temática do Natal, levarei uma cartolina A3 com imagens fotocopiadas de uma rena, do pai natal e de outros elementos. Colocarei a cartolina A3 no meio do tapete e com as crianças faremos a divisão silábica dessas palavras primeiro com o batimento das</p>	<p>Eva branco e dourado.</p>			<p>através das colagens.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a consciência fonológica através do jogo. - Contribuir para um aumento de bem-estar da criança. - Promover o respeito entre as crianças. - Adquirir novo vocabulário.
<p>- Aceita e cumpre as regras do jogo proposta pela estagiária.</p>						

<p>- Faz perguntas sobre novas palavras e usa novo vocabulário.</p> <p>- É capaz de compreender e esquematizar as regras dos jogos.</p> <p>- Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual (modelagem e colagem) recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores e formas).</p> <p>- Representa e recria plasticamente temas, neste caso específico, o Natal,</p>		<p>palmas e depois colocando os bocadinhos da palavra na cartolina para que contemos quantos têm.</p> <p>Por exemplo, rena, fazemos rena e depois colocamos um bocadinho para “re” e outra para “na”, tendo assim dois bocadinhos.</p> <p>É importante realçar que os bocadinhos irão ter o formato de um floco de neve dada a temática e que cada criança irá fazer sozinha uma das palavras e colocar os bocadinhos alusivos à mesma.</p>				<p>- Promover a motricidade-fina através do contacto e manuseamento dos diferentes materiais apresentados.</p> <p>- Suprir as dificuldades a nível da consciência fonológica.</p>
--	--	---	--	--	--	---

<p>utilizando diferentes materiais (matérias moldáveis e material reciclado) e diversos meios de expressão (pintura, colagem e moldagem).</p> <p>- Identifica auditivamente sons vocais e corporais e sons instrumentais.</p> <p>- Canta canções com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica (pulsação e acentuação) e da respiração.</p>						
---	--	--	--	--	--	--

- Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções.
- Identifica o número de sílabas de uma palavra.
- Elabora frases completas aumentando gradualmente a sua complexidade.

**Área do
Conhecimento do
Mundo**

- Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos

<p>conhecimentos que construiu.</p> <p>- Identifica algumas manifestações do património cultural como, por exemplo, festividades, neste caso específico, o Natal.</p> <p>- Conhece diferentes animais, neste caso específico, a rena.</p>						
<p>Avaliação</p>	<p>Através desta atividade irei avaliar se as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreendem a letra da canção; • São capazes de reproduzi-la; • Sabem utilizar os instrumentos musicais; • São capazes de realizar o batimento rítmico da canção; 					

	<ul style="list-style-type: none">• Conseguem reproduzir gestos alusivos à canção;• São capazes de colar e dobrar os materiais necessários para o adereço da rena;• Conseguem concluir o adereço da rena;• São capazes de produzir divisões silábicas;• Conseguem concretizar de forma autónoma o jogo da consciência fonológica;• Demonstram interesse e entusiasmo ao longo de toda a atividade;• Participam ativamente ao longo de toda a atividade.
Referências	<p>Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). <i>Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar</i>. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.</p> <p>BBtwins. (9 de novembro de 2018). <i>As Cores do Natal Canções de Natal Creche Pré-Escolar BBtwins Vídeos HD Português</i>. Obtido de Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=1T4Rrf-58z8</p>

Apêndice II: Planificação da atividade: “À Descoberta dos Materiais e Objetos”

À Descoberta dos Materiais e Objetos					
Semana 1 a 5 de junho de 2020					
Cenário de aprendizagem /Componentes do currículo / Disciplinas /Áreas	Aprendizagens essenciais	Tarefas propostas	Duração prevista	Recursos e Materiais	ACPA
Estudo do meio (Tecnologia; Sociedade/Natureza/Tecnologia)	<p>Tecnologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar experiências em condições de segurança, seguindo os procedimentos experimentais. - Saber manusear materiais e objetos do quotidiano, em segurança, explorando relações lógicas de forma e de função. 	<p>Para esta quinta semana de estágio a professora cooperante propôs a realização de um vídeo no qual eu demonstrasse um conjunto de experiências referente à descoberta dos materiais e objetos. Este vídeo tem como objetivo que a demonstração das distintas experiências contemple uma aula.</p> <p>Assim sendo, antes de iniciar as experiências, recorri a pesquisas das</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Escola Virtual; - Telescola; - Manuais virtuais; - Recursos e materiais didáticos; - Câmara; - Um cubo mágico; - Uma vela redonda; - Um globo; - Uma caixa de sapatos; 	- A, C, I, F.

<p>Matemática (Números e Operações; Geometria e Medida)</p>	<p>- Identificar as propriedades de diferentes materiais (Ex.: forma, textura, cor, sabor, cheiro, brilho, fluatibilidade, solubilidade), agrupando-os de acordo com as suas características, e relacionando-os com as suas aplicações.</p> <p>Sociedade/Natureza/Tecnologia:</p> <p>- Saber colocar questões, levantar hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicar, reconhecendo como se constrói o conhecimento.</p> <p>Números e Operações:</p> <p>- Ler e representar números no sistema de numeração decimal até</p>	<p>mesmas para ver as que se adequavam de uma melhor forma e só posteriormente recolhi os materiais necessários para a execução das experiências e do vídeo.</p> <p>A primeira experiência será a de comparação de objetos comuns que temos em casa a sólidos geométricos.</p> <p>Nesta experiência estarão contemplados os seguintes materiais: um cubo mágico, uma vela redonda, um globo, uma caixa de sapatos, um rolo de papel higiênico, um copo e uma borracha.</p> <p>A segunda experiência será a de dissolução, na qual irei dissolver açúcar, sal e azeite na água e observar os resultados.</p> <p>A terceira experiência será a da prova de sabores, na qual terei um saco de batata frita para representar o</p>	<p>2 horas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Um rolo de papel higiênico; - Um copo; - Uma borracha; - Açúcar; - Sal; - Copos reutilizáveis; - Azeite; - Saco de batata frita; - Limão; - Mel; - Uma lixa; - Uma manta de pelos; - Um cachecol; - Vídeo da aula das experiências; - Fichas do manual de matemática (anexo 1). 	
--	--	--	----------------	--	--

	<p>100 e identificar o valor posicional de um algarismo.</p> <p>Adição e subtração:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e descrever regularidades em sequências e em tabelas numéricas, formular conjecturas e explicar como são geradas essas regularidades. <p>Raciocínio matemático:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar, oralmente, ideias matemáticas, e explicar raciocínios, procedimentos e conclusões. <p>Comunicação matemática:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver interesse pela Matemática e valorizar o seu papel no desenvolvimento das outras 	<p>salgado, o limão para representar o amargo e mel para simbolizar o doce.</p> <p>A quarta experiência será a da textura, na qual terei uma manta de pelos para representar o suave, uma lixa para simbolizar o áspero e um cachecol para simbolizar o liso.</p> <p>Realizei então o vídeo, no qual demonstro os materiais necessários para a experiência, bem como a realização das experiências, através do conto de uma história.</p> <p>Esse vídeo foi publicado no YouTube de forma privada, sendo que só os que têm o link podem aceder. Então, enviei o link à professora cooperante que posteriormente o enviou aos alunos.</p>	<p>2 horas</p> <p>30 min.</p> <p>2h30m</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de consolidação das experiências (anexo 2). - Guião textual do conto das experiências (anexo 3). 	
--	--	--	--	---	--

	<p>ciências e domínios da atividade humana e social.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver confiança nas suas capacidades e conhecimentos matemáticos, e a capacidade de analisar o próprio trabalho e regular a sua aprendizagem. - Desenvolver persistência, autonomia e à-vontade em lidar com situações que envolvam a Matemática no seu percurso escolar e na vida em sociedade. <p>Geometria e Medida – Figuras Geométricas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e comparar sólidos geométricos, reconhecendo semelhanças e diferenças, e identificando polígonos 	<p>Os alunos terão de visualizar a vídeo-aula das experiências e realizar as mesmas com a ajuda de adultos.</p> <p>Ainda nesta quinta semana de estágio, irei dar apoio a uma aluna nas disciplinas de matemática e português. O apoio de matemática será na terça e terá a duração de 1 hora. Dado que na segunda-feira é o Dia da Criança, não irá haver apoio e que a aluna tem mais dificuldade na matemática e o português está avançado. Na matemática, iremos acabar a ficha sobre os números e começar nos sólidos geométricos, sendo as páginas 91,92,93 e 94.</p>	1 hora		
--	---	---	--------	--	--

	<p>(triângulos, quadrados, retângulos) e círculos nesses sólidos.</p> <ul style="list-style-type: none">- Descrever figuras planas, identificando as suas propriedades, e representá-las a partir de atributos especificados.				
--	---	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--

Avaliação: A avaliação será feita através das experiências que os alunos realizam e da realização das fichas de consolidação das experiências.

Anexos:

Anexo 1: Fichas do manual de matemática

3. Pinta da mesma cor os que representam o mesmo número. Observa o exemplo.

10 11 - 2 8 20 9 6 + 4
 oito nove 10 + 10 dez vinte 5 + 3

4. Decompõe os números.

11	17	20
<input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>

5. Pinta os que representam uma dezena.

9 + 1 15 - 5 6 + 3 12 - 1 6 + 4

6. Ordena os dias da semana de 1 a 7. Pinta de verde as etiquetas dos dias em que tens aulas.

sexta-feira domingo
 terça-feira quarta-feira segunda-feira
 sábado quinta-feira

7. Traça um segmento de reta [DM] geometricamente igual ao segmento de reta [A7].

© 2014 Alameda



Ainda não sou
TOP

Sou quase
TOP

Já sou
TOP



Sabias que...

Os triângulos são os "tijolos" de todas as figuras geométricas formadas por segmentos de reta. Qualquer forma constituída por segmentos de reta pode ser dividida em triângulos.



Utiliza um programa de computador para desenhares e pintares figuras geométricas diferentes. Experimenta dividir algumas dessas figuras em triângulos.

Atividades

1. Observa a imagem e dialoga sobre ela com os teus colegas.
2. Cola os autocolantes dos sinais de trânsito.
3. Quantas rodas têm 5 ?
4. Desenha as bicicletas para estas rodas.



Superfícies planas

1. Observa a forma como as crianças estão a olhar para os objetos.

2. Liga cada criança à parte do objeto que consegue ver.

Tip! Para identificarmos partes planas e partes não planas de objetos, podemos observá-los de diferentes perspetivas (de cima, de lado, alinhando uma parte do objeto com o nosso olhar...).

As partes planas podem ser vistas como retilíneas (um conjunto de pontos alinhados).

Superfícies planas

2. Pinta apenas as partes planas dos modelos de sólidos seguintes:

3. Pinta de azul os objetos que só têm partes planas e de vermelho os que têm partes não planas.


4. Liga cada objeto ao modelo de sólido com forma semelhante.


Anexo 2: Ficha de consolidação das experiências


Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar de São Roque – Edifício do Galeão
Estagiária: Leonilde Faria


Nome: _____ Data: _____


1. Observa os seguintes objetos e escreve por baixo a que sólido geométrico ele se assemelha.




















 Cilindro



 Cone



 Cubo



 Esfera


 Paralelepípedo


2. Escreve por baixo de cada elemento se dissolve ou não dissolve na água de acordo com o que observaste.










3. Observa as imagens e escreve por baixo qual o alimento que é doce, salgado ou amargo.









4. Faz a ligação da palavra ao objeto.

Liso 

Aspero 

Macio 

Anexo 3: Guião textual do conto das experiências

- Era uma vez uma menina chamada Alice que tinha um grande sonho. A Alice queria ser cientista, por isso a sua mãe levou-a ao centro de experiências e descobertas para que ela pudesse observar algumas experiências para depois reproduzir em casa. Ao chegar ao centro a primeira experiência que observou foi: “Os Sólidos Geométricos”. A Alice tinha de olhar para os objetos e descobrir a que sólido geométrico estes se assemelhavam e pensar se teria outros objetos diferentes em casa que também se parecessem com sólidos geométricos, utilizando o sentido da visão. Querem ver como foi? Vou mostrar-vos. Prestem atenção (realização da primeira experiência).

Após essa experiência, a Alice deslocou-se a outro canto onde observou a seguinte experiência (realização da segunda experiência). Então o que Alice observou assim como vocês foi a dissolução de objetos na água, utilizando também o sentido da visão. Ora, vamos lá descobrir que elementos é que dissolvem na água. Será que o azeite vai dissolver na água? E o açúcar? Depois de observar quais os elementos que dissolvem na água, sentiu um cheiro doce.

Correu então para a outra experiência: a dos sabores, na qual tinha de adivinhar qual o alimento que era salgado, doce e amargo, utilizando o sentido do paladar. Vamos lá experimentar como a Alice (realização da experiência).

Por fim, para acabar o seu dia no centro de experiências e descobertas, a Alice tocou em alguns materiais para sentir a sua textura (vamos experimentar – realização da última experiência). O que é que a Alice descobriu? Descobriu qual era macio, liso ou áspero, utilizando o sentido do... tato.

Apêndice III: Planificação da atividade: “As formas do Natal”

Planificação de 15 de dezembro: “As formas do Natal”						
Tema: Natal		Turma: 2.ºB			Idade: 7/8 anos	
Cenário de aprendizagem /Componentes do currículo / Disciplinas /Áreas	Aprendizagens essenciais	Estratégias	Recursos		Duração	ACPA
			Materiais	Humanos		
Português (Oralidade; Leitura; Escrita; Educação Literária; Gramática)	Português Oralidade: - Identificar intenções comunicativas de textos orais, designadamente perguntas, afirmações, exclamações	<p>O gosto pela leitura é algo que devemos promover em todos os alunos desde cedo por que é através da mesma que nós alargamos o nosso vocabulário e melhoramos a nossa escrita e dicção.</p> <p>Dessa forma, começarei por ler o texto: “<i>O Natal</i>” de Maria Teresa Maia Gonzalez (anexo I).</p>	- Manual de Português; - Quadro; - Texto: “ <i>O Natal</i> ” de Maria Teresa Maia Gonzalez (anexo I); - Giz; - Apagador;	- Os alunos; - A professora; - A estagiária.	2 horas	A, B, D, E, F, H

	<p>apreciativas, ordens, pedidos.</p> <p>- Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de técnicas diversas.</p> <p>- Falar com clareza e articular de modo adequado as palavras.</p> <p>- Variar adequadamente a prosódia e o ritmo discursivo em função da finalidade comunicativa.</p>	<p>Após a leitura do texto, iremos explorar o mesmo, verificando quantos parágrafos tem e identificando os mesmos e se estão presentes no texto nomes próprios e comuns e, por fim, descrevendo a temática que este aborda, dialogando um pouco sobre o Natal.</p> <p>De seguida, iremos fazer uma leitura coral e pausada e faremos a avaliação de leitura individual, na qual cada aluno lerá um paragrafo e os seus colegas irão avaliar a sua leitura para preenchermos a grelha de avaliação de leitura.</p> <p>Tendo por base o texto, irei depois distribuir pelos alunos pasta de modelar e cada um escolherá uma forma diferente de metal para</p>	<p>- Caderno; - Bostick; - Lápis; - Borracha; - Tintas guache variadas; - Pinceis; - Glitters; - Água; - Sabão; - Pasta de modelar; - Formas de metal de Natal; - Ficha de avaliação de Estudo do Meio.</p>			
--	---	---	---	--	--	--

	<p>- Planear, produzir e avaliar os seus próprios textos.</p> <p>Escrita:</p> <p>- Escrever corretamente palavras com todos os tipos de sílabas, com utilização correta dos acentos gráficos e do til.</p> <p>- Escrever textos curtos com diversas finalidades (narrar, informar, explicar).</p>	<p>decalcar: pinheiro, estrela, boneco de gengibre, decorando-as e pintando-as posteriormente da forma que desejarem, sendo este um enfeite de Natal que poderá ser colocado na sua árvore de Natal.</p> <p>Por fim, iremos fazer as fichas das páginas 68 e 69 do manual de Português.</p> <p>Após o intervalo, faremos a ficha de avaliação de Estudo do Meio.</p>			<p>1 hora e 30 minutos</p>	
--	--	--	--	--	----------------------------	--

	<p>- Utilizar o ponto final na delimitação de frases e a vírgula em enumerações e em mecanismos de coordenação.</p> <p>- Proceder à revisão de texto, individualmente ou em grupo após discussão de diferentes pontos de vista.</p> <p>Leitura:</p> <p>- Compreender o sentido de textos com características narrativas e</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>descritivas, associados a finalidades diferentes (lúdicas, estéticas, informativas).</p> <p>- Identificar informação explícita no texto. Identificar e referir o essencial de textos lidos. Ler com articulação correta, entoação e velocidade adequadas ao sentido dos textos.</p> <p>Gramática:</p> <p>- Mobilizar adequadamente as regras de ortografia,</p>					
--	---	--	--	--	--	--

<p>Artes Visuais (Apropriação e Reflexão; Experimentação e Criação)</p>	<p>ao nível da correspondência grafema-fonema e da utilização dos sinais de escrita (diacríticos, incluindo os acentos; sinais gráficos e sinais de pontuação).</p> <p>Artes Visuais Experimentação e Criação:</p> <p>- Experimentar possibilidades expressivas dos materiais (carvão vegetal, pasta de modelar, barro, pastel seco, tinta</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>cenográfica, pincéis e trinchas, rolos, papéis de formatos e características diversas, entre outros) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações.</p> <p>- Escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas.</p> <p>- Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.</p> <p>- Appreciar os seus trabalhos e os dos seus colegas, mobilizando diferentes critérios de argumentação.</p>					
<p>Avaliação</p>	<p>Através desta atividade irei avaliar se os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cumprem as regras da sala de aula; • São capazes de ouvir a leitura do texto e reproduzi-la; • Reconhecem o conteúdo expresso no texto; • São capazes de exprimir a sua opinião; • Demonstram autonomia ao longo de toda atividade; 					

	<ul style="list-style-type: none">• São capazes respeitar o outro e aguardar pela sua vez;• Compreendem a oralidade;• Concretizam a avaliação de leitura;• Avaliam os seus colegas com rigor;• São capazes de realizar os exercícios propostos;• Produzem a atividade de expressão plástica de forma autónoma e com entusiasmo;• São capazes de identificar os nomes próprios e comuns no texto, bem como os seus parágrafos;• Conseguem realizar a ficha de avaliação de Estudo do Meio.
Referências	<p>Educação, D.-G. d. (Julho de 2019). Aprendizagens Essenciais de Português. (D.-G. d. Educação, Ed.) Portugal. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_2a_ff.pdf.</p> <p>Educação, D.-G. d. (Julho de 2019). Aprendizagens Essenciais de Artes Visuais. (D.-G. d. Educação, Ed.) Portugal. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_artes_visuais.pdf.</p> <p>Educação, D.-G. d. (Julho de 2019). Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio. (D.-G. d. Educação, Ed.) Portugal. Obtido de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/2_estudo_do_meio.pdf.</p>

Anexos

Anexo I: Texto: “O Natal” de Maria Teresa Maia Gonzalez

O Natal



Finalmente, chegou o dia 25 de dezembro, o dia mais bonito do ano! Sara e os pais foram almoçar a casa dos avós, onde já estavam os tios e o primo. Foi o avô quem veio abrir a porta, e logo se sentiu um cheiro muito agradável aos doces de Natal: sonhos, rabanadas, filhós...

Durante o almoço, Sara mal conseguiu comer o peru assado, tão ansiosa estava para o momento que se seguiria à sobremesa. Quando os adultos se sentaram nos sofás, Sara foi sentar-se ao piano da avó e, então, fez-se silêncio na sala.

Do lado direito do piano, estava a árvore de Natal que a avó tinha enfeitado com bolas, fitas coloridas e uma estrela dourada. Debaixo da árvore estava o presépio.

Então, a menina fez descer as mãos sobre o teclado e começou a tocar para surpresa de todos... Sara até podia tocar de olhos fechados, porque os seus dedos sabiam todas as notas de cor! Eram mesmo dedos com música!



Apêndice IV: Pedido de Colaboração aos pais: Recolha de garrafas de plástico transparentes 1,5L



Pedido de Colaboração: Recolha de garrafas de plástico transparentes 1,5L

Exmo. (a) Sr. (a) Encarregado (a) de Educação,

Eu, Leonilde Ludovina Abreu Faria, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Universidade da Madeira, em estágio no Jardim Escola João de Deus e, em conjunto com os meus restantes colegas estagiários, venho por este meio solicitar a sua colaboração para a elaboração de um projeto que envolve toda a comunidade educativa. O presente projeto consiste na elaboração de uma árvore de Natal com materiais recicláveis com o objetivo de, para além de envolver toda a comunidade educativa, fomentar também a consciencialização para a importância da reciclagem. Para tal, a vossa colaboração consistiria em, se possível, fornecer garrafas de plástico transparentes de 1,5L até o dia 29 de novembro. Mas informo que, depois de concluída, a árvore ficará exposta no recinto escolar.

Certa de que o seu contributo nos irá ajudar a desenvolver este projeto, agradeço antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade.

Nome da Criança	Tomei conhecimento
André Vicente Silva	
Beatriz Fontes Martins	
Emília Sofia de Barros Castanho	
Francisca de Almeida Nogueira N. Fortes	
Frederica Maria Fernandes Albuquerque	
Guiomar Andrade Costa de Jesus Silva	
Joana Freitas	
Juliana Maria Oliveira Fernandes	
Lourenço da Silva Spinola Soares Lopes	
Maria Evelina Magalhães Vieira M. Pinto	
Maria Francisca Medina Negrais	
Maria Leonor de Sousa Santos	
Magalie Andrade Peres	
Matias de Araújo Barbosa	
Santiago Neves de Cunha Peres	
Valentina Rodrigues	
Sofia Martina Gonzalez	